Acontece no Vale do Marne (França)

EMIGRANTES PORTUGUESES USADOS COMO ESCRAVOS

pág. 9

Diário de Lisboa

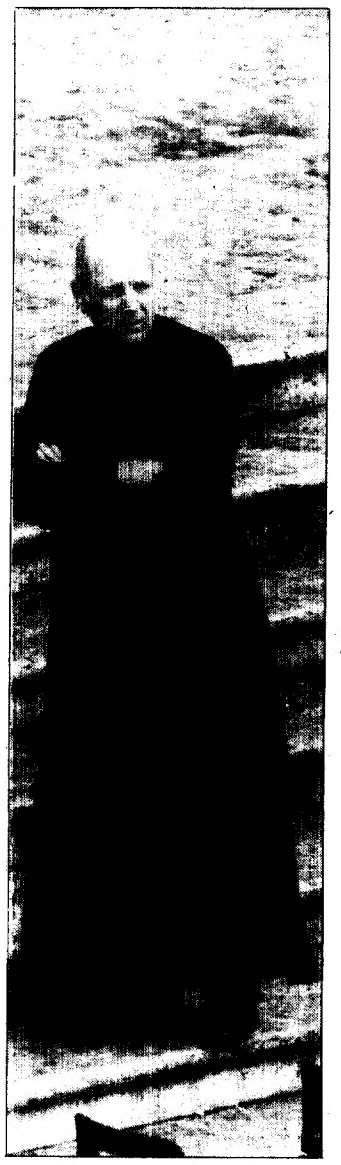
ANO 66 N.º 22 300 Quinta-feira, 26 de Fevereiro de 1987 Preço 40$00

Todos o previram menos o Governo de Mota Amaral

MAR AÇORIANO ENGOLE MOLHE DE UM MILHÃO

A população de Vila do Porto, na ilha açoriana de Santa Maria, acordou esta manhã com a confirmação das previsões gerais quanto à construção do molhe do porto local. O temporal que se fez sentir durante a noite tinha destruído grande parte daquela obra, concretizada com dinheiro e teimosia do Governo Regional, que contrariou todos os argumentos dos pescadores e gente ligada ao mar, que defendiam outra localização ou maior solidez da obra.

Pág. 24



"Banco de Deus" volta a primeiro plano

Bispo Marcinkus ameaçado de prisão

Pág. 11

Reportagem do "DL" denuncia o que se passa no Minho

Autarquia está conivente com casos de trabalho infantil

Numa fábrica de Felgueiras

Págs. 12 e 13

Bases americanas vêm para Portugal?

Não houve negociações mas foram feitas sondagens

Subsecretário americano da Defesa hoje em Lisboa

Pág. 2

Bases americanas transferidas para Portugal?

NÃO HÁ NEGOCIAÇÕES MAS FORAM FEITAS SONDAGENS

A transferência das quatro bases americanas, existentes em Espanha, para Portugal, nunca foi encarada, disse em Washington uma fonte do Pentágono, comentando recentes declarações do ministro da Defesa italiano, Spadolini. A mesma fonte confirmou, no entanto, que a questão da presença militar norte-americana em território espanhol foi um dos pontos abordados numa reunião entre Spadolini e o secretário da Defesa, Caspar Weinberger.

Note-se que não está em causa a transferência das quatro bases que os Estados Unidos mantém no país vizinho, mas apenas de duas — Torrejon e Saragoça —, ao abrigo do desejo de Madrid de ver substancialmente reduzida a presença americana no país. A intransigência do Governo espanhol tem levado a que as negociações em curso com os Estados Unidos se caracterizem por extrema dureza, fazendo com que Washington comece agora a encarar a eventualidade de uma «retirada».

Os contactos mantidos com Spadolini sobre este tema teriam tido carácter exploratório, designadamente em termos de saber se a Itália estaria na disposição de receber as bases americanas. Ontem mesmo Sapdolini excluiu tal hipótese e, na mesma altura, indicou que Portugal poderia ser a solução.

Em Lisboa, quer o Ministério da Defesa quer o Ministério dos Negócios Estrangeiros negaram que existissem contactos com os Estados Unidos para ampliação da presença militar deste país em Portugal.

Fontes militares, no entanto, indicaram ao «DL» que, logo em 1985, quando a Espanha levantou o problema da presença americana, o Governo português foi sondado sobre a hipótese de transferência para o nosso país de parte das instalações militares americanas, tendo-se registado alguma receptividade nomeadamente no que respeita ao alargamento da base de Beja.

Não se chegou a avançar no assunto, dado que as conversações com o Governo espanhol estavam ainda no início. Já este ano, e perante a insistência de Madrid, os Estados Unidos viram-se confrontados com a necessidade de começarem a planear uma diminuição efectiva da sua presença militar naquele país e a estudarem situações alternativas.

De qualquer modo, antes de Abril, nenhuma decisão será tomada, razão pela qual não existem, neste momento, contactos formais, mas apenas abordagens exploratórias.

Hoje está em Lisboa o subsecretário norte-americano da Defesa, William Taft, para uma visita a convite do seu homólogo português, Silveira Godinho.

O objectivo oficial da visita é a assinatura de um acordo de intercâmbio entre os dois Governos, visando «aumentar as possibilidades de investigação e desenvolvimento no âmbito de programas de defesa», mas Taft deverá ter outros contactos durante os quais o tema «bases em Espanha» poderá ser abordado.

Comissão parlamentar vai debater fichagem de cidadãos pela DINFO

Ex-ministro a favor de escutas telefónicas

O escândalo da fichagem de cidadãos, militantes do PS e do PCP, por parte do Serviço de Informação Militar(DINFO), vai ser o tema principal da reunião, no próximo dia 6 de Março, da comissão parlamentar dos Assuntos Constitucionais, Direitos, Liberdades e Garantias, com a Comissão de Fiscalização dos Serviços de Informações.

A comissão de fiscalização, constituída por Montalvão Machado, Marques Júnior e Anselmo Rodrigues e que tem como tarefa básica a elaboração de um relatório anual sobre a sua acção fiscalizadora, deverá ainda prestar, na citada reunião, uma informação geral sobre a actividade desenvolvida até agora.

Na véspera, dia 5, a comissão parlamentar, presidida por Almeida Santos, reunir-se-á com os ministros da Administração Interna e da Justiça, para ponderação do articulado final da Lei de Segurança Interna, tendo em conta que a sub-Comissão que está a analisar o diploma deverá terminar os seus trabalhos nos próximos dias.

Nesse mesmo encontro dos ministros com os deputados membros da Comissão de Direitos, Liberdades e Garantias, será debatida a resolução do Conselho de Ministros que concentrou nas mãos do ministro de Estado as tarefas de coordenação «em circunstâncias inadiáveis» das polícias e dos Serviços de Informação.

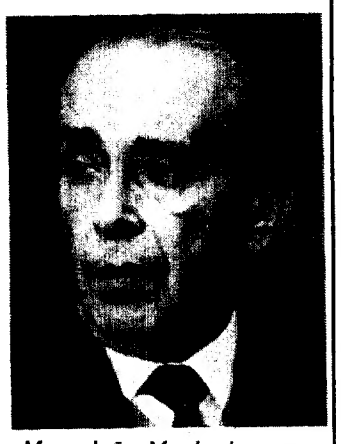
A mesma comissão parlamentar decidiu criar uma subcomissão para efectuar o levantamento dos problemas suscitados pela proposta de nova organização judiciária que em breve deverá ser agendada para debate no plenário, tendo em conta os problemas levantados pelas autarquias, pelo Conselho Superior de Magistratura e pela Associação de Magistrados.

A comissão decidiu ainda calendarizar as votações em plenário dos diplomas pendentes sobre matérias de Comunicação Social, incluíndo o que impede a alienação de bens do Estado em epresas públicas do sector.

Machete defende escutas telefónicas

O deputado do PSD e presidente da Fundação Luso-Americana, Rui Machete, considerou ontem, num debate sobre «segurança e terrorismo na Europa», organizado pelo Instituto Franco-Português, que «um dos meios mais eficazes» para detectar as ligações de grupos terroristas passa pela «fiscalização das comunicações telefónicas».

Rui Machete



Montalvão Machado

Apresentado no debate por Miguel Sousa Tavares, como o governante, então ministro da Justica, que autorizou a emissão de mandatos de captura contra os indivíduos afectos ao processo das FP-25, Machete opinou que a polícia «não será eficaz» se não tiver «informadores» que penetrem no interior das «organizações terroristas».

Rui Machete alertou, entretanto, para o perigo da concentração de meios informativos, susceptível de dar ao Estado um «poder enorme» e que pode ser utilizado «contra pacatos cidadãos» que não concordem com a política governamental. Adiantou, por outro lado, que a definição de terrorismo é «extremamente vaga». Idêntica foi a opinião de Jean-Marie Dupont, jornalista do «Le Monde», entidade que apoiou a realização do debate. Dupont disse não ter encontrado na legislação francesa «uma definição muito clara de terrorismo».

Para contactos com o PAICV

Constâncio visita Cabo Verde

O secretário-geral do PS, Vitor Constâncio, encontra-se de visita à Cidade da Praia para contactos com os dirigentes do PAIGV. À sua chegada ao aeroporto internacional de Cabo Verde, o líder do Partido Socialista atribuiu muita importância a esta sua primeira viagem a um país africano de lingua oficial portuguesa, onde irá tentar «aprofundar os laços de cooperação entre o seu partido e o PAIGV».

Constâncio, que viaja acompanhado dos dirigentes Manuel Alegre e Jorge Sampaio, admitu não existir até ao momento nada de concreto entre os dois partidos, destacando contudo a existência de «laços de solidariedade e amizade antigos, do tempo da guerra colonial».

O secretário-geral do PS foi recebido à chegada ao aeroporto pelo primeiro-ministro caboverdeano, Pedro Pires, e ministro dos Negócios Estrangeiros, Silvino da Cruz, na qualidade de secretário-geral adjunto e membro da comissão política do PAIGV.

O ministro Silvino da Cruz, que chefiou a delegação do PAIGV nas conversações de ontem com os representantes do PS, manifestou a disposição de estreitar o relacionamento entre os dois partidos e salientou o papel que Portugal pode ter no relacionamento entre a Europa e a África, através da comunidade europeia.

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DE 1.ª INSTÂNCIA DE LISBOA 1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO

1.ª Praça

Faz-se público, que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 9 de Março de 1987, pelas 15 horas, neste Tribunal — Rua Braamcamp, n.º 5-4.º em Lisboa, vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados a: SOCIEDADE IND. & COM. CALÇADO HENRIQUINA, com sede na Travessa Henrique Cardoso, 56-B em Lisboa, no processo executivo n.º 1863/80

BENS PENHORADOS

VERBA N.º UM – Uma máquina de orlar palmilhas, da marca SAGITTA, mod. RP 80 em bom estado de conservação, no valor de 130 000$00.
VERBA N.º DOIS – Uma máquina de almofadar palmilhas da marca SAGITTA, mod. RP-68, n.º 68163080, em bom estado de conservação, no valor de 180 000$00.
VERBA N.º TRÊS – Uma máquina de meter vivos, da marca MITSUBISH, mod. CU-865, em bom estado de conservação, no valor de 50 000$00.
VERBA N.º QUATRO – Uma máquina de fazer verdugo, da marca PFAFF, com o n.º 951-02-DL, em bom estado de conservação, no valor de 60 000$00.
VERBA N.º CINCO – Duas máquinas de costura eléctricas, em bom estado de conservação, da marca PFAFF, com os n.os 5608130 e 8230163, no valor de 40 000$00.
VERBA N.º SEIS – Uma máquina da marca SINGER, de duas agulhas, eléctrica, em bom estado de conservação no valor de 15 000$00.
VERBA N.º SETE – Duas estantes metálicas de 2x2, de cor cinzenta, no valor de 20 000$00.
VERBA N.º OITO – Uma máquina de escrever eléctrica da marca HERMES, mod. 700-EL, em bom estado no valor de conservação de 40 000$00.
VERBA N.º NOVE – Uma máquina de calcular eléctrica da marca TATEX, com o n.º HO40342, em bom estado de conservação, no valor de 15 000$00.
VERBA N.º DEZ – Duas máquinas de vergar gáspias, da marca LUFIPE, em regular estado de conservação, no valor de 20 000$00.
VERBA N.º ONZE – Uma máquina de fechar calcanheiras, da marca LIREL, em regular estado de conservação, no valor de 25 000$00.
VERBA N.º DOZE – Uma máquina de fechar bicos, marca LIREL, em bom estado, no valor de 25 000$00.
VERBA N.º TREZE – Uma máquina de acabamento, marca LIREL, em bom estado, no valor de 30 000$00.
VERBA N.º QUATORZE – Um balancé mecânico, da marca AM em bom estado no valor de 25 000$00.
VERBA N.º QUINZE – Uma máquina de desbastar pele, marca ALPHA, em bom estado no valor de 15 000$00.
VERBA N.º DEZASSEIS – Uma máquina de pregar e enfiar palmilhas tipo GF-71- A-2 n.º 27218, em bom estado de conservação, no valor de 50 000$00.
VERBA N.º DEZASSETE – Uma máquina de cardar cortes, marca ATTENZIONNE, em bom estado, no valor de 40 000$00.
VERBA N.º DEZOITO – Uma máquina de enformar contrafortes da marca ZEUS em bom estado, no valor de 50 000$00.
VERBA N.º DEZANOVE – Uma máquina de amaciar bicos, em bom estado, no valor de 10 000$00.
VERBA N.º VINTE – Uma máquina de dar cola em cortes, em bom estado, no valor de 10 000$00.
VERBA N.º VINTE E UM – Uma máquina de dar cola em solas, no valor de 10 000$00.
VERBA N.º VINTE E DOIS – Uma máquina de acabamentos da marca RAFFLENBEUL, em bom estado de conservação, no valor de 30 000$00.
VERBA N.º VINTE E TRÊS – Uma máquina de lixar cortes da marca ANNARAMPE, n.º 1-27029 – Vigevano, em bom estado de conservação, no valor de 10 000$00.
VERBA N.º VINTE E QUATRO – Um balancé, pescoço de cavalo, de cortar solas, em bom estado, no valor de 15 000$00.
VERBA N.º VINTE E CINCO – Um aquecedor de solas em bom estado, no valor de 10 000$00.
VERBA N.º VINTE E SEIS – Uma prensa de colar solas, da marca BAMF, em bom estado, no valor de 30 000$00.
VERBA N.º VINTE E SETE – Uma máquina de fresar, da marca HESPERIA-SUPER 65, em bom estado, no valor de 20 000$00.
VERBA N.º VINTE E OITO – Uma máquina de sebater palmilhas, com a referência B-333-B, 79-5, em bom estado de conservação, no valor de 40 000$00.
VERBA N.º VINTE E NOVE – Uma máquina de cravar saltos, da marca SABAL, com a referência Matr. 801036, Tipo SD, em bom estado, no valor de 10 000$00.
VERBA N.º TRINTA – Uma máquina de aparar forros da marca RIFILATRICE GP-4, em bom estado, no valor de 30 000$00.
VERBA N.º TRINTA E UM – Uma máquina de formar canos de botas, em bom estado, no valor de 30 000$00
VERBA N.º TRINTA E DOIS – O direito ao arrendamento e trespasse do estabelecimento sito na Travessa Henrique Cardoso, n.º 55 Letra B, nesta cidade, pelo qual é paga a renda mensal de 25 000$00 (vinte e cinco mil escudos), de que é senhoria a firma Construções Civis Alexandre Florindo e Manuel Vieira da Silva, Ld.ª, com sede na Rua António Feijó n.º 2 – 4.º Dt.º nesta cidade, a que foi atribuido o valor de 6 000 000$00.

O direito ao trespasse é tido como litigioso.

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada, bem como, os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 23 de Fevereiro de 1987

O Juiz de Direito
João Cordeiro Dias

O Liq. Trib.
F.Lopes

«DL» — 26/2/87 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DE 1.ª DISTÂNCIA DE LISBOA — 1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO
1.ª PRAÇA

Faz-se público, que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 10 de Março, de 1987, pelas 15 horas, neste Tribunal — Rua Braamcamp, n.º 5-4.º em Lisboa, vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados a: MÁRMORES DO CONDADO, SARL, com sede na Av.ª António Augusto de Aguiar, n.º 106-4.º em Lisboa, no processo executivo n.º 237/83.

BENS PENHORADOS

Verba única — O direito ao arrendamento e trespasse dos 3.º e 4.º andares do prédio sito na Av.ª António Augusto de Aguiar, n.º 106 e 106-C da freguesia de S. Sebastião da Pedreira, concelho de Lisboa, cuja renda mensal é de 20 000$00, e o respectivo recheio constante de relação anexa no processo a que se atribui o valor total presumível de 12 500 000$00 (doze milhões e quinhentos mil escudos).

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 23 de Fevereirode 1987

O Juiz de Direito
(João Cordeiro Dias)

o Liq. Trib.
(F. Lopes)

«DL» 26/2/87 — 1.ºPub.

"Arrastar negociações deixou de ter sentido"

PCP quer do MDP clarificação urgente sobre futuro da APU

A comissão política do PCP tornou pública um nota sobre as relações deste partido com o MDP no quadro da APU onde salienta que «qualquer tendência para arrastar o processo de negociações deixou de ter sentido e não poderá ser aceite pelo PCP pois a situação existente e as perspectivas de luta política, social e eleitoral exigem orientações definidas, claras, seguras e urgentes».

A nota regista como «positivo» que o MDP tenha manifestado a disposição de fazer «nova reflexão» sobre a proposta, apresentada pelo PCP, de um «conjunto de linhas fundamentais para servirem de base a um acordo visando a manutenção da APU para as autarquias locais».

Nessa proposta, reafirmam os comunistas o «indispensável carácter universal da coligação, que deverá apresentar listas a todas as Câmaras e Assembleias Municipais e ainda a todas as Assembleias de Freguesia em que pelo menos um dos partidos considere possível tal objectivo». A proposta admite, todavia, a possibilidade de «algumas excepções desde que definidas em concreto, antecipadamente e por acordo do PCP e do MDP».

Considera ainda o PCP que a sua proposta apresenta «igualmente precisões nas respostas a alguns problemas suscitados designadamente quanto à forma de «superar eventuais desentendimentos locais e critérios para a indicação de candidatos e a designação de mandatários».

O PCP «fez saber» também que «pode fazer depender a sua decisão final em relação à APU/Autarquias da concretização ou não de um acordo para as legislativas, assim como para as eleições do Parlamento Europeu, no caso destas últimas coincidirem com legislativas».

A nota da Comissão Política dos comunistas acentua, a propósito, serem «inaceitáveis tanto a proposta do Encontro Nacional do MDP na sua versão original, como também outras versões que se reconvertem na mesma proposta essencial e que por isso correspondem à ruptura».

Sublinhando que «sempre tornou clara a grande importância que atribui à continuação da APU e a sua disposição para dialogar seriamente para alcançar esse objectivo», a nota do PCP refere que, para tanto, será necessário «por parte do MDP uma reconsideração da sua própria posição».

«Seria sem dúvida de grande alcance na vida democrática nacional— acrescenta a nota— a confirmação e a continuação da APU, vencendo-se assim um período de impasse e incerteza que deu trunfos aos adversários da APU, facilitou a especulação das forças reaccionárias e não foi concerteza um bom serviço prestado à democracia».

A convite de Pinto Machado

Dirigente chinês visita Macau

O presidente do Governo popular da província chinesa de Guangdong, Ye Xuan Ping, aceitou ontem um convite do governador Pinto Machado para visitar Macau. A notícia foi dada por Ping no final do primeiro encontro entre dois governadores, que durante cerca de hora e meia estiveram reunidos na sede do Governo, em Cantão.

Xuan Ping começou por dizer aos jornalistas que tal como o governador Pinto Machado, tambám ele havia assumido aquelas funções há pouco tempo e que se tratava do primeiro encontro entre ambos. O dirigente chinês disse que ne reunião foi abordada a cooperação e o desenvolvimento comum aos dois territórios.

A data da visita do chefe do governo popular de Guangdobg será marcada oportunamente. Depois do encontro com este dirigente chinês, o governador de Macau inaugurou uma exposição de pinturas e caligrafias de crianças dos ensinos primário e secundário de Macau e Cantão, e visitou a Universidade de Zhung Shan e o hospital Nam Fong. No Instituto de Belas Artes de Cantão, Pinto Machado foi agraciado com um quadro de pintura chinesa, representando uma paisagem.

Soares em Trás-os-Montes

FIM DE VISITA CHEIO DE SIMBOLISMO

O ultimo dia da visita de Soares a Tras-os-Montes começou com uma viagem do «comboio historico» na linha do Tua. Com as estações engalanadas, bandas de música, folclore e um colorido fora do vulgar, o comboio presidencial fez paragens nas estações de Rossas, Salsas, Vale de Porca, Macedo de Cavaleiros, Cortiços, Romeu e Frechas, terminando o seu percurso no Cachão. Foi uma viagem carregada de simbolismo já que a gente de Tras-os-Montes assiste desde há alguns à destruição sistemática da sua rede ferroviária, em nome de discutíveis critérios de rentabilidade.

O presidente da Câmara de Macedo de cavaleiros saudou ontem Soares considerando-o o «líder incontestado deste grande partido com 10 milhões de militantes que é Portugal».

O presidente do executivo camarário, o social-democrata António Joaquim Ferreira, disse, numa curta intervenção de recepção ao Presidente da república, discordar da ideia generalizada de que Trás-os-Montes é o distrito mais atrasado do país.

Conheço regiões do centro e sul onde o atraso é muito superior ao nosso», afirmou.

O autarca acrescentou que «a Revolução ainda não chegou ao seu termo e por isso é necessário compreender que não é possível realizar em 12 anos o que não foi feito nos 50 anos anteriores».

Mário Soares agradeceu a «recepção fantástica» da população de Macedo de Cavaleiros e sublinhou que «destas duas semanas alguma coisa de importante ficou para o futuro: esse sentido de consciência da problemática brigantina».

Aludindo ao facto de visitar Macedo de Cavaleiros no final da sua visita ao nordeste transmontano, Mário Soares disse que «os últimos são os primeiros».

Antes de se deslocar àquele concelho, Mário Soares almoçou em Bragança com o primeiro-ministro Cavaco Silva e despediu-se do pessoal que apoiou os serviços da Presidência no centro cultural.

Um cheiro a azeite e a vinho acompanhou parte da visita do Presidente da república, que, durante a tarde, esteve na cooperativa agrícola de Macedo de Cavaleiros, a maior do nordeste, e na Unamontes, que actualmente comercializa cerca de 4 milhões de litros de vinho por ano e que tem capacidade para 12 milhões.

«Já cheira» — disse Soares ao entrar no lagar da cooperativa agrícola, que este ano recebeu 2.400 toneladas de azeitona, a maior quantidade transformada no nordeste do país.

A central leiteira de Cachão foi também visitada: tem uma capacidade de recolha de 40 mil litros por dia, mas em 1986 apenas recebeu cerca de 4 mil litros diários.

Mário Soares visitou as obras do hospital distrital de Macedo de Cavaleiros, a inaugurar em finais de 1987, e que importa em mais de 1 milhão de contos, devendo ficar equipado para receber 110 doentes que necessitam de internamento.

O presidente jantou na estalagem do Caçador, em Macedo de Cavaleiros, com entidades locais.

Entretanto, tinha consigo já a neta mais nova, Mafalda, que foi de Lisboa ao cuidado do primeiro-ministro Cavaco Silva.

PSD QUER TIRAR ARGOLAS À APU

A Aliança Povo Unido será obrigada a alterar o seu símbolo eleitoral — as três argolas — caso a Assembleia aprove hoje um projecto de lei do PSD sobre símbolos das coligações.

No essencial, o projecto prevê que as frentes e coligações eleitorais concorram com um símbolo que «represente rigorosamente o conjunto dos símbolos de cada um dos partidos que a integram».

Ao apresentar, em Novembro, o projecto, o PSD disse ser sua intenção «obedecer a imperativos de transparência».

Para os integrantes da Aliança Povo Unido, a única coligação actualmente existente, formada pelo PCP, MDP/CDE e «Os Verdes», a razão é outra: trata-se, afirmam, de «tentar prejudicar a APU confundindo [illegible] habituado de há muito habituado ao nosso símbolo».

Em declarações à Lusa, a deputada comunista Odete Santos contestou o argumento avançado pelos sociais-democratas afirmando que «se se trata de transparência, ela já existe: os cidadãos já têm perfeito conhecimento de quais são os partidos que integram a coligação, pois a lei exige que as coligações sejam amplamente publicitadas nos jornais».

A decomposição dos símbolos partidários das coligações é, para Odete Santos, injustificável, na medida em que, diz, «o programa de uma coligação não é exactamente o somatório dos programas dos partidos que a compõem mas sim o conjunto dos pontos em que há acordo entre os vários partidos, e que poderá merecer o acordo de eleitores não identificados completamente com cada uma das formações partidárias».

Os deputados comunistas consideram que o projecto social-democrata se insere «numa estratégia eleitoral mais global que não se pode desligar das tentativas de alteração das regras da representação proporcional tendentes a diminuir a representação dos partidos da oposição».

Para Raul Castro, do MDP/CDE — partido que renegoceia actualmente com o PCP nos termos do acordo eleitoral no qual a APU se baseia — o projecto, aplicável às coligações a formar e às já constituídas, é «uma forma de viciar o jogo eleitoral» e tentar «ganhar o jogo na secretaria como se diz em linguagem futebolística».

A discordância do MDP/CDE deriva de se sentir directamente prejudicado e de considerar, no plano geral, que «se trata de uma lei feita com o claro objectivo de atacar uma coligação eleitoral, facto criticável quaisquer que fossem os partidos atingidos».

PS: concorda mas...

Outro partido da oposição, o PS concorda com «a filosofia de clareza subjacente ao projecto» mas é de opinião que ele precisa de ser emendado em vários aspectos.

O deputado socialista Carlos Candal disse que o seu partido ainda não decidiu em definitivo como vai votar, mas apontou como provável ou o voto afirmativo na generalidade ou a abstenção.

Se o projecto passar, o PS tenciona apresentar propostas de alteração na especialidade, tanto mais que considera incoerente que o princípio da clareza se aplique apenas aos símbolos e não às denominações das coligações.

A posição dos renovadores democráticos só será conhecida no final do debate e depende «dos argumentos que forem aduzidos de parte a parte».

O líder parlamentar do PRD, Magalhães Mota, explicou que o PRD não parte para a discussão do projecto apresentado com uma posição pré-concebida por «uma questão de princípio que corresponde a valorizar e dar sentido ao debate no Parlamento».

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DE 1.ª INSTÂNCIA DE LISBOA — 1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO

1.ª Praça

Faz-se público, que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 9 de Março de 1987, pelas 10 horas, neste Tribunal — Rua Braamcamp, n.º 5-4.º, em Lisboa, vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados a: FAISÃO REAL — Soc. Refeições Rapidas, Ld.ª, com sede na Av.ª Duque de Loulé, n.º 5-3.º Esq.º, em Lisboa, no processo executivo n.º 1275/85.

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 — O direito ao arrendamento e trespasse das instalações sitas na Av.ª Duque de Loulé, n.º 51-A e 51-B, destinadas a Comércio, restaurante, bar, cervejaria e café, pelas quais é paga a renda mensal de 36 850$00, e o respectivo recheio, composto de Uma cabina de disc-jockey, com dois gira-discos da marca «Tecnics», dois amplificadores de 100 Wrms, um micro da marca SHIORE 588-5B, dois pares de auscultadores da marca Tecnics e efeitos de luz; noventa e seis mesas e cento e setenta e seis cadeiras, um balcão frigorífico forrado a fórmica, com prateleiras e fundo em espelho; um refrigerador de garrafas com três portas, um frigorífico de 320 litros da marca West; uma maquina de fabricar gelo da marca Gulland, um fogão de seis bocas e forno, da marca «Fábrica Portugal», um esquentador de 10 litros, da marca Termogal; uma maquina de cachorros da marca Gulland, uma máquina de tostas da marca SIMIL, uma máquina registadora da marca «ONROM», três climatizadores da marca Gibson, um balcão com tampo em nogueira forrado a painel de azulejos, uma máquina de café de tres grupos da marca Faema, um moinho de café da marca Faema, um refrigerador de garrafas com três portas, duas maquinas de sumo da marca «REKENA», uma mesa expositora com refrigeração da marca Gulland, uma máquina registadora da marca «ANKER», um esquentador da marca «Termogal», um exaustor de fumos da marca «indola», um fogão de três bocas de fabrico marca «Fábrica de Portugal», duas máquinas registadoras da marca «ANKER» e «HUGIN», um grelhador duplo da marca «SIMIL», uma torradeira para oito tostas da marca «SIMIL», um gratinador da marca «Gulland», um balcão congelador da marca «Gulland», uma maquina de semifrio com três torneiras, duas máquinas de sumo com depósito da marca JET-SPRY, um triturador de gelo e uma máquina de fazer gelo; uma arca de garrafeira fria; uma máquina carapinhada da marca «REX», duas máquinas de café com três grupos, cada, da marca «REX ASTÓRIA» e dois moinhos de café da mesma marca; uma maquina debalcão, com cadeira, de café; um conjunto Grill com grelhador e chapa fritadeira da marca «Mareno»; uma vitrina com assador de frangos; uma máquina de fiambre da marca «Biserba»; uma balança de dez quilos da marca «Romão»; um balcão de alvenaria com tampo em fórmica; quatro vitrinas de bolos de pastelaria; duas mesas de apoio para registadoras, uma mesa de serviço com três gavetas em inox; um balcão-inox com prateleiras; seis bancos de balcão-snack com base em metal, tudo em razoável estado de conservação, a que foi atribuído o valor de 15 000 000$00 (quinze milhões de escudos).

Verba n.º 2 — Cem pratos a doce, com timbre «Noite e Dia», cem pratos sobremesa com timbre «Noite e Dia», cem pratos rasos, com timbre «Noite e Dia», cinquenta sopeiras, sessenta chávenas a café, sessenta pires a café, vinte e quatro chávenas a chá, trinta e seis pires a chá, quarenta e oito saleiros e pimenteiros, tipo secla, vinte e quatro copos a Porto, cento e vinte copos a cerveja, 0,25, sessenta copos a cerveja 0,40, cento e sessenta e oito copos a vinho, vinte e quatro copos a vermouth, vinte e quatro copos a galão, cem taças Frou-Frou, trinta fluts a cerveja 0,25, quarenta e oito fluts a gelado, quinhentas facas a salada de fruta, um copo misturador, quatro pratos redondos 0,27 cm, quatro lavabos facetados em vidro, vinte e quatro taças para aperitivos, inox, dois baldes a gelo, inox, um frapé a gelo, inox, seis travessas para bolos, inox, com 27 cm, um bule a chá n.º 0, inox, duas leiteiras n.º 2, inox, quatro garfos prestige, inox, quatro colheres prestige, inox, duzentos garfos de mesa, duzentas facas de mesa, duzentas colheres a sopa, cem colheres a doce; oitenta colheres a café, vinte e quatro colheres a galão, duas facas a pão, inox, duas espátulas manteiga, quatro molheiras, inox, dois palheteiros, inox, oitenta canoas a gelados, inox, duas tigelas com 19 cm, inox, duas tigelas com 21 cm, inox, quatro travessas 35 × 21, fno, inox, um caldeiro para batatas, inox, quatro pulverizadores, inox, três conformadores sorvete, inox, quatro pinças a gelo, inox, uma tigela 34 cm, inox, sessenta coquilhas a manteiga, inox, uma coqueteleira, inox, um coador de cocktails, inox, um ralador de limão, inox, dez espetos de 12 cm, inox, sessenta azeitoneiras em louça, cento e cinquenta saladeiras em louça seda, duzentos mostardeiros em louça, secla; trinta e seis galheteiros em vidro; duas frigideiras em ferro, n.º 2, uma frigideira em ferro, n.º 6, uma frigideira em aluminio Matoso, n.º 28 cm; uma panela em aluminio Matoso, n.º 20, uma panela em aluminio Matoso, n.º 7, um tacho em aluminio Matoso, n.º 10, um tacho em aluminio Matoso, n.º 16, uma cafeteira em aluminio Matoso, 10 litros, uma cafetaria em aluminio forte, 3 litros, dois tabuleiros em aluminio Matoso, n.º 25, tudo em bom estado de conservação no valor de 250 000$00 (duzentos e cinquenta mil escudos).

Verba n.º 3 — O direito ao arrendamento e trespasse das instalações sitas na Av. Duque de Loulé, n.º 51-3.º-Dt.º, em Lisboa, pelo qual é paga a renda mensal de 7000$00 e o respectivo recheio, composto por: duas maquinas de calcular da marca «TOTÁLIA», mod. 83-81, com os n.os 240547 e 246768, uma calculadora da marca «OLIVETTI», mod. multisuma 22, quatro secretárias em metal com tampo preto, três mesas de máquina de escrever, em metal, com duas portas; digo, com quatro gavetas; uma mesa de apoio em metal com duas portas; um armário em metal com duas portas de vidro e alçado; um armário em metal com duas portas, seis cadeiras em metal forradas a napa cor de cinza; duas cadeiras giratórias em metal forradas a napa cor de cinza; um cairo em metal para contas-correntes; um ficheiro em metal com quatro gavetas; um duplicador da marca «ROMEO-500»; uma cadeira giratória em metal forrada em napa cinza; uma cadeira giratória em metal com braços forrada em napa cinza, três cadeiras em metal forradas a napa vermelha e duas secretárias em metal com tampo preto, tudo em razoável estado de conservação, no valor de 1 800 000$00 (um milhão e oitocentos mil escudos).

Verba n.º 4 — O direito ao arrendamento e trespasse das instalações sitas na Avenida Duque de Loulé, n.º 51-1.º-Dt.º, em Lisboa, pelas quais é paga a renda mensal de 7000$00, e o respectivo recheio, compsto por: Um frigorífico, tipo industrial, com 4 portas, da marca «NEVADO», uma máquina para fazer gelado da marca «NEVADO», uma batedeira da marca «HOBART», pequena, tudo em razoável estado de conservação, no valor de 1 800 000$00 (um milhão e oitocentos mil escudos).

Auto de Penhora n.º 2

Verba n.º 1 — Sete prateleiras em madeira e inox, dois aparadores com tampo em inox, dezoito mesas e setenta e duas cadeiras em pinho, uma mesa para caixa registadora com cadeira estofada, um painel para comando de luzes e máquinas (quadro eléctrico), uma vitrina expositora, uma mesa aparador, dois espelhos de WC, dois extuntores de 6 kg, dez pratileiras em aço inox para balcão e uma hote em aço inox, tudo em mau estado, a que se atribui o valor de 100 000$00 (cem mil escudos).

Verba n.º 2 — Uma aparelhagem de ar condicionado a extracção de ar, desmontada, a que se atribui o valor presumivel de 100 000$00 (cem mil escudos).

Verba n.º 3 — Louças, vidros e talheres, a seguir descriminados:

— Trezentos pratos a doce, tipo Vista Alegre, trezentos e cinquenta pratos de sobremesa Vista Alegre, Vinte e quatro pratos rasos vista alegre, cento e trinta e sete sopeiras cento e sessenta e sete chávenas de café Vista Alegre vinte e nove chávenas de cha Vista Alegre setenta e dois pires a chá Vista Alegre, quarenta e oito pires a café Vista Alegre, cinquenta e oito saleiros/pimenteiros, quatro a cup/água, digo quatro jarros a cup/água, trinta e nove copos «ON-ROCKS» cento e vinte e sete copos tacetados a Wiskey, trinta e seis copos lisos a Wiskey, cento e oito calices a bagaço/licor, noventa e sete calices — balão 6 onças, trinta e seis calices-balão 18 onças, vinte e três calices-balão 30 onças, trinta e três copos a porto, trinta e cinco copos tipo «Gallec», cento e sessenta e sete copos a cerveja 0,25, vinte e um copos a cerveja 0,40, setenta e oito copos a vinho, vinte e um copos a vermouth, trinta e cinco copos a galão; oitenta e duas canecas a cerveja 0,50, sessenta taças a magos, cento e dezoito copos a sumo; vinte e seis fluts a cerveja, 0,3 e 0,40, onze fluts a gelado; cento e dezassete taças Fire-King (aperitivos), cento e sessenta e nove cinzeiros de barro, um copo-misturador; oitenta e três taças para apertivos Fire-King; cinquenta e oito fluts a champagne; duas limoneiras; dezasseis baldes de gelo lisos; oito frapés a gelo; cinquenta travessas para bolos de 0,27; dez bules a chá n.º 0 e n.º 2; dez leiteiras n.º 2, e n.º 6; doze garfos «prestige»; doze colheres «prestige»; quatrocentos e sessenta garfos de mesa; quatrocentos e sessenta colheres, dago, facas de mesa; cento e quarenta colheres de sopa; duzentas e trinta e cinco colheres de doce; duzentas e treze colheres de café; cento e dezasseis colheres de galão; sessenta colheres de chá, dezoito colheres de charope, dezanove facas de pão e serviços, quatro espátulas de manteiga, dez molheiras, seis palheteiros, cinco tijelas 0,19 cm, digo, três tijelas 0,19 cm; quatro tijelas 0,21; dezassete travessas 35 × 21, a frios; dois caldeiros para batatas, oito pulverizadores, três conformadores de sorvete; dezoito pinças de gelo; nove tijelas 34 cm, cento e vinte coquilhas de manteiga; duas coqueteleiras; dois coadores de cocktails; dois raladores de limão, cinquenta espetos para grelhar de 12 polegadas, seis palsteiros inox, quatro bandejas para trocos com 18 cm; três frigedeiras de ferro, n.º 2, uma frigideira de ferro, n.º 6, uma frigideira de aluminio matoso, n.º 28, uma frigideira de ferro, n.º 6; duas conchas a molhos; uma vitrina expositora de bolos, três galheteiros; uma panela de aluminio forte, n.º 20, um tacho de aluminio forte, n.º 50 um tabuleiro aluminio forte, n.º 50; uma taça ornamental de vidroá uma cafeteira de aluminio matoso, 5 litros; uma cafeteira de aluminio matoso, 3 litros, uma panela com cabo de aluminio matoso, n.º 5, um tacho aluminio matoso, n.º 26; uma frigideira de aluminio matoso, n.º 25; dois tabuleiros de aluminio forte 23 × 14 × 4; três tabuleiros de aluminio forte 30 × 22 × 5; três tabuleiros de aluminio forte 52 × 26 × 5, doze bandejas redondas de 27 cm, quatro cafeteiras FR, seis legumeirasFR, duas panelas «MIN-CHIN» de 21 cm; doze travessas de mesa 46 × 29; doze tijelas de 16 cm em inox; quatro tijelas inox de 25 cm; seis tijelas inoxde 27 cm, a que se atribui o valor total presumivel de 300 000$00 (trezentos mil escudos)

Auto de penhora n.º-fls 152 — bens penhorados na Rua da Adiça 17

Verba unica — Móveis, utensilios, louças, vidros, adorns, aparelhagens diversa e vinhos, existentes no restaurante-bar Conde Andeiro, conforme a seguir se indica:

I) Móveis e utensilios

Uma bancada com gavetas e armários para cozinha, em madeira e forrada a fórmica; catorze mesas de restaurante, quadradas, com pé redondo, uma mesa de restaurante, redonda, grande, duas mesas de restaurante, quadradas, com 4 pés tubulares, com tampo em fórmica, vinte e oito cadeiras de restaurante com costas e fundo em pele, duas mesas em ferro, e tampo em vidro para bar, um conjunto de três maples para cinco lugares, formando canto em pelea dois maples de veludo vermelho para bar, quatro pufs de veludo vermelho para bar.

II) Aparelhagem Diversa

Uma maquina de café Faema Arette 1 grupo W82845, uma moinho de café Faema, n.º 12 199, Uma máquina registadora da marca Sweda, uma balança em aço inox com 20 kg-força, da marca Medines, um mfogão em aço inox com 4 bicos e forno, a gás propano, um fogão com 2 bicos a gas propano, da Fábrica Portugal, um extractor de fumos para chaminé, tipo H × B 12-3000, CG73839, um esquentador Termogal 10litros, ref.ª C-250N, um lava-loiça em aço inox; uma armação em cantoneira de ferro com prateleiras e portas para garrafeira; um balcão frigorífico em aço inox, com lava-loiça para bar; uma aparelhagem de ar condicionado e respectiva conduta; um aspirador da marca Nilfisk; uma ventoinha da marca KDK; um grelhador sem chapa, da Fábrica de Portugal; uma fritadeira industrial da Fábrica Portugal;

III) Louças e Vidros e Talheres:

24 pires a café Braz & Braz, 24 chávenas a café Braz & Braz, 16 pratos a sobremesa Braz & Braz; 30 pratos a sopa Braz & Braz; 36 pratos rasos Braz & Braz; 4 chávenas a café Braz & Braz, 6 pires a chá Braz & Braz, 6 azeitoneiras «Vista Alegre»; 3 galheteiros com base de madeira; 60 facas a carne, 45 facas a peixe, 30 colheres a sopa; 8 colheres a sobremesa; 60 garfos a carne; 11 garfos a peixe; 48 colheres a café; 12 colheres a chá; 5 copos a água; 30 copos a vinho tinto; 45 copos a vinho branco; 13 copos a porto; 14 saleiros e pimenteiros; 6 copos a bagaço, 10 cálices a licor; 43 taças pequenas; 10 cálices a brandy; 12 taças a champagne; 18 copos a Whisky, baixos; 20 copos wisky, altos; 12 taças a cocktail de marisco com interior; 6 balões grandes; 6 balões médios; 2 balões pequenos; 9 copos a água, altos; 6 canecas com asa, 6 copos a cerveja, 3 fluts a champagne, 12 cinzeiros de vidro diversos; 7 tacinhas de barro a arroz doce, 10 tijelas de barro a caldo verde; 5 frigideiras de barro a bife; 14 pratos diversos de barro a pão, uma canoa de barro para assar chouriço; 2 pares de barro com recipiente para molho, uma travessa de barro, rectangular, para assados; um púcaro grande de barro, 3 saladeiras de barro; uma panela de aluminio forte, n.º 26 sem asas; um tacho «matoso», n.º 10; dois tabuleiros de aluminio forte, rectangulares, n.º 40, um tabuleiro de aluminio forte, rectangular, n.º 30; Uma forma para bolos em aluminio forte, redonda, grande, um tacho de aluminio forte, nm.º 20; uma panela «matoso», n.º 11; uma fritadeira em ferro, com rede; duas formas para pão-de-ló, uma fritadeira em ferro, n.º 7; uma fritadeira em ferro, n.º 6; uma fritadeira em ferro, n.º 4; uma fritadeira em ferro, n.º 7, uma fritadeira em ferro, n.º 6, uma fritadeira em ferro, n.º 4, uma fritadeira em ferro, n.º 3; uma fritadeira em ferro, n.º 2; um tacho «Cassiano», n.º 4, um tacho de aluminio forte, n.º 40, um tabuleiro de aluminio forte, n.º 45, uma forma para bolo inglês, n.º 30; uma cataplana em cobre, uma cafeteira de aluminio forte de 1,5 litros dois coadores de rede; uma queijeira com base de madeira e campânula de vidro, uma taça a cup em vidro, com asas; três conchas a sopa, quatro escumadeiras; dois garfos a grelhados, três colheres de cozinha, duas espátulas de manteiga; duas espatulas de grelhados, um queimador de leite creme, duas varas de ovos, um corta-ovos «Duplex», seis colheres de madeira diversas, um garfo de madeira, dois martelos de madeira, a marisco, dois martelos de madeira com bicos, um funil inox; seis tijelas a sopa inox; seis tijelas a arroz doce, inox, seis travessas inox rectangulares, pequenas, um tabuleiro inox de serviço; quatro pratos redondos inox, grandes, quatro pratos redondos inox, médios; quatro pratos redondos inox, pequenos, seis pires inox; um tabuleiro redondo a hor d'oeuvres; dois baldes de gelo inox, lisos, duas pinças de gelo inox; duas legumeiras inox, média; duas legumeiras inox; pequenas; duas molheiras inox; um caneleiro inox; um paliteiro inox; um bule inox, n.º 2; um bule inox, n.º 1; um carioca inox, n.º 1;

IV) Bebidas:

a) aperitivos

3 garrafas de Cinzano branco; 1 garrafa de Martini branco; 1 garrafa de Cinzano rosé; 12 garrafas de Cinzano tinto;

b) aguardentes:

5 garrafas de Macieira 5 estrelas; 1 garrafa de 1920; 1 garrafa de Constantino-brandy; 2 garrafas «Ponte Amarante» (aguardente velha); 3 garrafas «São Francisco» (aguardente Velha); 3 garrafas «Branca» (aguardente de cana); 2 garrafas «Aldeia Portuguesa» (bagaceira); 1 garrafa «Solar» (bagaceira branca); 1 garrafa «Romaria» (aguardente de cana); 1 garrafa «Medronheira»; 1 garrafa «Amarguinha» (amêndoa amarga»); 2 garrafas «Tente» (amêndoa amarga); sete garrafas «São Francisco» (bagaceira); 1 garrafa «Run Vieux»-Âncora.

c) Vinhos tintos;

11 garrafas «clareta» de 1980, de 0,75; 25 garrafas «clareta» de 1980, de 0,375; 12 garrafas «Piriquita» de 1980, de 0,75; 2 garrafas «Barrocão» de 0,75; 24 garrafas «Arealva» (reserva) de 1979, de 0,75; 15 garrafas «Arealva» (reserva) de 1979, de 0,375; 18 garrafas «Pasmados» de 1979, de 0,75; 9 garrafas «Tuela», de 0,375; 4 garrafas «Lalo» (clareta) de 1976, de 0,375, 3 garrafas «Porca de Murça», de 0,375; 15 garrafas «Dão Grão Vasco» de 1979, de 0,375; 3 garrafas «Dão Caves Velha» de 1979, de 0,375; 19 garrafas «Portas dos Cavaleiros» de 1980, de 0,375;

d) Vinhos Rosé:

12 garrafas «Mateus Rosé», de 0,75; 4 garrafas «Mateus Rosé», de 0,375; 22 garrafas «Casal do Castelão», 1979, de 0,75; 3 garrafas «Bonito», de 0,375; 3 garrafas «Solar», de 0,375; 2 garrafas «Messias», de 0,375;

e) Vinhos Brancos:

6 garrafas «Dão Novo Mundo», 1979, de 0,75; 5 garrafas «Grantour», de 0,75; 5 garrafas «Paços dos Infantes», de 0,75; 6 garrafas «Portas dos Cavaleiros» de 1982, de 0,75; 12 garrafas «Portas dos Cavaleiros» de 1982, de 0,375; 15 garrafas «Paasmados» de 1984, de 0,75; 5 garrafas «Dão Grão Vasco», de 1979, de 0,75; 18 garrafas «Dão Grão Vasco», de 1982, de 0,375; 15 garrafas «Dão Terras Altas», de 1982, de 0,75; 20 garrafas «Dão Terras Altas», de 1976, de 0,375; 15 garrafas «Caves Acácio» de 1970, de 0,75; 3 garrafas «Terras do Demo», de 1983, de 0,75; 9 garrafas «Porca de Murça», de 0,375; 12 garrafas «Bucelas Velho», de 1982, de 0,375; 8 garrafas «Dão Meia Encosta», de 0,375; 28 garrafas «Arealva» 1983, de 0,375; 6 garrafas «Frei João» 1976, de 0,375; 3 garrafas «Dão Caves Velhas» 1978, de 0,375; 18 garrafas «Castelo dos Mouros», de 0,375; 18 garrafas «Emissário», de 0,375; 12 garrafas «Dão Barrocão», 1979, 0,375.

f) Vinhos Verdes:

120 garrafas «Diamante Verde», de 0,375, branco; 8 garrafas «Cepa Velha», de 0,375, tinto. 7 garrafas «Casal Garcia», de 0,375, tinto; 12 garrafas «Casal Mendes», de 0,75, tinto; 11 garrafas «Casal Mendes», de 0,375, tinto; 5 garrafas «Presidente» de 0,75, tinto; 27 garrafas «Presidente», de 0,375, tinto; 18 garrafas «Santola», de 0,75, tinto; e 7 garrafas «Diamante Velho», de 0,75, tinto, a que se atribui o valor total presumível de 2 000 000$00 (dois milhões de escudos).

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 23 de Fevereiro de 1987

O Juiz de Direito,
João Cardoso Dias

O Liq. Trib.,
F. Lopes

DL 26/2/87 — 1.ª PUB.

CHEFE DE VENDAS

Jornal desportivo de expansão nacional, pretende admitir
Chefe de vendas de publicidade

Resposta com curriculum detalhado a este jornal ao n.º 21203

VENDEDORES

Jornal diário de expansão nacional, pretende admitir para os seus quadros, vendedores de publicidade com ou sem experiência.

Resposta com curriculum detalhado ao n.º 21201 deste jornal

Notícias sobre o caso são contraditórias

NENHUM PAÍS ACEITA "GRETL" CARREGADO DE ARMAMENTO

O navio «Gretl», que tem a bordo um milhão de contos de armamento português vendido ao Irão, continua sem alternativa no que se refere a um porto onde possa descarregar a sua valiosa e controversa carga.

De facto, por um lado surgem notícias de que também as autoridades espanholas, à semelhança do que já haviam feito as portuguesas, recusaram conceder autorização para que o navio almão federal escalasse um dos seus portos mediterrânicos.

Mas, por outro lado, um porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros da RFA, cujo Governo está a procurar uma alternativa para o «Gretl», disse não poder confirmar essa recusa por parte do Governo espanhol.

O certo é que o próprio Governo alemão federal, que ordenou o regresso do navio quando ele já nevegava no Mediterrâneo com destino ao Irão, não concede qualquer hipótese de transbordo do armamento ou reabastecimento do navio nos portos do seu país.

Mas as autoridades alemãs vão mais longe, uma vez que mostraram a sua disposição de arrestar o navio se ele entrasse nas suas águas territoriais.

As notícias são igualmente contraditórias no que se refere à localização do navio, uma vez que um porta-voz da Armada portuguesa afirmou que o «Gretl» se encontra ao largo da costa portuguesa, enquanto outras fontes indicam que ele se encontra ao largo de Espanha, na costa mediterrânica.

Além de tudo isto, segundo o porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros alemão, o tansbordo da carga de armamento é complicado por questões que se relacionam com o seguro da tripulação.

Recorde-se que o «Gretl» estava a fazer este transporte sob afretamento de uma companhia dinamarquesa mas o Governo da RFA proibe os navios alemães de fazerem transporte de armas para países em guerra. A empresa representante em Portugal é a Navitrade, cujos responsáveis se têm recusado a prestar declarações sobre a evolução do «caso Gretl».

Pelo menos desde 1983

Espanha nega vendas a Portugal

A Espanha não vende armas a Portugal desde 1983, segundo de conclui de um relatório enviado pelo Governo de madrid ao Congresso dos deputados.

O documento foi enviado, no início de Fevereiro, ao Congresso pelo Ministério da Presidência e Relações com as Cortes e inclui uma lista de todos os países para os quais a Junta Interministerial autorizou exportações de material militar espanhol desde Janeiro de 1983 até ao início de Fevereiro deste ano.

A questão de se saber se a Espanha tinha fornecido armamento a Portugal foi suscitada com notícias que circularam em Janeiro, indicando que o nosso país era um dos destinatários das 173 mil toneladas de explosivos e munições embarcadas no porto espanhol de Santander a partir de 1983.

Segundo foi afirmado agora pelas autoridades espanholas, Portugal não foi de facto destinatário final ou intermediário de qualquer tipo de material militar espanhol, e para o efeito basearam-se no referido documento endereçado ao Congresso dos deputados.

O que acontece, nestes casos, é que as autoridades de Madrid não controlam os cargueiros que saem dos portos espanhóis com um determinado destino e depois mudam de rumo. A propósito referiram o caso do cargueiro «Adonis», um barco panamiano que em Janeiro partiu de Santander em direcção à Síria e à Argentina com escala prevista em Lisboa, mas que acabaria por não passar pela nossa capital.

Intelectuais pedem esclerecimentos

Entretanto, em Lisboa, um grupo de intelectuais e artistas solicitou uma audiência à Comissão Parlamentar de Defesa e dos Negócios Estrangeiros para expor os seus pontos de vista e pedir esclarecimentos sobre a venda de armas fabricadas em Portugal e de outros países que transitam pelo nosso país.

Em causa está concretamente o fornecimento de material bélico a opositores de um Governo de um país com o qual mantemos relações diplomáticas: a Nicarágua.

O pedido de audiência foi subscrito entre outras personalidades por Natália Correia, Helena Roseta, José Saramago, Lídia Jorge, José Cardoso Pires, Maria do Céu Guerra, Sérgio Godinho, Fausto, Piteira Santos e Daniel Ricardo.

A acção foi dinamizada pelo Grupo de Solidariedade com a América Latina, GSAL.

General ganha 100 contos de "base"

Divulgados os novos vencimentos dos três ramos das Forças Armadas

Uma portaria conjunta dos Ministérios da Defesa Nacional e das Finanças, hoje publicada na folha oficial, fixa os vencimentos base a pagar mensalmente aos oficiais dos três ramos das Forças Armadas, sendo de reter como valores limites que um general ficará a ganhar 100 800 escudos e um soldado contratado, 22 600$00.

No que se refere à classe de oficiais a nova tabela de vencimentos é a seguinte: general e vice-almirante (108 800$00), brigadeiro e contra-almirante (93 300$00), coronel e capitão-de-mar-e-guerra (87 600$00), tenente-coronel e capitão-de-fragata (82 000$00), major e capitão-tenente (76 800$00), tenente e segundo-tenente (57 700$00), alferes, subtenente e guarda-marinha (52 200$00).

Quanto à classe de sargentos passará a auferir os ordenados que se seguem: sargento-mor (61 700$00), sargento-chefe (58 000$00), sargento-ajudante (50 100$00), primeiro-sargento (45 300$00), segundo-sargento (40 300$00) e furriel e subsargento (37 200$00).

No respeitante às praças do Grupo A e do extinto quadro de «taifa» da Armada e às praças readmitidas e contratadas do Exército e da Força Aérea, independentemente do tempo de serviço prestado, os base a abonar mensal são os seguintes: Armada (do Grupo A), cabo (37 200$00), primeiro-marinheiro 33 800$00), segundo-marinheiro (22 800$00), grumete reconduzido (a extinguir com o desaparecimento das praças que ainda existem com este posto) 31 000$00); do extinto quadro da «taifa», primeiro despenseiro (40 300$00); Exército e Força Aérea, primeiro-cabo — na classe de readmitidos — primeiro-cabo (33 800$00), segundo-cabo (31 000$00) e soldado (29 500$00); na classe de contratados-primeiro-cabo (22 800$00), segundo-cabo (22 700$00) e soldado (22 600$00).

Um aspirante a oficial (com o tirocínio concluído) usufrui 26 400$00, ao passo que os cadetes-alunos da Academia Militar, da Escola Naval e da Academia da Força Aérea irão receber na base do vencimento do aspirante a oficial, com as seguintes percentagens: no 1.º ano (20 por cento), no 2.º ano (24 por cento), no 3.º ano (30 por cento) e no 4.º ano (38 por cento).

Os alunos do curso de Formação de Sargentos dos Quadros Permanentes, quando graduados ou promovidos a furriéis, em consequência da frequência deste curso, têm o vencimento de 26 400$00.

A portaria determina ainda que as ajudas de custo passarão a ter os seguintes valores: chefe do Estado Maior-General das Forças Armadas, vice-chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, chefes dos Estados-Maiores da Armada, do Exército e da Força Aérea (5 410$00), oficiais generais (4 640$00), oficiais superiores (4 640$00), outros oficiais, aspirantes a oficial e cadetes (3 880$00) sargentos-mores e sargentos-chefes (3 880$00), outros sargentos, furriéis e subsargentos (3 500$00), primeiros-despenseiros, praças do Grupo A da Armada, praças readmitidas e convocadas do Exército e da Força Aérea e outras praças (3 500$00).

Governo não autoriza "ponte" no Carnaval

O Governo não autoriza dispensas ao trabalho nos dias imediatamente anterior e posterior ao feriado de terça-feira de Carnaval, no próximo dia 3 de Março. O despacho normativo do Executivo de Cavaco Silva refere que terça-feira de Carnaval é dia feriado, na «tradição existente no País, bem como a decorrência em paralelo de férias escolares». No entanto, e ao que determina, «segunda-feira e quarta-feira são dias normais de trabalho para os funcionários do Estado, não sendo autorizadas dispensas».

Novo comandante da GF de Coimbra

O coronel Adriano Sanches, comandante do Batalhão Quatro da Guarda Fiscal, sediado em Coimbra, vai ser substituído em funções pelo coronel Pereira Braz, no próximo dia 15 de Março. O comandante-geral da corporação, general Hugo dos Santos, que divulgou a informação, disse que Adriano Sanches abandona funções por passar à reserva. Quanto ao coronel Pereira Braz, exerceu o comando da Polícia de Segurança Pública de Coimbra.

Três assaltantes roubaram 90 mil contos a ourives

Três indivíduos encapuçados, um dos quais com sotaque estrangeiro, presumivelmente espanhol, assaltaram na noite de anteontem, nos arredores de Baião, a vivenda do ourives Joaquim Manuel da Rocha Monteiro, levando 20 mil contos em moeda portuguesa, francesa e alemã e peças em ouro, avaliadas em 70 mil contos.

O golpe ocorreu quando o ourives estava a jantar com a mulher e os dois filhos, tendo os assaltantes, que entraram por uma janela, agredido o ourives que tentou retirar o capuz a um deles, levando depois toda a família imobilizada com cordas para a cave do prédio, onde a abandonaram.

Os três assaltantes, de aspecto jovem, actuaram armados com uma pistola, um revólver e uma espingarda de canos serrados. O caso está a ser investigado pela Polícia Judiciária do Porto.

Cadáver de jovem grávida devorado por lobos e javalis

A Polícia Judiciária de Braga procura identificar uma jovem grávida, de idade compreendida entre os 20 e os 25 anos, cujo corpo destroçado por javalis e lobos foi ontem encontrado por um pastor em Portozelo, Vila Chã, no concelho de Ponte da Barca.

Segundo os investigadores, a morte terá sido provocada por estrangulamento, dado que o cadáver tinha um par de «collants» apertados ao pescoço. A autópsia revelou que a vítima estava grávida há seis meses de uma criança do sexo feminino, vestindo saia cor de laranja, blusão claro de pano e cinto verde.

Por via da Hachette

"Expresso" (e não só) candidato à concessão do canal francês TF-1

O semanário «Expresso» integra com o diário «El Pais», de Espanha, e a TV Globo do Brasil, uma das duas candidaturas à concessão do primeiro canal da Televisão francesa, TF-1, noticiou aquele jornal espanhol.

Uma fonte da Sojornal, a empresa proprietária do «Expresso», confirmou por sua vez à Lusa a candidatura do semanário à compra do TF-1.

A candidatura de que o «Expresso é um dos componentes tem como principal accionista o grupo editorial e de comunicação Hachette, com 25 por cento, e é ainda integrada por vários grupos franceses e de outras nacionalidades.

A participação espanhola ocorre através da Campañia Independiente de Television, controlada pela Promotora de Informaciones», sociedade editora de «El Pais», o diário de maior difusão em Espanha.

A TF-1 é o canal de maior audiência (30 por cento do total) e o de melhor carteira publicitária em França.

A concessão é por dez anos e o resto do capital será repartido pelo público (40 por cento) e pelos trabalhadores da TF-1 (10 por cento).

Reintegrados todos os despedidos da RTP após o 25 de Novembro

A reintegração, ordenada judicialmente, dos 22 trabalhadores da RTP há 12 anos, na sequência do 25 de Novembro, foi ontem completada com o regresso à empresa de três jornalistas.

Os jornalistas reintegrados, António Borga, Manuel Bom e António Manuel, afirmam que a sentença do Supremo Tribunal de Justiça não está a ser cumprida quanto à obrigatoriedade de a empresa respeitar as anteriores categorias profissionais, a evolução das carreiras e colocação nos mesmos locais de trabalho.

Um dos jornalistas, António Borga, disse à Lusa que quando foi suspenso da epresa desempenhava as funções de chefe de Redacção do Telejornal, e que foi agora colocado no subdepartamento de Informação aos órgãos de Comunicação Social, a desempenhar funções não jornalísticas e sem a categoria profissional anterior.

De acordo com a mesma fonte, os outros dois jornalistas foram colocados no Centro de Documentação, enquanto o escritor Manuel Ferreira, que antes chefiava o Departamento de Programas Culturais, foi colocado na assessoria do chefe de Gabinete de Qualidade de Programas.

Os trabalhadores, cuja reintegração hoje se completou — e que incluem jornalistas, ex-chefes de Departamento como Artur Ramos, Manuel Ferreira e Mário Vieira de Carvalho, técnicos, motoristas e empregados de escritório — haviam sido suspensos em 26 de Novembro de 1975 e despedidos um ano depois, sob a acusação de envolvimento nos acontecimentos do 25 de Novembro.

Durante os 12 anos de afastamento da RTP, recorreram judicialmente e ganharam uma acção contra a RTP no Tribunal de Trabalho de Lisboa em 1983, sentença sucessivamente confirmada pela Relação e pelo Supremo Tribunal de Justiça.

"Le Monde" dedica-nos suplemento

"O Portugal Europeu, Ano II"

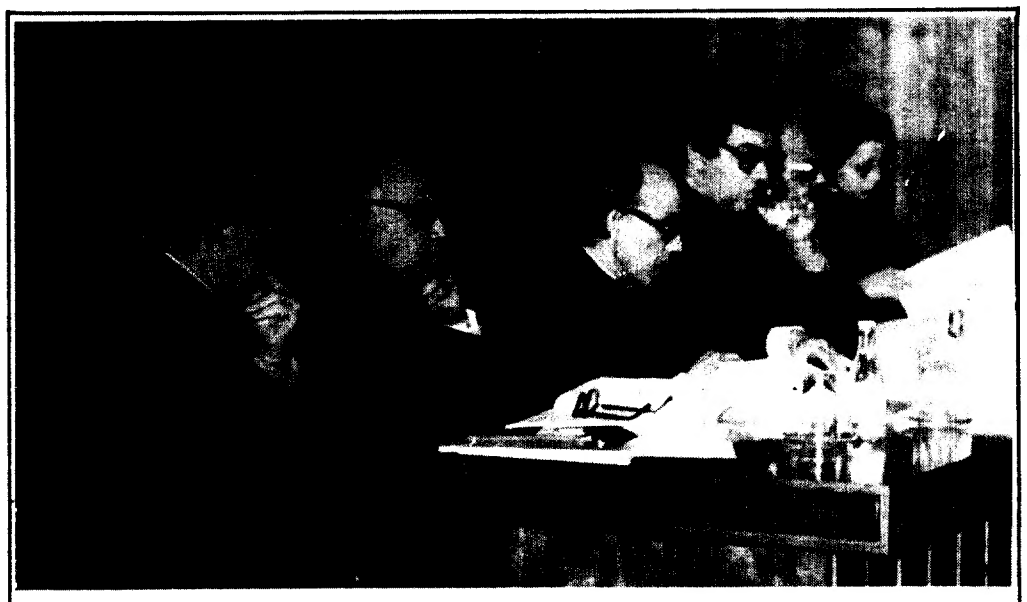
Um suplemento dedicado a Portugal, sob o título «O Portugal Europeu, Ano II», acaba de ser publicado pelo vespertino francês «Le Monde».

«A marcha forçada para alcançar o pelotão», «Bruxelas-Lisboa, a corrente passa, o dinheiro também», «Os Açores», «Uma democracia estabilizada» e «Toda a magia do Porto», são os principais temas desenvolvidos no suplemento.

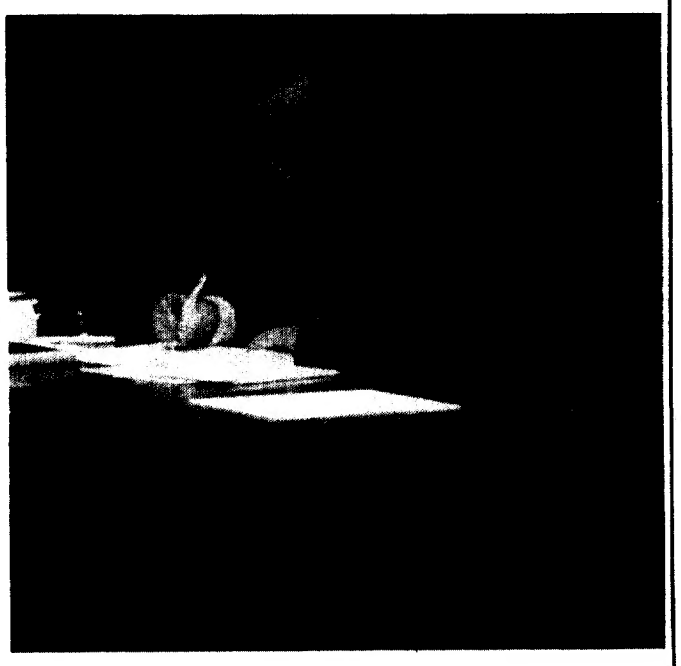
No capítulo dedicado aos Açores, que o vespertino francês classifica de «a Europa do extremo Ocidente», é publicada uma extensa análise sobre o perfil de Mota Amaral, que «Le Monde» define como a «estrela errante da direita portuguesa».

Em França, «Le Monde» organizou um serviço «Portugal» através do sistema Minitel, que inclui a possibilidade de diálogo entre portugueses e franceses, o calendário das manifestações e outros aspectos da actualidade portuguesa.

O suplemento faz parte da edição de hoje de «Le Monde», jornal com uma tiragem média de 480 mil exemplares diários.



António Borges Coelho iniciou provas de doutoramento



Na Reitoria da Universidade Clássica de Lisboa, na defesa da primeira hora, uma monografia sobre «O mercantilista português Duarte Gomes Solis», o professor António Borges Coelho, teve como arguente o professor doutor António Oliveira, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Presidiu o reitor que se encontra ladeado à direita, pelo arguente e pelos doutores Joaquim Veríssimo Serrão e Francisco Sales Loureiro, à esquerda pelos doutores Jorge de Macedo, Isaías Rosa Pereira e Maria do Rosário Themudo Barata. O historiador António Borges Coelho que ontem respondeu ao arguente evidenciando um íntimo convívio com a obra do mercantilista Duarte Gomes Solis, hoje defenderá a sua tese principal: «Inquisição de Évora (1533-1658)».

Loteamentos urbanos e planeamento urbanístico

Detectadas irregularidades na Câmara de Viana do Castelo

Uma sindicância à Câmara de Viana do Castelo detectou várias irregularidades, diz um despacho do secretário de Estado da Administração Local, Nunes Liberato, a que a Lusa teve acesso.

As irregularidades veificam-se especialmente nos domínios dos loteamentos urbanos e do planeamento urbanístico.

A sindicância aos serviços do Município foi mandada instaurar em 1985 pelo Ministério da Administração Interna, na sequência de uma investigação efectuada pela alta autoridade a pedido do então presidente da Câmara, Henrique da Mata (PSD).

Tudo começou com o depósito de 300 contos na conta bancária do vereador social-democrata Carlos Baptista, que este devolveu aos depositantes, responsáveis de uma firma de construções de Viana.

Com esta tentativa de suborno, visando «agradecer» os préstimos daquele membro do executivo camarário na aprovação de uma contestada obra em Afife, começaram a surgir indícios sobre negócios pouco claros, envolvendo a aprovação de certos loteamentos e construções.

No despacho do secretário de Estado, anexo ao relatório da sindicância, refere-se que «os técnicos da Câmara de Viana do Castelo não respeitaram os deveres inerentes aos cargos que exerciam» e que «a sua conduta era passível de procedimento disciplinar, tanto mais que em alguns casos, nomeadamente no que concerne a autorização para levantamento de cauções, a actuação daqueles funcionários lesou os interesses do próprio Município».

Afirma que «a gestão do território municipal não tem respeitado a legislação em vigor nos domínios dos loteamentos urbanos e do planeamento urbanístico».

Sublinha, depois, que se afigura «particularmente grave que os serviços do Município permitam a ocupação ilegal de terrenos do domínio público e de solos de boa aptidão agrícola e que demonstrem alguma passividade no combate à construção clandestina e no cumprimento efectivo de deliberações do executivo».

A nota do secretário de Estado afirma que se «verifica a existência de diversas situações, entre as quais se destaca a venda de lotes de terreno, em 1981, à sociedade, «Montipal» qie nada contribuem para a dignificação do poder local».

Sobre esta questão da venda de lotes à referida sociedade, que foi pertença do actual presidente da Câmara, Manuel Licínio Pires de Araújo (PSD), há um parecer da Inspecção-Geral da Administração do Território. «Como já não pode ser accionado o mecanismo de perda de mandato por a Montipal já ter findado, resta a declaração de nulidade do contrato, o que deverá ser solicitado ao agente do Ministério Público junto do Tribunal Administrativo do círculo do Porto», sublinha o parecer.

O "Pravda" sai hoje em edição portuguesa

Uma tiragem única de 100 mil exemplares de um número do jornal soviético «Pravda» encontra-se hoje nas bancas portuguesas, após ter sido traduzido integralmente.

Trata-se da edição do dia 16 do diário oficial do Partido Comunista Soviético, traduzida por uma equipa de que fazem parte os jornalistas Carlos Fino e João Carlos Barradas.

O «Pravda» português, respeitando o figurino da sua edição original, foi composto e impresso nas oficinas da empresa pública do «Diário Popular», sendo distribuído pela empresa «Vasp». Preço de cada exemplar: 200 escudos.

Os autores desta iniciativa são os dinamarqueses Erik Nyborg, responsável da firma «Danish Independent Productions», e Eva Hennigsen, residente em Portugal há vários anos e que trabalha na área editorial.

Prosseguindo uma ideia iniciada em 1986 por um grupo de franceses e retomada pela empresa Nyborg, o «Pravda» terá uma edição única em Portugal, após experiências idênticas levadas a cabo na Dinamarca, Holanda, Bélgica, Suécia e Grécia.

Os leitores portugueses poderão ficar com uma ideia não só do jornalismo soviético, como sobretudo de «uma parte da vida quotidiana dos cidadãos soviéticos», afirmou Erik Nyborg à Lusa, acrescentando que a ideia de editar um exemplar deste jornal em diversos países ocidentais «foi simplesmente permitir ao público interessado uma oportunidade de saber o que se passa na União Soviética».

Salientando que a iniciativa não tem a intenção de fazer «propaganda contra ou a favor da URSS, mas apenas possibilitar a informação para que toda a gente possa formar a sua própria opinião sobre o que lá se passa», Nyborg sublinha que, até agora, os leitores ocidentais só tinham acesso a algumas citações do «Pravda» publicadas em diversos jornais, sem que pudessem ficar com uma «ideia total» daquele diário.

Na sua edição, o «Pravda» português dá grande destaque ao «Forum Internacional pela Paz», fazendo uma larga cobertura do acontecimento e do apelo para a redução de armamento nuclear ali lançado pelo líder soviético, Mikhail Gorbachov.

Segundo explicam os responsáveis da edição, as recentes reformas iniciadas por este dirigente já se fazem sentir neste jornal, que, na União Soviética, tem uma tiragem diária de 11,3 milhões de exemplares.

Na forma, o «Pravda» assemelha-se a muitos outros jornais publicados em todo o mundo, com um editorial na primeira página, cartas dos leitores, páginas dedicadas aos assuntos laborais, regionais, desporto, cultura e espectáculos, entre outros temas, etc.

Ligação entre Sete Rios e a Luz já em 88

CONSELHO DE GERÊNCIA QUER METRO ATÉ AO CAIS DO SODRÉ E RATO

O Conselho de Gerência do Metropolitano de Lisboa quer avançar com a linha até ao Cais do Sodré, revelou ontem Pestana Bastos. Em declarações ao «DL» aquele responsável referiu-se também ao prolongamento da linha até ao Largo do Rato, sublinhando que a ligação entre Sete Rios e a Luz estará pronta durante primeiro semestre de 1988.

«Em termos de Metro, a opção Cais do Sodré foi objecto de deliberação do Conselho de Gerência em plenário», declarou esta manhã ao «DL» Pestana Bastos. Sublinhando «que tal ligação, em termos meramente técnicos, pode ser feita de várias maneiras, qualquer delas com as suas vantagens e incovenientes»,Pestana Bastos não deixou de assinalar que, «para além deste aspecto, há outros que dizem respeito à política de extensão da rede».

«Sobre o prolongamento em relação ao Tejo há seis ou sete teses», adiantou, exemplificando, deste modo, as polémicas que esta solução tem suscitado.

Rotunda passa a ser em «X»

«No entanto», prosseguiu Pestana Bastos, «a solução pela qual o Conselho de Gerência optou, foi a de desconectar a Rotunda», desfazendo o «Y» que existe actualmente, «passando-o a um «X».

«A linha que vem do Campo Grande continuará em direcção ao Largo do Rato», referiu.

Deste modo, a opção do Conselho de Gerência do Metropolitano de Lisboa vai de encontro ao Plano Geral de Transportes da Área de Lisboa, aprovado no inicio da década de 1980, que determinava como prioridades o prolongamento da rede do Metro em direcção ao Tejo, nomeadamente ao Cais do Sodré, e a sua extensão até ao Largo do Rato.

Se a prioridade a dar a estes investimentos já recebeu a «luz verde» do Conselho de Gerência do Metropolitano de Lisboa, falta agora que a tutela se pronuncie.

Valente de Oliveira visitou ontem as obras do Metro para ver como é

Mais material circulante

Aliás, nesse sentido, o ministro dos Transportes, Obras Fúblicas e Comunicações, acompanhado do secretário de Estado, visitaram ontem o Metropolitano, e deslocaram-se a algumas das obras de ampliação da rede que estão a ser efectuadas, nomeadamente a futura estação do Campo Grande, que deverá estar operacional nos últimos meses de 1990.

Até lá, segundo revelou a Oliveira Martins e Sequeira Braga o presidente do Conselho de Gerência do Metro, estará já em funcionamento a linha do metropolitano da estação de Sete Rios até à Luz, com arranque previsto para o primeiro semestre do próximo ano.

No segundo semestre de 1988, estará também já aberto ao público o troço que passará a ligar Entrecampos à Cidade Universitária, enquanto que o novo material circulante da empresa, uma encomenda no total de 56 veículos, feita em 1980 à Sorefame, está em vias de finalização de entrega, o que será suficiente para a exploração da actual rede.

Para os membros do Governo esta foi a oportunidade de iniciar a apreciação dos planos de investimento a médio prazo das 17 empresas de transportes que se encontram sob a tutela daquele departamento governamental.

«Pretendemos saber o que cada uma das empresas se propõe fazer nos próximos três a cinco anos, para ver se está ou não de acordo com o que o Governo pretende para a área dos transportes», declarou Oliveira Martins.

PPM contra auto-estrada de Cascais

O Partido Popular Monárquico manifestou-se contra a construção da auto-estrada entre Lisboa e Cascais, na semana passada confirmada pelo Governo.

O PPM disse em comunicado, da respectiva comissão política, que se trata de «uma velha ambição dos grandes empreiteiros de obras públicas e especuladores de terrenos».

Segundo ele, seria melhor construir uma via rápida interior e melhorar as estradas já existentes entre a capital e Cascais do que construir uma auto-estrada que poderá custar oito milhões de contos ao erário público e constituir «um convite à pseudo-urbanização terceiro-mundista nos Municípios de Oeiras, Amadora e Cascais».

O Partido Monárquico afirmou esperar que a Secretaria de Estado do Ambiente se «oponha eficazmente à concretização da nova auto-estrada», que na opinião do Governo se torna muito necessária por a velha Estrada Marginal entre Lisboa e a zona Estoril-Cascais já nem sempre aguentar com todo o trânsito existente.

A auto-estrada que as autoridades pretendem deverá desenvolver-se a partir da que já existe até ao Estádio Nacional, situada na zona do Jamor.

É Carlos Pimenta quem o afirma

Governo afastou opção nuclear

...Mas Todo-Bom diz que tudo é possível até 1990

O Governo «pôs de parte a opção nuclear», por não existirem condições favoráveis e ser demasiado o «risco financeiro e tecnológico» — afirma o secretário de Estado do Ambiente em entrevista concedida a uma revista de empresas. Esta garantia de Carlos Pimenta foi feita antes de declarações proferidas no Funchal pelo secretário de Estado da Indústria, Luís Todo-Bom, na passada quarta-feira, segundo a qual a opção pela energia nuclear «terá que ser tomada por Portugal até 1990».

As divergências entre aqueles dois membros do Governo a propósito do nuclear não são de agora, como o «DL» salientou na sua edição de 19 de Maio de 1986, num inquérito que publicou a propósito da construção de centrais nucleares em Portugal. Nesse inquérito, António Mota Redol levantava alguns dos problemas relacionados com a opção pelo nuclear, enquanto Ribeiro Teles, Maria dos Santos e Carlos Pimenta, entre outros, manifestavam a sua oposição à ideia. Recorde-se, por outro lado, que em 27 de Abril de 1984, o MDP questionou o Governo na AR sobre o nuclear e que em Agosto do mesmo ano Veiga Simão accionou um processo junto da Alta-Autoridade Contra a Corrupção sobre energia nuclear.

O Governo parece ter posto de parte, portanto, a opção nuclear. Segundo Carlos Pimenta, pôs mesmo de parte a ideia. Após análise exaustiva sobre o Plano Energético Nacional elaborado pelo anterior Governo, a conclusão foi de que «não existem condições favoráveis à opção pela energia nuclear para produção de electricidade para fins civis», frisou o secretário de Estado.

«O risco financeiro e tecnológico», do investimento «é demasiado grande para um país com os nossos recursos», pelo que, «apesar dos problemas de poluição levantados pelas centrais térmicas, o Governo pôs mesmo de parte a opção nuclear» — referiu.

O secretário de Estado do Ambiente revelou também que a Lei dos Impactes Ambientais, que entrará em vigor em 1 de Julho de 1988, será «muito dura», determinando que, antes da autorização do licenciamento, todos os empreendimentos, públicos e privados, apresentem um estudo sobre o impacte ambiental.

Por outro lado, as novas medidas para a protecção do ambiente vão obrigar as empresas à realização de investimentos significativos a curto prazo, implicando um aumento dos custos de produção.

Nalguns sectores, acrescentou Carlos Pimenta, os estudos realizados pela Secretaria de Estado do Ambiente indicam que «os investimentos são mesmo muito elevados», designadamente nas indústrias de curtumes, papel e têxtil.

De qualquer modo, tais investimentos terão mesmo de ser feitos, caso contrário, a Comunidade Europeia fecha as portas aos produtos portugueses — avisou o secretário de Estado.

O Governo recebeu já avisos de Bruxelas chamando a atenção para o respeito pelas normas comunitárias, nomeadamente no caso dos têxteis, dos curtumes e das indústrias químicas, onde se registam casos muito graves de poluição, diz Carlos Pimenta na entrevista concedida à «Revista das Empresas».

Barragem do Torrão: Pimenta convence EDP

O secretário de Estado do Ambiente convenceu a EDP a ter em conta possíveis efeitos negativos da albufeira da Barragem do Torrão, no concelho de Amarante.

Carlos Pimenta, que esteve reunido com os autarcas de Amarante, a EDP, o governador civil do distrito do Porto e a Comissão de Coordenação da Região Norte para debater os impactos da albufeira, afirmou que «esta reunião se realiza com sete anos de atraso». No entanto, a EDP parece ter cedido às propostas de Carlos Pimenta...

Segundo este membro do Governo, aquela empresa pública tomou o compromisso de apresentar no prazo de 90 dias «um 'dossier' completo onde se analise os impactos da paisagem amarantina e a possibilidade de a cota máxima da barragem ser baixada em um metro».

Camponesa agredida por não denunciar o paradeiro do marido e do filho

GNR PROCUROU ENCENAR EM PIAS UMA RÉPLICA À 'SEARA DE VENTO'?

Manuel Geraldo

De Pias, aldeia do Baixo Alentejo onde ainda resiste um dos mais importantes baluartes da Reforma Agrária, a UCP Esquerda Vencerá, veio até Lisboa uma família para denunciar um evento que, a confirmar-se real, como que irá reeditar à distância de 40 anos, embora sem o mesmo trágico epílogo, o cenário que envolveu o caso do Cantinho da Ribeira, inspirador de um livro de referência na obra de Manuel da Fonseca, a «Seara de Vento».

Antónia Medeiros Ventura com o marido e o filho

Como narradora Antónia Medeiros Ventura, camponesa, ela mesma personagem principal da ocorrência, Oiçamo-la então ao recordar-nos que o seu sogro, o velho «Ventura», guardador de ovelhas, sempre foi um resistente a Salazar e a Caetano, e, por isso mesmo, perseguido pelos agrários que o acusavam, por «dá cá aquela erva», de lhes invadir os latifúndios e coutadas para dar de comer ao seu rebanho em épocas de maior crise. Por isso foi muitas vezes detido e sovado no posto local da GNR, onde já na década de sessenta pontificava o agora cabo Pereira.

Mas eis que aconteceu o 25 de Abril de 1974, com os agrários em fuga, ou «à defesa», e o velho «Ventura» pôde respirar um pouco participando no arranque, e, pouco antes da sua morte, na lenta, e «bisturizada», quase destruição da Reforma Agrária.

Aqui chegados, entra em cena o seu filho, tal como ele «Ventura» de apelido, que já casado e com dois filhos, retomou como forma de sobrevivência, a pastorícia de ovelhas. E de novo as ameaças dos agrários, agora ditos «reservatários», que, com a GNR comandada pelo cabo Pereira, o acusaram de lhes destruir as ervas e os pastos.

«Ventura» resistiu, negou a acusação, mas os agrários ficaram os pés e predispostos como se encontram para retaliar, mobilizaram a GNR, fazendo com que o pastor de ovelhas e um dos seus dois filhos fossem chamados ao posto e ameaçados. Até que, num entardecer da semana passada, quando um guarda da GNR passava pelo centro da freguesia, o filho do «Ventura» trocou com ele palavras necessariamente azedas. O guarda acelerou o passo até ao posto e contou o sucedido ao cabo Pereira, voltando os dois à procura do mancebo. Não o encontrando, demandaram a casa da família Ventura. A porta estava fechada, o cabo Pereira bateu na madeira. Respondeu-lhe a voz pausada, por cautela e tradição, da mulher do «Ventura».

O cabo Pereira perguntou-lhe pelo marido e pelo filho, António, a nossa interlocutora, respondeu que não sabia. O cabo Pereira ripostou que queria entrar, Antónia recusou-lhe a entrada, defendendo o seu direito à privacidade, até porque não havia mandado de busca, e então o cabo e o guarda forçaram a porta, revistaram a casa e acabaram por agredir Antónia que ficou com problemas de audição num dos ouvidos e com equimoses no rosto, pelo que teve de deslocar-se ao Hospital de Serpa, após o que no dia seguinte apresentou queixa no tribunal da comarca.

Enquanto isto o seumarido e filho, ao sentirem-se perseguidos pela GNR saíram do Alentejo e vieram até ao Barreiro, e daqui para Lisboa, onde, juntamente com Antónia, nos procuraram para contar a situação vivida.

Confrontados com a narrativa da família Ventura, procurámos, dentro da nossa linha de coerência informativa, saber o que tinham para dizer os responsáveis da GNR. A resposta chegou-nos através do tenente-coronel Hernâni Moás, porta-voz da força comandada pelo general Mário Tomé Pinto, que, na sequência das investigações realizadas, afirmou ter apurado que o cabo Pereira, de 54 anos de idade, é um quadro da GNR «bastante disciplinado e conceituado na região» e que o marido de Antónia Medeiros Ventura é tido como um indivíduo que se dedica «ao furto de ovelhas e azeitonas». Que Antónia Ventura foi de facto procurada em casa para se pronunciar sobre o paradeiro do seu marido e filho, acusados de terem ameaçado um guarda da corporação, mas que respondeu, sem abrir a porta, que os mèsmos estavam num café do centro da freguesia. Que o cabo e o guarda se afastaram do local sem qualquer espécie de hostilidade para com Antónia, indo procurar o Ventura e o filho no café indicado, não os encontrando no entanto, e que os mesmos nunca mais foram vistos em Pias a partir desse momento.

O veredicto do Tribunal de Serpa

Estas as duas versões que recolhemos, mas a confirmar-se a narrativa de Antónia Ventura, teremos de concluir que, quatro décadas passadas, a GNR terá procurado como que reeditar, ainda que dentro das limitações impostas pela situação política ora vivida em Portugal, o cenário que acabou por conduzir à tragédia do Cantinho da Ribeira, que aqui fica como nos foi descrito há tempos por um dos filhos dos protagonistas: «O meu pai era um lutador! Não se vergava, incitando os camaradas a exigirem jornas mais altas. Por isso o patrão não o gramava. Aproveitou ntão o desaparecimento de três ou quatro sacas de trigo (que depois se veio a saber ter sido obra do filho dele) para o acusar de ladrão ao sargento da Republicana. O meu pai, avisado, conseguiu fugir e a GNR procurou a minha mãe em casa para que ela lhes denunciasse o seu paradeiro. Não é sabido, ao certo, mas calcula-se o que lhe fizeram, mas levada para o posto ela acabou por aparecer lá enforcada com o lenço da cabeça enlaçado ao pescoço. Depois foi a perseguição feroz ao meu pai. Ele refugiou-se num moinho, perto de Serpa, e com a ajuda da minha avó, que metia cartuchos numa espingarda enquanto ele disparava com outra, conseguiu fazer frente a uma companhia da GNR, até que o atingiram, acabando por morrer a caminho de Beja».

Salvaguardando embora os diferentes epílogos para os dois casos, e porque não estamos em plena ditadura salazarista, mas sim em 1987, num Estado de Direito, pelo menos na letra constitucional, aguardemos que o Tribunal Judicial de Serpa se pronuncie sobre o que verdadeiramente aconteceu em Pias. Com a certeza, para já, de que a narrativa que agora compilámos não será censurada ao contrário do que aconteceu, à data, com o livro de Manuel da Fonseca, desde logo retirado do mercado. Sinal de que Abril valeu a pena. E de que a mensagem de José Afonso, o autor do seu hino, continua bem viva no país que habitamos!...

Assassinou o amante de quem tinha dois filhos

Uma vendedora de livros matou, em sua casa, no Porto, o homem com quem viveu, e de quem tem dois filhos, afirmando que agira em legítima defesa, dado que o mesmo a ameaçava e entrara na residência por arrombamento da porta.

A homicida, Elvira Pereira Ferreira de 28 anos, perpetrou o crime atingindo Ângelo Maria Correia da Silva, de 37 anos, desempregado, com uma barra de ferro na cabeça, após o que chamou a PSP.

Elvira Ferreira, que ainda hoje será presente no Tribunal de Instrução Criminal, daquela cidade, disse que, ainda há dias, o ex-amante, de quem se separou há sete anos, entrara na sua casa, na Rua das Condominhas, destruindo-lhe várias peças de roupa com uma faca e lixívia, para além de haver proferido as suas já habituais ameaças de morte.

Segundo o relatório do incidente

"Sagres" aterrou na China por "falha técnica"

O monomotor «Sagres» efectuou a aterragem de emergência a 10 de Fevereiro em Luxi, República Popular da China, devido a uma falha técnica, segundo um relatório elaborado pelas autoridades chinesas.

O gabinete de apoio ao «raid» aéreo a Macau informou que o relatório foi assinado em Kunming, após dois dias de inquéritos a que foram sujeitos o comandante Jorge Cruz, o engenheiro Prata Mendes e o co-piloto Arnaldo Leal.

O relatório, de acordo com o gabinete de apoio, refere uma falha técnica — deficiência no motor que provocou um consumo anormal de combustível — como causa da aterragem de emergência do «Sagres».

A comissão chinesa que procedeu ao inquérito elogiou a actuação do comandante do «Sagres», durante toda a situação de emergência e na aterragem feita em território montanhoso.

O monomotor, que se encontra na localidade de Luxi, a cerca de sete mil pés de altitude, a 200 quilómetros da cidade de Kunming, está a ser desmontado por um dos pilotos — disse José Amaral, que em Macau coordena os apoios à tripulação do avião.

No hotel de Kunming, onde ficariam instalados os aviadores, logo após a aterragem de emergência, um dos primeiros telexes a chegar à tripulação do monomotor era oriundo da Presidência da República, a lamentar o sucedido e reiterando o apoio à iniciativa.

Antes do regresso a Portugal, a tripulação pretende ainda escalar Macau, local onde foram bem recebidos e onde estabelecerão mais facilmente contactos e as diligências necessárias ao regresso — anunciou o gabinete de apoio ao «raid».

ARTIGO DE FUNDO

Mário Castrim

A equipa nacional de futebol deslocou-se ao Cairo, a breve distância do local onde se levantam as pirâmides. O empate 1-1 pode considerar-se honroso, dado o brio que os jogadores puseram na luta. Os egípcios alegam terem jogado desfalcados, por lesão de Ramsés II. Dignou-se assistir ao prélio a rainha Nefretari. Irradiava dela tanta luz que nem se utilizaram as torres de iluminação.

●

Verificou-se uma derrota por 1-0 face à equipa de Djibuti. A nossa equipa falhou vários lances, certamente intimidada pelo Corno de África. Bateu-se, porém, com inexcedível brio e se mais oportunidades tivera, mais falhara.

●

Ao perder por 3-0 com a Costa do Marfim, Portugal apenas se pode queixar do árbitro e da falta de pontaria. De facto, tivemos sessenta oportunidades e não concretizámos nenhuma; os marfilenhos tiveram uma e marcaram três...
A equipa bateu-se com brio, generosidade, denodo, dignidade e valentia. Todos foram dignos de seus maiores!

●

O jogo com as Honduras efectuou-se debaixo de chuva copiosa — e talvez por isso, também o resultado foi copioso: 4-0. Os nossos jogadores mostraram uma técnica apurada e aplicaram-se com muito brio, honrando as camisolas verderrubras.
Assistiram ao encontro 10 mil conselheiros militares americanos. Supõe-se que foram eles quem ensinou a táctica aos hondurenhos e lhes forneceu o radar.

●

O quinto jogo da selecção nacional efectuou-se em Beirute. Resultado final: 5-0 a favor dos locais. A partida esteve interrompida várias vezes devido a incidentes surgidos entre elementos xiitas, maronitas, milícias, falanges, etc. que faziam parte da equipa libanesa.
A nossa equipa portou-se com muito brio: «Fizemos uma partida extraordinária» declarou-nos R. Ciabra. O Líbano queixou-se da dureza dos nossos jogadores.
«Depois do último bombardeamento israelita que vitimou 60 pessoas, foi o pior que nos aconteceu» — escreve um jornal local.

●

O jogo com as Seychelles esteve para não se efectuar, pois o avião sobrevoou durante dois dias o Oceano Índico até dar com as ilhas. Acabou por aterrar no próprio campo de futebol, o que facilitou as coisas.

A partida decorreu com vivacidade, terminando com a vitória das Seychelles por 10-0. «Jogámos com muita determinação e brio» declarou Silva Ré Zende «e o resultado é deveras animador para as nossas cores».

Ciabra e Ré Zende admitem virem eles próprios a integrar a equipa para reforçar a ala direita.

Denúncia da Federação Sindical do sector

SALÁRIOS EM ATRASO NA METALURGIA E MINAS JÁ RONDAM OS SEIS MILHÕES DE CONTOS

O coordenador da Federação Sindical da Metalurgia e Minas afirmou, ontem, existirem 25 880 trabalhadores de 162 empresas com 6,9 milhões de contos de salários em atraso nos sectores.

Outra informação da Federação dos Sindicatos da Metalurgia, Metalomecânica e Minas: nas Minas da Panasqueira a taxa de lucro em 84 e 85, relativamente ao capital social, foi de 94 e 74 por cento. Não obstante isso, a Beralt quer encerrar a mina e despedir os cerca de mil trabalhadores que restam

Em conferência de Imprensa, a Federação dos Sindicatos da Metalurgia, metalomecânica e Minas denunciou a diminuição do emprego no sector metalúrgico, a substituição de trabalhadores efectivos por alugados ou contratados a prazo e o encerramento da maioria das minas portuguesas.

João Paulo afirmou que «os interesses portugueses não foram salvaguardados com a adesão à CEE, estando ameaçado o futuro dos trabalhadores da indústria naval, da metalomecânica e da produção e montagem de automóveis».

Precisou que as importações de produtos daqueles sectores de países da comunidade Europeia aumentaram 47,4 milhões de contos nos primeiros oito meses de 1986, em relação a período homólogo de 1985.

Para exigir solução para os problemas sociais do sector e conseguir a resolução da contratação colectiva, os metalúrgicos e mineiros efectuam dia 11 de Março, uma Jornada Nacional de Luta com acções diversificadas em todo o País, incluindo greves — anunciou.

Os dirigentes sindicais afirmaram que o emprego entre 1984 e 1986 baixou 6 por cento na metalurgia de base, 13,4 por cento nos produtos metálicos, máquinas, equipamentos e material de transporte, tendo sido eliminados 2219 postos na Lisnave e 946 na Setenave.

Salientaram que as empresas da indústria naval reduziram em um terço os postos de trabalho entre 1979 e 1986 e que só no primeiro semestre de 1986 foram «gerados 1000 desempregados».

Os lucros e dividendos da Beralt

Nas empresas de metalomecânica pesada do Estado no distrito de Setúbal o emprego baixou para metade entre 1978 e 1986, afirmaram.

A federação denunciou o encerramento em 1986 das Minas da Borralha, Vale de Gatas, Argozelo, Montezinho e Ribeira. Também a multinacional Beralt «ameaça despedir 925 trabalhadores» e encerrar as Minas da Panasqueira, depois de ter feito um despedimento colectivo de 335 mineiros.

A federação sindical considera que a Beralt «pretende tirar dividendos no mercado internacional dos 'stocks' de minério acumulados» e recorda que a empresa teve 283 912 contos de lucro em 1984 e 223 001 contos em 1985, o que em relação ao capital social de 300 000 contos significa taxas de 94,6 e 74,3 por cento, respectivamente.

Acrescenta que naqueles dois anos os dividendos distribuídos foram de 190 000 contos e 215 000 contos, respectivamente, e que em 1984 e 1985 a empresa colocou cerca de 1,45 milhões de contos em títulos e depósitos a prazo.

Assim, a Federação refuta a necessidade de encerramento das Minas da Panasqueira, sublinhando que dos salários dos seus mineiros dependem, directa e indirectamente, mais de 20 000 pessoas.

Os dirigentes sindicais assinalaram que paralelamente à diminuição do emprego aumenta o trabalho a prazo, à hora e à tarefa e o aluguer de mão-de-obra, exemplificando que a percentagem de trabalhadores alugados em 1986 era de 59,1 por cento na Mompor e 13,3 por cento na Lisnave.

A Setenave e a Siderurgia tiveram em 1986 respectivamente, 270 e 397 trabalhadores alugados — afirmaram.

Os dirigentes da federação disseram que no distrito de Lisboa há 8300 trabalhadores de 67 empresas com salários em atraso, no distrito do Porto 5000, de 33 firmas e no de Setúbal mais de 7000.

Os dirigentes da federação afirmaram que Portugal importa metade do aço que consome apesar de os recursos naturais do País darem para alimentar durante um século uma siderurgia com uma capacidade de um milhão de toneladas por ano e criticaram o projecto de despedimento de 2000 trabalhadores da Siderurgia Nacional.

Degrada-se a situação em Lisboa

Soube-se, entretanto, que a dívida aos 17 142 trabalhadores de 163 empresas do distrito de Lisboa, que em Janeiro se encontravam com salários em atraso, ascende a 3 007 519 contos.

A revelação foi feita, ontem, pela União dos Sindicatos de Lisboa, que acrescentou, relativamente a Dezembro de 1986, terem aumentado as empresas nesta situação (mais 9), o número de trabalhadores afectados (mais 1498) e a dívida (mais 419 493 contos).

O levantamento efectuado pela USL refere também que no sector metalúrgico, em Janeiro, encerraram 33 empresas que empregavam cerca de 1629 trabalhadores.

O documento indica que o encerramento de empresas se registou também nos sectores químico (9 empresas abrangendo cerca de 1105 trabalhadores), das indústrias eléctricas (6 empresas encerradas) e da construção, mármores e madeiras (16 empresas abrangendo cerca de 3654 trabalhadores).

Segundo a CGT francesa

Emigrantes portugueses no Val-de-Marne sujeitos a autêntico "tráfico de escravos"

A CGT do Val-de-Marne, França, denunciou ontem as condições de trabalho da mão-de-obra estrangeira, designadamente portuguesa, no Mercado de Interesse Nacional (MIN) de Rungis.

Em conferência de Imprensa, responsáveis da Confederação Geral do Trabalho disseram mesmo existir «um tráfico de escravos organizado para alimentar em carne humana o patronato de direito divino do MIN de Rungis».

Após terem lamentado que o representante do Estado no mercado tenha recusado o acesso às equipas de televisão da FR3 para filmar «in loco» as condições de trabalho dos assalariados, Pierre Decary, secretário da União do Departamento de Val-de-Marne, e Jack Tord, secretário-geral da união local de Rungis, utilizaram exemplos para explicar «as monstruosidades de que são alvo os trabalhadores do MIN».

Assim, de acordo com a CGT, a sociedade Hessmans, que tem o monopólio da recolha e da venda de caixas e embalagens e que emprega maioritariamente mão-de-obra portuguesa «pratica o assalariamento não declarado».

Para o sindicato, esta sociedad «sobreexplora não só os seus trabalhadores ao fazê-los trabalhar de 10 a 15 horas por dia mas também recruta desempregados que não declara».

A Sogemab, uma sociedade de manutenção empregando 25 assalariados na sua maioria de origem marroquina, apresenta condições de higiene «dignas dos livros de Zola» tendo os patrões recusado sequer escutar quando os delegados sindicais pretendiam renegociar a atribuição de um par de botas por trabalhador por ano.

Sabatina do ministro Cadilhe ao Conselho de Concertação Social

Projectos governamentais sobre a reforma fiscal e a correcção estrutural do défice externo e do desemprego estiveram ontem em discussão na reunião do Conselho Permanente da Concertação Social.

Em ligação com o programa de Correcção Estrutural do Défice Externo e do Desemprego, o conselho analisou outro documento apresentado pela UGT que é uma proposta de bases para o contrato social para a modernização de Portugal.

O ministro Miguel Cadilhe, que presidiu à reunião, declarou que o programa e a proposta apresentada pela UGT são documentos complementares que visam a modernização e o crescimento do emprego e a redução do desemprego.

Cadilhe explicou, na ocasião, o que é e quais os objectivos do programa: «Portugal tem dois desequilíbrios macroeconómicos fundamentais, um é o défice externo, o outro o desemprego. A correcção estrutural destes dois desequilíbrios consegue-se com um grande esforço de investimento (empresarial) e portanto o programa dirige-se a este objectivo».

O ministro assinalou que ele visa «tentar estimular o investimento em Portugal de tal modo que, por um lado, haja mais exportações e se possível uma redução, em termos relativos, das importações, corrigindo-se, portanto, o défice externo, e por outro lado, haja mais empregos».

Cadilhe defendeu que «o investimento em Portugal é a melhor forma, é a única forma, de criar postos de trabalho».

Quanto ao projecto de Lei de Bases da Reforma Fiscal, o ministro adiantou que o alívio da carga fiscal sobre os portugueses será feito gradualmente.

Afirmou que isso «vai ser conseguido, sobretudo, trazendo os infractores, os contribuintes que neste momento não pagam e deveriam pagar, ao pagamento dos seus impostos que permitirá aliviar a carga sobre os contribuintes que têm cumprido as suas obrigações fiscais».

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por Unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	56$85	62$85
ALEMANHA FED. (marco)	76$30	77$50
ÁUSTRIA (xelim)	10$80	11$00
BÉLGICA (franco)	3$480	3$730
BRASIL (cruzado)	3$800	6$300
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	105$65	108$15
(notas de 5 a 1000)	106$15	108$65
DINAMARCA (coroa)	20$20	20$60
ESPANHA (peseta)	1$058	1$178
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	139$70	143$20
(notas de 5 a 1000)	140$20	143$70
FINLÂNDIA (marka)	30$75	31$35
FRANÇA (franco)	22$65	23$65
HOLANDA (florim)	67$55	68$65
IRLANDA (libra)	204$35	208$35
ITÁLIA (lira)	$098	$113
JAPÃO (iene)	$869	$924
NORUEGA (coroa)	19$90	20$40
REINO UNIDO (libra)	217$45	221$95
SUÉCIA (coroa)	21$60	22$10
SUÍÇA (franco)	90$30	91$80
VENEZUELA (bolívar)	5$15	6$15

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

24 HORAS

Afeganistão: convite aos rebeldes

O líder comunista do Afeganistão convidou os líderes guerrilheiros muçulmanos a formar um governo de coligação, numa tentativa de pôr fim a oito anos de guerra civil. Num discurso pela Rádio, captada em Islamabad, Najib incitou os líderes muçulmanos e irem a Cabul para conversações sobre a formação de um governo de coligação, mas aqueles rejeitaram imediatamente a oferta.

Pasternak reabilitado

A Associação de Escritores da União Soviética anulou a decisão, tomada há 30 anos, de expulsar do seu seio o escritor Boris Pasternak, informou a Tass. A decisão foi anunciada por Felix Kuznetsov, primeiro-secretário da direcção da Associação, numa sessão plenária do comité do Partido Comunista da URSS em Moscovo. Pasternak faleceu em 1960, três anos depois da publicação em Itália do mais internacional dos seus livros, «Doutor Jivago». Em 1961 foi distinguido com o Nobel da Literatura.

Argentina: almirantes detidos

Os seis almirantes declarados «em rebeldia» pela justiça civil foram detidos por ordem do Ministério argentino da Defesa, foi anunciado oficialmente em Buenos Aires. Trata-se dos almirantes António Vanek, Julio Tortti, Oscar Montes, Manuel Tallada, Humberto Barbuzzi e Jose Supisich acusados de envolvimento na chamada «guerra suja» contra a esquerda durante o regime militar argentino.

Eleições parciais na G. B.

O círculo eleitoral de Greenwich constituirá hoje um indicador-chave para a primeira-ministra britânica conservadora, Margaret Thatcher, sobre as possibilidades de obter um terceiro mandato nas próximas eleições gerais. Os 50 000 eleitores de Greenwich, junto ao rio Tamisa, elegem um novo membro do Parlamento na que será uma das últimas eleições locais antes de Thatcher convocar eleições gerais para Junho ou Outubro.

Morte de ministro norueguês

O ministro norueguês dos Negócios Estrangeiros, Knut Frydenlund, morreu hoje, um dia depois de ter sofrido uma hemorragia cerebral no aeroporto de Oslo, revelou a agência noticiosa norueguesa citando fontes hospitalares. Frydenlund, de 59 anos, morreu às 9 e 30 (8 e 30 de Lisboa) no Hospital Ulleval, acrescentou a agência NTB citando um comunicado hospitalar.

Jornalista espanhol com SIDA

UM jornalista espanhol está a agonizar num hospital de Madrid, vítima de Sida, informa o jornal «Diário 16». Juan Manuel Ruiz Abad, de 36 anos, contraiu a doença em Nova Iorque, onde estava a trabalhar há alguns anos, informaram fontes do hospital. O relatório médico atribui a doença a contactos da vítima com travestis.

Ivan "O Terrível" identificado

O presumível criminoso de guerra John Demjanjuk que está a ser julgado num tribunal de Jerusalém, foi identificado por um sobrevivente do holocausto como «Ivan, o Terrível», o temido vigilante das câmaras de gás do campo de extermínio nazi de Treblinka.

«É ele sem nenhuma dúvida», disse a testemunha Elijahu Rosemberg, um dos poucos judeus que saiu com vida de Treblinka.

COLIGAÇÃO MUDA SITUAÇÃO NO PAÍS BASCO

Manuel Lopes, /Lusa

O acordo de Governo de coligação entre o Partido Nacionalista Basco e o Socialista constitui um factor único para a normalização da situação no País Basco e uma garantia de governabilidade, afastando a ameaça de novas eleições imediatas. O documento foi assinado na segunda-feira à noite, depois de muitas horas de negociações, pelos dirigentes dos dois partidos bascos e os seus termos serão dados a conhecer na sessão do Parlamento autónomo para a eleição do novo Lendakari.

Com este acordo, o governo autónomo obtém o apoio de 36 votos do Parlamento, constituído por 75 deputados, mas não terá dificuldades em conseguir a maioria absoluta, através dos dois votos do Centro Democrático e Social ou da Aliança Popular.

Alguns dos compromissos deste acordo são evidentes através das posições mantidas durante as negociações, mas por agora só está confirmado que o Lendakari será José António Ardanza, candidato nacionalista, que exerceu o cargo durante os dois últimos anos.

Apesar de terem obtido 19 deputados e os nacionalistas apenas 17, os socialistas renunciaram à presidência a favor do acordo, pois o PNB mostrava-se intrasigente nesse ponto.

Os socialistas exigiram apenas que houvesse uma vice-presidência para o Partido Socialita, que provavelmente será atribuída ao actual delegado do governo no País Basco, Ramon Jauregui.

O governo será constituído por 12 ministérios, seis para os nacionalistas e outros seis para os socialistas, distribuídos criteriosamente para obter um certo equilíbrio.

Concessões recíprocas

A redacção do programa de governo implicou várias horas de negociações e só foi possível chegar a acordo fazendo concessões recíprocas, como é o caso da renúncia nacionalista a caixa própria da segurança social e o compromisso de uma atitude clara na luta contra o terrorismo.

Os socialistas comprometeram-se a um maior desenvolvimento do processo autónomo, com participação do governo central e a modificação de alguns dos artigos da lei antiterrista.

O Partido Nacionalista Basco governou durante os dois últimos anos com o apoio parlamentar do Partido Socialista de Euzkadi.

Apesar das diferentes posições ideológicas, o PNB tem no seu programa e história princípios democratas-cristãos, mas é sobretudo um partido de carácter nacionalista, que representa o sector conservador da sociedade de Euzkadi, que se proclama acima de tudo basca.

Esta é a primeira vez que os nacionalistas vão ter de compartilhar o poder com o partido de carácter estatal, com a vantagem ou inconveniente de ser o partido que também governa em Madrid.

Quando os socialistas obtiveram o maior número de deputados nas eleições de 30 de Novembro, reclamaram a iniciativa para formar governo, mas para tal tinham duas hipóteses: ou pactuar com o Partido Nacionalista Basco ou com Eusko Alkartasuna e Ezkadiko Ezkerra.

O governo e o partido a nível central defenderam sempre a primeira hipótese como a mais racional, mas os primeiros contactos fracassaram, por isso os socialistas também negociaram com as outras duas formações, embora sem resultado.

Reacções negativas

Na semana passada, três dias antes da sessão parlamentar para a eleição do Lendakari, os socialistas e os nacionalistas voltaram a dialogar e, após intensas negociações, chegaram ao acordo final.

Hoje realiza-s a sessão do Parlamento autónomo para a eleição do Lendakari.

Os dois candidatos apresentados na semana passada, o socialista Txiki Benegas e o nacionalista Carlos Garaikoetxea já se retiraram.

Esta seria uma sessão sem grandes polémicas, apenas com a expectativa do acordo de coligação, se não fosse a candidatura de Juan Carlos Yoldi.

O tribunal provincial de Pamplona já se pronunciou sobre o recurso apresentado pelo Ministério Público, reafirmando o critério anterior, segundo o qual Yoldi tem direito a defender o seu programa, apesar da sua condição de preso preventivo.

O governo de Madrid é de outra opinião, e na segunda-feira o vice-presidente Alfonso Guerra disse que o lugar de Yoldi é na prisão, classificando a autorização para a sua apresentação no Parlamento como incongruente com um sistema democrático normal.

Os partidos nacionalistas bascos reagiram negativamente ao acordo de coligação, enquanto os restantes pensam que é um dado positivo para a normalização da situação no País Basco.

Em meios bascos teme-se um retorno da violência terrorista da Eta-Militar como resposta à formação deste governo.

Nos últimos dias têm-se sucedido os incidentes e os protestos contra as recentes expulsões de refugiados bascos no Sul de França.

Entretanto, a Eta-Militar reivindicou ontem a autoria dos últimos quatro atentados no País Basco, num dos quais morreu uma pessoa.

Indonésia acusada de fazer desaparecer opositores

Um representante da organização católica «Pax Romana» acusou em Genebra a Indonésia de recorrer à prática do desaparecimento de pessoas para acabar com os dissidentes em Timor Leste.

Daniel Bartomeus Plana intervinha numa sessão da Comissão dos Direitos do Homem em nome da «Pax Romana», uma organização internacional de estudantes e intelectuais católicos.

Plana afirmou que, entre os 39 países do mundo onde existem desaparecidos, a situação de Timor-Leste preocupa particularmente a sua organização.

Acusou as tropas da Indonésia de praticarem «todo o tipo de detenções» e recorrerem à tortura e ao desaparecimento forçado de pessoas para acabarem com os dissidentes. Recordou que a situação no território é descrita por observadores como sendo de genocídio.

O representante de uma outra organização católica, a «Pax Christi», Adrien Zoller, fez uma intervenção semelhante, afirmando que os desaparecimentos forçados e a tortura «fazem parte da vida quotidiana do povo timorense», desde 1975.

Recenseamento eleitoral no Chile não oferece garantias

— acusa a oposição

Augusto Pinochet, presidente do Chile, abriu com o seu nome as novas listas do recenseamento eleitoral, que a oposição acusa de não darem garantias suficientes contra as fraudes.

«Eu quis dar um exemplo ao país sendo o primeiro inscrito», afrmou Pinochet aos jornalistas.

Mais de oito milhões de chilenos, metade dos quais nunca votaram, esperam o recenseamento nas listas eleitorais, que vem substituir as listas queimadas pelos militares que derrubaram há 13 anos o presidente Salvador Allende.

A inscrição dos eleitores faz parte de um conjunto de medidas introduzidas pelo Governo Militar para preparar a transição para a democracia.

O recenseamento, aberto a pessoas com mais de 18 anos de idade, deve prolongar-se por cerca de 20 meses e ficar concluído apenas nas vésperas do próximo acto eleitoral, um referendo para aprovar a nomeação do novo presidente do Chile.

De acordo com a Constituição militar de 1980, os chefes militares devem encontrar-se no fim de 1988 para nomearem o candidato a presidente que será submetido a referendo em janeiro de 1989.

A oposição acusa o recenseamento de ser um processo lento que não exclui as fraudes eleitorais, e os partidos de esquerda rejeitaram o processo de transição para a democracia imposto pelo governo militar.

Pinochet assina o registo de eleitor, tornando-se assim o primeiro eleitor a fazê-lo, com vista à próximas eleições.

No entanto, apesar das reservas quanto à sua eficácia, a Aliança Democrática, que inclui o Partido Cristão Democrático, o maior partido da oposição do Chile, apelou ao recenseamento dos chilenos e a uma atenta vigilância contra possíveis fraudes.

A actual Constituição chilena determina que qualquer alteração das regras políticas, como por exemplo a introdução de eleições livres, precisa de ser aprovada por referendo nacional.

Os israelitas mantêm cidadãos árabes cativos desde a invasão ao Líbano, em 1982. A foto mostra o aspecto de uma das cadeias, onde a maioria dos presos são palestinianos.

A África do Sul possui no mínimo 12 bombas nucleares, que correm o perigo de cair em poder de uma facção radical daquele país, afirmou em Washington a Fundação Carnegie para a Paz Internacional. Em declarações perante uma subcomissão do Congresso norte-americano, Leonard Spector, membro da fundação, advertiu que Pretória tem há seis ou sete anos a capacidade para construir engenhos nucleares. Spector alertou ainda para o perigo de as bombas nucleares sul-africanas poder cair nas mãos de grupos terroristas. Disse ainda que a A.S. tem uma grande capacidade para armazenar urânio, para o processar e convertê-lo para a construção de armas nucleares. Oficialmente, apenas os EUA, a URSS, a França, a Grã-Bretanha e a China possuem armas nucleares.

Aspecto da multidão que ontem se concentrou no centro de Manila, Filipinas, para comemorar o primeiro aniversário da presidência de Corazón Aquino e do derrube de Ferdinand Marcos. A Presidente participou no primeiro acto oficial, em Campo Aguinaldo, onde assistiu ao hastear da bandeira e passou revista às tropas.

Moratória poderá ser retomada se EUA cessarem experiências

URSS EFECTUA 1.º TESTE NUCLEAR DESDE MEADOS DE 1985

A União Soviética efectuou hoje um teste com armas nucleares na Ásia Central, informou a agência Tass. Foi o primeiro teste nuclear soviético desde meados de 1985 e pôs fim a uma moratória unilateral declarada por Moscovo num esforço para pesuadir os Estados Unidos a suspender todos os testes nucleares.

A Tass acrescentou que a força da explosão foi inferior a 20 quilotoneladas e que o teste se efectuou na zona de ensaios nucleares próxima de Semipalatinski, na Ásia Central soviética, às cinco horas TMG (mesma hora de Lisboa).

O líder soviético anunciara em Dezembro que o Kremlin iria interromper a moratória uma vez que os Estados Unidos se tinham recusado a aderir a ela.

De acordo com funcionários soviéticos, os Estados Unidos efectuaram mais de 20 testes nucleares durante os 19 meses da moratória soviética.

«O teste foi efectuado para verificar os resultados da investigação da física de uma explosão nuclear» - dizia a breve notícia da Tass, sem dar mais pormenores.

A rádio de Moscovo noticiou igualmente a explosão e afirmou que, apesar do ensaio, a URSS «continua a propor uma proibição total de testes nucleares».

A emissora acrescentou que a União Soviética está preparada para recomeçar em qualquer altura a extinta moratória desde que os Estados Unidos concordem em suspender o seu programa de testes.

Washington tem afirmado que a suspensão dos testes nucleares nesta altura não é do seu interesse, nem do interesse dos seus aliados.

O anúncio da realização do teste pelos órgãos de Informação soviéticos é algo de invulgar. No passado, os testes nucleares subterrâncos soviéticos eram conhecidos através de institutos sismológicos fora da URSS, normalmente na Suécia.

Gorbatchev afirmou na quarta-feira, falando no congresso de sindicatos, que a União Soviética tinha de manter a sua defesa face a esforços crescentes dos Estados Unidos para alcançar a superioridade militar.

«Ponto de viragem» nas relações

Ontem, o chanceler alemão federal, Helmut Kohl, disse que a tendência reformista do líder soviético, Mikhail Gorbatchev, poderia conduzir a um ponto de viragem nas relações Leste-Oeste, com a concretização de acordos sobre controlo de armamento.

Kohl adiantou que isso dependeria de Moscovo estar preparado para mudar a sua posição de «tudo ou nada» sobre o desarmamento nuclear, e dos Estados Unidos respeitarem o tratado sobre mísseis antibalísticos (ABM) de 1972.

Mas os Estados Unidos fazem uma interpretação bastante permissiva àquele tratado, como o confirmou o secretário norte-americano da Defesa, Caspar Weinberger, em entrevista ao «New York Times».

Weinberger revelou que um teste decisivo do projecto «Guerra das Estrelas», a efectuar em 1988, poderá permitir a instalação da Iniciativa de Defesa Estratégica em 1984.

O jornal advertiu, contudo, haver fortes oposições no Senado à interpretação dada pela administração norte-americana ao tratado.

Gorbatchev: democratizar para progredir

O líder do Kremlin, Mikhail Gorbatchev, salientou que a democratização é essencial para o progresso na União Soviética e para evitar um regresso à estagnação e inércia do passado. Gorbatchev, discursando no Congresso dos Sindicatos soviéticos, também eles sob fogo por não terem desempenhado o seu papel - a defesa dos interesses dos trabalhadores - disse que a sua política de abertura e autocrítica «não é uma campanha» mas deverá tornar-se numa «prática quotidiana» da vida na URSS. O líder soviético denunciou também a oposição interna, ainda existente, ao projecto de reformas iniciado há dois anos, quando se tornou secretário-geral do partido. «Não há opção. Ou a democracia ou a inércia social e o conservantismo. Não há outro caminho», afirmou Gobatchev perante os delegados sindicais. Gorbatchev, de 55 anos, acusou o «imperialismo e as forças da reacção» de se esforçarem, a qualquer preço, por suster «o nosso movimento em direcção ao progresso obrigando-os a permanecer no limiar da confrontação militar. As nergociações com os Estados Unidos relativas ao limite de armas nucleares «estão a marcar passo devido à posição tomada pela administração norte-americana», disse. Os opositores estrangeiros na URSS procuram manter a corrida ao armamento obrigando o país a negligenciar uma maior preocupação pelo desenvolvimento, acrescentou o líder da URSS. «Desejam apresentar a União Soviética como a fonte de todos os males e desgraças». A resposta soviética terá de ser a de garantir o êxito do programa de reformas delineado pelo comité central do partido no plenário realizado o mês passado, disse Gorbatchev. Apesar dos esforços dos EUA para impulsionar a sua força militar, disse, a URSS «não fará nada a não ser defender-se e aproveitará todas as oportunidades para promover o desarmamento». Gorbatchev, referindo-se à realização do plenário do PCUS, disse que este tinha sido adiado por três vezes devido a divergências internas quanto à extensão e aplicação ds reformas propostas. O líder soviético sublinhou que os opositores às suas reformas eram aqueles que lutavam a sua vontade, ignorando as opiniões da população em geral. Por último, Gorbatchev apelou aos sindicatos para cooperarem mais activamente no processo em curso, porem termo à insistência sobre o nivelamento dos salários, e defenderem um melhor salário para os trabalhadores mais competentes.

Novamente o caso do "Banco de Deus"

Monsenhor Marcinkus ameaçado de prisão

O caso do Banco Ambrosiano (o «Banco de Deus», como ficou conhecido devido ao envolvimento do Vaticano) volta a primeiro plano com a notícia de que poderá ter sido passado um mandato de captura contra monsenho Paul Marcinkus, presidente do Instituto para as Obras de Religião e ex-representante da Santa Sé naquela instituição bancária.

A notícia correu ontem em Milão — ainda sem confirmação oficial — e, segundo ela, outros dois dirigentes do banco estariam igualmente ameaçados de prisão.

O escândalo do «Banco de Deus» rebentou em 1982, ano em que declarou falência, arrastando uma sucessão de acontecimentos trágicos que culminaram com o aparecimento do proprietário oficial do banco, Roberto Calvi, enforcado numa ponte de Londres. Levantaram-se, na altura, justificadas dúvidas sobre se se teria tratado de suiciídio ou assassínio, ao mesmo tempo que surgiam pistas que ligavam o caso com a «Loja P-2» — uma organização maçónica com ligações à Mafia e à extrema-direita, bem como com implicações ao nível dos Serviços Secretos italianos.

Paul Marcinkus, um bispo de origem americana e figura muito próxima do Papa, viu-se de imediato envolvido no escândalo, dado que era ele que representava os capitais do Vaticano no referido banco. Nunca se esclareceu completamente qual a participação do Vaticano no banco, mas levantaram-se suspeitas de que Roberto Calvi era apenas um «testa de ferro» e que o banco pertencia na realidade à Santa Sé.

Marcinkus, convocado em 1982 pelos juízes encarregados do processo de falência, alegou a imunidade que lhe concede o Tratado de Latrão, assinado entre o Estado italiano e o Vaticano, supondo-se que, a confirmar-se agora o mandato de captura, volte a evocar a mesma situação.

Com este bispo, estão igualmente ameaçados de prisão Luigi Mennini, de 76 anos, e Pellegrino de Strobel que vivem no Vaticano como «refugiados de facto» desde que foram, há 5 anos, convocados pelo tribunal. Juntamente com Marcinkus, Mennini e Strobekl eram administradores do Instituto para as Obras de Religião, organismo através do qual eram canalizados os dinheiros da igreja católica para o Banco Ambrosiano.

Um porta-voz do Vaticano recusou comentar as notícias do mandado de captura.

Crianças moçambicanas refugiadas

As crianças moçambicanas refugiadas no Zimbabwe carecem de professores para poderem continuar os seus estudos em português, revelou em Maputo uma delegação daquele país que se encontrou com a ministra moçambicana de Educação. Graça Machel, viúva do falecido Presidente moçambicano, Samora Machel, analisou com uma delegação da Associação de Amizade-Zimbabwe (Zimofa), a situação das crianças moçambicanas refugiadas no país vizinho. A Zimofa foi criada em princípios do ano passado, no Zimbabwe, tendo como principal objectivo impulsionar os laços de cooperação entre os dois povos. Actualmente ten 400 sócios. A delegação recebida em Maputo era constituída por três membros e chefiada pelo presidente da associação, tenente-coronel Clemence Gaza. A troca de impressões incidiu sobre o apoio de que as crianças necessitam e que se centra na falta de material didáctico, programas de ensino e professores para que possam continuar os seus estudos em português.

TRABALHO INFANTIL

À porta de casa a coser sapatos. «Não ponha a cara para o meu marido não perder o emprego»

O que eles dizem...

«Não há armas contra isto. Não há mecanismos que obriguem a alterar esta situação. Em relação à escolaridade obrigatória, parece que a escola tem de comunicar à GNR, mas não sei bem. Nunca fizemos isso porque não dá resultado nenhum. Eles começam a trabalhar quando saem da primária...»
(Presidente do Conselho Directivo da Escola Preparatória de Felgueiras)

«A Junta de Freguesia, para efeitos de obtenção de subsídios do Instituto de Acção Social Escolar, confirma rendimentos de pessoas que estão empregados clandestinamente. Ninguém fiscaliza e há casos em que as empresas declaram rendimentos que os trabalhadores não auferem, como é o caso da Metalúrgica Longra que tem salários em atraso...»
(idem)

«Se variamos muito na alimentação servida no refeitório vai tudo para o lixo. Noutro dia, as lulas foram quase todas e deitámos fora 40 quilos de alheiras. Leite não bebem. Eles estão habituados a comer batata, arroz, carne só de porco, poucos vegetais e muito vinho. Às vezes, aparecem um pouco tontos. Os pais dizem que a pipa está ao acesso...»
(idem)

«A actuação concreta não é connosco. Há que medir as consequências que ninguém deseja. Por exemplo, os pais podiam tirar as crianças da catequese. Há várias maneiras de abordar os problemas...»
(Padre Rodrigo da freguesia de Felgueiras)

«Com quaisquer mil ou dois mil contos compra-se uma ou duas máquinas velhas e põe-se uma 'fábrica'. Um mês depois compra-se um carro, arranja-se uma amante e anda-se nas rejoadas..»
(Um operário sapateiro de Felgueiras)

«Enquanto que para tirar a carta de condução é preciso saber ler, escrever e fazer exames, nesta terra para ser empresário basta preencher o modelo 1 de início de actividade...Depois admiram-se que haja falências, cheques carecas, letras por cobrar...»
(Um funcionário das Finanças locais)

«O funcionamento de uma fábrica clandestina é aqui muitas vezes punido com multas de mil escudos. Pagam-nas e continuam tudo na mesma...»
(idem)

«Há casos em que as empresas com muitas dívidas ao Estado e aos trabalhadores fecham, para abrir pouco tempo depois e uns metros mais acima. A maior parte dos trabalhadores é de novo empregada sem que se lhes pague o que se lhes deve..»
(Um operário sapateiro)

INDÚSTRIA É UM

José António Cerejo e João Almeida
Fotos de Bruno Neves

Ao longo das ruas, por becos e travessas, cada casa pode esconder uma fábrica. É uma autêntica «corrida ao ouro» o que se vê em Felgueiras. Em garagens e em edifícios autorizados para habitação funcionam «empresas» subcontratadas pelas que estão instaladas legalmente. Alguns dos empregados destas últimas são também os patrões das «fabriquetas», onde trabalham quando estão de baixa nas empresas em que são assalariados. Quando têm alta, é a vez das mulheres meterem baixa e tomarem conta do negócio. Tal como muitas grandes, empregam crianças e outros trabalhadores sem qualquer cobertura legal, sem descontos nem regalias sociais. As fábricas distribuem diariamente, através de «angariadores», o trabalho não mecanizado de coser as diferentes partes dos sapatos. Os intermediários recebem à percentagem e arranjam quem lhes cosa a obra. O dia não tem horas e repete-se que «a noite não tem cancelas». Ninguém é esquecido e há muito trabalho mesmo para os presos e guardas da Prisão de Felgueiras.

O vice-presidente da Câmara Municipal de Felgueiras é consultor económico de uma grande empresa com tradição. Na passada semana a Inspecção de Trabalho detectou crianças nessa empresa e dois dias depois elas continuavam no seu posto de trabalho. O «DL» viu-as com esse consultor sem que ele tivesse uma palavra para reprovar a situação.

Um reino com muitas caras

A câmara reconhece que há um crescimento industrial desordenado, que os pareceres necessários ao licenceamento de fábricas, vindos da Delegação de Saúde e da Direcção Geral do Planeamento Urbanístico, são muitas vezes emitidos indevidamente e sem os cuidados necessários. A câmara admite que um grande número de empresas funciona sem qualquer licença, as Finanças sabem que muitas há que fogem ao fisco... Todos encontram maneira de responsabilizar terceiros por este estado de coisas.

Neste reino, a mão de obra infantil é apenas uma das muitas caras de uma indústria, a do calçado, que uma publicação difundida pela câmara municipal diz ser «o principal pólo de desenvolvimento económico e o mais representativo arauto de Felgueiras no estrangeiro».

Para fundamentar esta afirmação, fazendo equivaler produção a desenvolvimento, a câmara indica que a exportação de calçado do concelho ascendeu a 26 milhões de contos em 1985, com uma produção diária média de quase 200 000 pares de sapatos por dia.

Mas a complexidade de tramas e dependências que hoje se estende tentacularmente à quase totalidade do concelho, não existiu sempre.

Quando **Manuel Felix** (na foto) tinha sete anos, em 1953, só havia sapateiros, e eram dois ou três em cada uma das 33 freguesias do concelho. Foi com essa idade que um dos sapateiros o empregou.

«Eu não tinha horário de trabalho. Começava de manhã, às oito horas, e só parava para almoçar. À tarde ia à escola, mas depois recomeçava e interrompia quando o sol se punha. Ia comer a casa e voltava para fazer o serão até à meia-noite. E isto era de inverno, porque de verão era tudo seguido até às dez da noite. Ao sábado trabalhava-se todo o dia e descansava-se ao domingo. O fim de semana era para levar a produção a quem comercializava e para receber nova encomenda. Ganhava-se nesse tempo entre cinco tostões e vinte escudos ao dia».

E assim foi até aos doze anos, altura em que Manuel fez o exame da 3ª classe, completando a quarta no ano seguinte.

As primeiras fábricas

Aos poucos, a actividade artesanal progride e ganha outra dimensão. Alguns sapateiros passam a ter seis ou sete rapazes ao seu serviço e os que comercializam começam a instalar-se por conta própria na produção.

Foi o que fez Rolão da Cunha Melo, criando no princípio dos anos 60 a fábrica onde hoje trabalha um homem decidido, Manuel Felix, que não hesita em assumir-se como dirigente do Sindicato dos Trabalhadores do Calçado, filiado na CGTP, num concelho onde imperam os contratos a prazo, o trabalho precário, a exploração da mão de obra infantil.

E isto já para não falar nos «tempos ainda recentes em que alguns patrões andavam de pistola em punho, para que a greve geral de 1982 não vingasse nas suas empresas».

Os anos correram e muitos outros Cunhas Melos surgiram, a ponto de

A DO CALÇADO
IA SELVA

um dos principais problemas do sindicato de Manuel Felix ser agora o de saber quantas fábricas existem na região. Elas aparecem e desparecem como cogumelos, a autarquia e as finanças também não sabem quantas elas são, o sector é uma verdadeira selva. Perante esta situação, que segundo a câmara já é praticamente de «monoindústria», não faltam os receios de que daqui por uns anos isto dê «o estoiro».

Ninguém sabe quantas são

«Neste momento as legalizadas são cerca de 280, mas elas devem ser mais do dobro. Não sabemos é onde ficam porque muitas delas funcionam em casas de habitação ou no fundo de garagens. As legalizadas levantam agora grandes muros e escondem as entradas nas traseiras. As condições de trabalho são normalmente más e as janelas são raras. Houve mesmo lutas operárias, de contratados a prazo, para que fosse rasgada uma janela em fábricas onde não as havia».

As primeiras fabricas aparecem nos anos de 1964/65. Uma delas é a do calçado Combate, de Clemente & Freitas, que tinha na altura cinco a dez pessoas e hoje emprega cerca de 170.

«A maior parte dos patrões é oriunda do próprio concelho. Eram modeladores em São João da Madeira, porque em Felgueiras não há cursos de formação profissional, e estabeleceram-se aqui depois».

As fábricas, ainda muito rudimentares, mas já com algumas máquinas, eram sobretudo empresas familiares, onde a costura dos sapatos se fazia com a ajuda dos parentes do proprietário.

Manuel Félix é apanhado nessa onda e deixa o patrão sapateiro para ir ganhar 25 escudos ao dia. È lá que voltará a trabalhar aos vinte e quatro anos, no regresso da guerra colonial.

«Estive no norte de Angola, mesmo na frente, voltei em Março de 70», conta Manuel Félix sem grandes pormenores.

Quando chegou, Felgueiras tinha mudado.

«Era tudo em grande. As fábricas tinham mais gente. O trabalho infantil era só quase na agricultura. As fábricas começavam a mecanizar-se e não havia lá crianças a trabalhar. A actividade dos sindicatos corporativos era controlada do Porto. Aqui só vinha uma pessoa fazer o apanhado das cotizações para levar para lá».

Nessa época, recebiam-se 60 escudos por dia, pagos à quinzena. Meses antes do 25 de Abril, Manuel Felix já está casado, os salários passam a ser mensais e rondam os 3 300$00. A indústria do calçado segue o seu curso ascendente, semeado de algumas falências, muitas vezes fraudulentas, mas sempre recuperado pela abertura de novas e novas empresas.

O tempo da selva

Com os anos 80 vem também o tempo das multinacionais.

«A primeira era alemã e foi comprada por onze mil contos. Ficava ali onde é agora a Riecker. Dos sessenta trabalhadores da fábrica vendida aos alemães, quarenta passaram para a nova empresa e são hoje os únicos efectivos que há na Rieker. Os outros seiscentos estão a prazo».

Nos primeiros anos desta década, o crescimento do sector atinge ritmos impressionantes, escasseando a mão de obra barata.

Os empresários começam a recrutar adultos e crianças nos concelhos vizinhos, mas muitas mulheres de Felgueiras continuam em casa, porque os patrões preferem pagar entre três e dez contos às crianças.

Os dois filhos de Manuel Felix, um com 13 e outro com 15 anos, escapam a uma regra que toca a muitos dos seus amigos e não vão para a fábrica antes dos 14. «O mais velho começou este ano no escritório e cá em casa nunca autorizei que se cosessem sapatos».

Segundo nos afirmou, o sindicato tem conhecimento da existência de mais de 200 crianças em 26 fábricas da região: «sabemos que há muitos mais, em muitas outras fábricas, mas a capacidade limitada do nosso sindicato não nos permite chegar a toda a parte».

Para ele, o argumento patronal da escassez de mão de obra não

faz sentido e trata-se apenas da «procura do lucro fácil».

Mas em Felgueiras a ilegalidade não se chama apenas exploração da mão de obra infantil. Manuel Felix e os outros dirigentes do Sindicato dos Trabalhadores do Calçado sublinham que as situações de precariedade do trabalho, incluindo o trabalho clandestino, sem qualquer desconto para a segurança social, e de desrespeito absoluto pela contratação colectiva, abrangem cerca de metade da população activa do concelho. Joaquim Ribeiro & Filhos Ld^{a}, Abílio Faria & Ferreira da Cunha Ld^{a}, Carvalhais & Marinho Ld^{a}, Bragança Freitas &Bragança Ld^{a}, Gonçalves & Abreu Ld^{a} (Continental) são apenas algumas das fábricas onde abundam os casos de ilegalidade.

Número de trabalhadores desconhecido

Os dados oficiais apontam para quase 20 mil trabalhadores no concelho, 4 800 dos quais no calçado, mas o sindicato admite que este número possa rondar os 9 000. O porta-voz da câmara local, Miguel Mota, afirma igualmente que a população activa real deverá aproximar-se actualmente dos 30 000.

Um outro problema que preocupa muita gente é o do trabalho ao domicílio. Havendo diversas fases do fabrico que não são por enquanto passíveis de automatização, as empresas recorrem ao trabalho doméstico que não poupa ninguém. Mulheres, crianças, às vezes bem mais novas que aquelas que já se vêm nas fábricas, velhos, doentes, todos cosem manualmente as diferentes peças dos sapatos. Até os presos da cadeia local, que não fazem mais que seguir o exemplo dos seus carcereiros.

Manuel Felix diz mesmo que, ao sábado, há quem vá ao mercado a coser sapatos pelo caminho...

Os «angariadores» distribuem o trabalho até 50 quilómetros das fábricas e com os baixos salários da região, média de 30 contos, pouca gente resiste à tentação de ganhar mais uns escudos, ainda que os tirem ao descanso e ao sono. Agricultores, operários do calçado e de outras indústrias, domésticas e crianças, são poucos os que não cosem em casa. Feitas as contas, a «obra» rende entre 70 e 100 escudos por hora.

Mais que o trabalho nas fábricas, este é um problema que preocupa a Câmara Municipal e já a levou a chamar publicamente a atenção para as suas consequências no rendimento escolar das crianças.

Será porque neste caso os empresários não podem ser directamente postos em causa? Em Felgueiras há quem garanta que sim.

Entretanto, Manuel Felix e outros «resistentes» mantêm-se firmes: «em minha casa ninguém cose calçado, vale mais passsar mal do que ser escravo dos sapatos».

Uma imagem quotidiana em Felgueiras: um homem leva «obra» para coser em casa e uma criança encaminha-se para a fábrica.

Joaquim Freitas (de pé) e o filho. O autarca-consultor preferiu não ficar

Estão todos contra o sector do calçado

«Se o sector do calçado tem a dimensão que tem no concelho de Felgueiras e aqui se vive um ambiente de prosperidade e progresso isso deve-se exclusivamente aos industriais». Quem o afirma é Manuel Faria, consultor económico de muitas empresas da região e vice-presidente da câmara local, eleito pelo PS. Encontramo-lo nos escritórios da firma Clemente & Freitas, e quando lhe perguntamos se o autarca Manuel Faria e ele próprio são a mesma pessoa reconhece que sim, pede para não ser fotografado, e sublinha que está ali como consultor e não como vice-presidente da câmara.

Enquanto Joaquim Freitas, o dono da empresa, e um filho insistem em que «é a escassez de mão de obra que leva os industriais a empregar alguns menores», Manuel Faria desenvolve uma doutrina original, na qual baseia todas as respostas que nos dá sobre o trabalho infantil. À questão em si, depois de muito instado, limita-se a dizer que não está a defender a utilização da mão de obra das crianças e que «em qualquer sector há maus exemplos de agentes económicos cuja actuação não é de facto defensável».

Quanto à doutrina, afirma que a Inspecção do Trabalho está a tentar fazer «recair sobre o concelho uma imagem negativa por causa da mão de obra infantil, esquecendo nomeadamente que aqui há pleno emprego e isso é que devia ser publicitado». Desafia aquele organismo do Ministério do Trabalho a «fazer o levantamento de todas as ilegalidades ao nível do país, no sector do trabalho», e acrescenta : «parece que o sucesso dos industriais incomoda mais que a desgraça».

Mas em sua opinião os inimigos do sector não se limitam à Inspecção do Trabalho. Manuel Faria sustenta que «o Governo tanto quer atacar a indústria do calçado que até o Ministro das Finanças puxa as orelhas aos industriais por causa do índice de preços». Além disso, «a própria Direcção Geral das Contribuições e Impostos tem concentrado um grande esforço de fiscalização ao nível da presunção do Imposto de Transacções, ao contrário do que acontece noutras zonas de calçado». Por outro lado, sublinha Manuel Faria, «a Guarda Fiscal tem actuado de uma forma perfeitamente irresponsável, fazendo uma interpretação errada da lei sobre circulação de mercadorias e aplicando multas permanentes às empresas por motivos insignificantes».

No fim de contas, repete o consultor-autarca, «trata-se de denegrir e atacar uma classe empresarial que ao nível nacional conseguiu por sua conta e risco tornar a indústria do calçado no sector de maior crescimento, no que respeita à produção e às exportaçoes».

Joaquim Freitas confirma as análises do seu consultor e responde a uma última pergunta sobre o trabalho infantil: «sim, sim, se há quem pague salários de 3 e 4 contos aos miúdos acho que isso está errado. Aqueles que foram aqui apanhados pela Inspecção de Trabalho ganham 20 contos porque nós pagamos conforme o trabalho e não a idade».

"Isto corta os dedos e dá-me cabo da coluna"

«Os angariadores vêm aí todos os dias entregar a obra à depositária e vêm buscá-la no dia seguinte de manhã. Há quem vá directamente à fábrica buscar, mas só se conhecer lá alguém. Eles não querem contactar connosco. Por isso, escolhem as depositárias para nos dar o trabalho. Noutro dia, fui à fábrica e a minha depositária que mora ali em frente viu-me lá e depois não me deu obra nenhuma».

«Os alemães fornecem todo o material: linhas, agulhas, tudo. Cada cosedeira tem um número e entregam-nos a obra num saco com um papel que diz o que temos de fazer. Depois de feito, é entregue o saco com o papel à depositária que dá baixa e recebe. A margem dela é de cinco escudos. A fábrica alemã só faz o corte. O material cosido é enviado em contentores para outra fábrica em Braga com 400 trabalhadores. Ou para a Tunísia e para a India»

«Às vezes os angariadores vêm aí e ficam à espera que eu a abe. É um nervoso, porque eles ficam a picar-me. Às vezes, dá-me uma febre, fico tão enojada dos sapatos que não coso mais. Vou fazer outra coisa. E isto dá muita canseira. Faz calos, corta os dedos. puxa pelas mãos, pelos braços, pela coluna. A médica já me disse para não fazer e até me dá comprimidos para dormir. Mas isto é para nós, é para gastar. È para respirar um pouco mais fundo».

E vai falando enquanto trabalha, ela é uma entre milhares. A volta dos dedos indicador e mínimo tem talas de pele para poder puxar a linha sem ferir. Outras cobrem a mão toda. Há quem trabalhe dentro de casa, mas também vêm para a soleira da porta, em grupos, até que o fim do dia as obrigue a virem para dentro.

«Pagam-nos 45$00, cinquenta escudos o par. E há trabalhos que são a 12$50. Mas nesses não pego. Quando já temos a mão certa, faz-se dez pares em três horas e picos. E se fôr a 12$50, não ganhamos o que ganha uma mulher da limpeza. Agora veja: se eles produzirem dois mil pares por dia que produzem mais, e se ganharem cem escudos em cada um...

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

16.º JUÍZO

ANÚNCIO

Pelo Juízo de Direito desta comarca, na Acção Emergente de Acidente de Viação número 5042, com processo sumário, pendente na 3.ª Secção deste Tribunal, movida pela COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, E.P., com sede em Lisboa, contra VIRGÍLIO MARTINS DA SILVA e outro, aquele com última residência conhecida na Rua Pereira Palha, 21, c/v Dt.º Dafundo, é aquele réu citado para contestar, querendo, apresentando a sua defesa no prazo de 10 dias que começa a correr depois de finda a dilação de 30 dias, contada da segunda e última publicação deste anúncio, sob pena de poder vir a ser condenado no pedido que o autor deduz naquele processo e que consiste no pagamento da quantia de 40 770$00 (quarenta mil setecentos e setanta escudos), acrescida dos juros de mora que vierem a vencer-se, bem como nas custas e condigna procuradoria.

No caso de vir a contestar, deverá a referida contestação dar entrada nesta Secretaria, instalada no 8.º Piso do Palácio da Justiça de Lisboa, onde se encontra o duplicado da petição inicial, que fica à disposição do réu ou de quem o represente.

Lisboa, 10 de Fevereiro de 1987

O JUIZ DE DIREITO
(Ilegível)

O ESCRIVÃO DE DIREITO
(Ilegível)

D.L. 26/2/87 – 1.º Pub.

TRIBUNAL DA RELAÇÃO DE LISBOA

ANÚNCIO

Nos autos de Revisão de Sentença Estrangeira, registados sob o número 4956 da 4.ª Secção em que é requerente Carlos Alberto dos Santos Lopes, marítimo, residente na Rua Lopes, n.º 49, 2.º Esq., em Lisboa e requerida GERTRUDES MARIA LAVADO BRAVO, ausente em parte incerta e com última residência conhecida na Rua Lopes, n.º 49, 2.º Esq., em Lisboa, natural da freguesia de Santa Suzana, concelho de Alcácer do Sal, filha de Francisco Maria Bravo e de Rosária Antónia Lavado, correm éditos de TRINTA DIAS citando a requerida para no prazo de DEZ DIAS, findo o dos éditos e a contar da 2.ª e última publicação do anúncio no jornal, deduzir, querendo, oposição ao pedido formulado pelo requerente que em síntese se traduz na confirmação da sentença proferida em Marche-en-Famenne pelo Tribunal de primeira instância, de tudo e como melhor consta do duplicado da petição inicial que se encontra patente na secretaria para ser entregue a quem de direito o solicitar, sob pena de, se nenhuma oposição se fizer, tal sentença ser revista e confirmada produzindo os legais efeitos.

Lisboa, 6 de Fevereiro de 1987.

O JUIZ
DESEMBARGADOR-RELATOR
Jaime Ribeiro de Oliveira

A ESCRITURÁRIA
Fernanda Lopes Malcato

DL 26/2/87 – 1.º PUB.

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DE 1.ª INSTÂNCIA DE LISBOA

1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO

1.ª Praça

Faz-se público, que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 11 de Março de 1987, pelas 10 horas, neste Tribunal – Rua Braancamp, n.º 5-4.º em Lisboa, vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados a: Palhestore – Estores Interiores, Ld.ª, com sede na Rua Sociedade Farmacêutica, 40-1.º F, no processo executivo n.º 5279/85.

BENS PENHORADOS

Verba única – Dois teares mecânicos da marca José Correia Ramos de 90 cm de pente com motor eléctrico trifásico de 0,75 cv de potência, Rabor n.os 1020619 e 201130400101 respectivamente, em razoável estado de conservação e funcionamento no valor presumível de 250 000$00 (duzentos e cinquenta mil escudos).

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 23 de Fevereiro de 1987

O Juiz de Direito,
(João Cordeiro Dias)

O Liq. Trib.,
(F. Lopes)

"D.L." 26/2/87 – 1.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DE LISBOA
7.º Juízo Cível

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da data da 2.ª e última publicação do anúncio.

Execução de Sentença n.º 778-A/84, 2.ª Secção.

Exequentes: COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, EP.

Executado, DISCORAL – DISTRIBUIÇÃO E COMÉRCIO DE RAÇÕES PARA ANIMAIS, SARL, com sede na Rua Luís Pastor de Macedo, 1-1.º Esq. em Lisboa.

Lisboa, 12 de Fevereiro de 1987.

O Juiz de Direito,
Amílcar Joaquim Cortez Neves

A escriturária,
Alierta G. R. de Jesus

«DL» 26/2/87 – 1.ª pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DAS CALDAS DA RAINHA

ANÚNCIO

Faz-se saber que na Acção Ordinária n.º 149/86, pendente na 2.ª Secção do 1.º Juízo desta comarca, movida pelo BANCO PINTO & SOTTO MAYOR, com sede em Lisboa, à ré F.J.S. MELO – REPRESENTAÇÕES, LDA., com sede na Rua Fialho de Almeida, 4-D, em Lisboa, à ré citada para contestar, apresentando a sua defesa no prazo de VINTE dias, que começa a correr decorrida a dilação de 30 dias, contada da data da segunda e última publicação do anúncio, sob pena de se considerarem confessados os factos articulados pela A. e a condenação no pagamento da quantia de 4 153 735$80, custas e procuradoria, conforme consta do duplicado da petição inicial que se encontra na Secretaria deste Tribunal à disposição de ré.

Caldas da Rainha, 16 de Fevereiro de 1987.

O JUIZ DE DIREITO
Luís Falcão de Magalhães

O ESCRIVÃO DE DIREITO
Ezídio Rosário de Noronha

DL 26/2/87 – 1.ª PUB.

Caminhos de Ferro Portugueses — Informação

ASSOCIAÇÃO DOS LARES FERROVIÁRIOS

Instituição de Utilidade Pública

CONVOCATÓRIA

Para fins designados na alínea c) do Art.º 21.º do nosso Estatuto e nos termos do seu Art.º 25, convoco a Assembleia Geral Ordinária da Associação dos Lares Ferroviários, na sua sede, Calçada do Duque, 20 — Edifício da Cantina de Lisboa - R, 1.º piso, 1200 LISBOA, pelas 13.30 horas do dia 11 de Março, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

— Apresentação do Orçamento Ordinário para 1987
— Discutir e votar o Relatório e Contas de Gerência do ano de 1986 e respectivo parecer do Conselho Fiscal
— Donativo da C.O.C. do 75.º Aniversário das Linhas do Vale do Vouga
— Assuntos diversos

Se a hora marcada não estiver presente a maioria dos sócios, a Assembleia funcionará e deliberará, com qualquer número de associados presentes, uma hora depois, isto é, às 14.30 horas, no mesmo dia e local e com a mesma Ordem de Trabalhos.

Lisboa, aos 26 dias de Fevereiro de 1987

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
(a) Eng.º José de Oliveira Tavares Alves Monteiro

TOLDIBER – SOCIEDADE DE REPRESENTAÇÕES, FABRICAÇÃO E MONTAGEM DE TOLDOS, LIMITADA

CERTIFICO, para efeitos de publicação, que por escritura de quinze de Janeiro de mil novecentos e oitenta e sete, lavrada de folhas noventa e cinco verso a noventa e sete verso, do livro de escrituras diversas número TRINTA E TRÊS – A, das notas do Cartório Notarial de Algés, concelho de Oeiras, a cargo do Notário Licenciado em Direito, José Joaquim de Carvalho Botelho, foi constituída entre José Manuel Fernandes Silvestre, Sónia Alexandra Seara Fernandes Silvestre, e, Maria Inês Seara Fernandes Silvestre, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com a denominação em epígrafe, e com sede na Rua Sacadura Cabral, número trinta e cinco, primeiro andar, lado direito, no Dafundo, freguesia de Carnaxide, concelho de Oeiras, nos termos, cláusulas e condições constantes da fotocópia anexa:

ARTIGO 1.º

A sociedade adopta a denominação «TOLDIBER – SOCIEDADE DE REPRESENTAÇÕES, FABRICAÇÃO E MONTAGEM DE TOLDOS, LIMITADA», tem a sua sede na Rua Sacadura Cabral, número trinta e cinco, primeiro andar, lado direito, no Dafundo, freguesia de Carnaxide, concelho de Oeiras, e durará por tempo indeterminado, com início nesta data.

§ ÚNICO: – Sem dependência de deliberação social, a gerência poderá, por sua decisão transferir a sede social dentro do mesmo concelho ou para concelho limítrofe, e criar ou suprimir sucursais ou outras formas de representação.

ARTIGO 2.º

O seu objecto específico consiste no exercício do comércio de representações nacionais e estrangeiras de toldos, seus componentes e artigos afins, na sua fabricação e montagem, e na sua exportação.

ARTIGO 3.º

O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de QUATROCENTOS MIL ESCUDOS, e corresponde à soma das seguintes quotas; uma de trezentos e sessenta mil escudos, pertencente ao sócio José Manuel Fernandes Silvestre; uma de vinte mil escudos, pertencente à sócia Sónia Alexandra Seara Fernandes Silvestre; e, uma de vinte mil escudos, pertencente à sócia Maria Inês Seara Fernandes Silvestre.

ARTIGO 4.º

Os sócios poderão deliberar que lhe sejam exigidas prestações suplementares até ao montante do próprio capital, devendo a respectiva deliberação obter o voto unânime de todos os sócios.

ARTIGO 5.º

A gerência, dispensada de caução, e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral, compete ao sócio José Manuel Fernandes Silvestre, que desde já fica nomeado gerente, bastando a sua assinatura para obrigar a sociedade em todos os actos e contratos.

§1.º – Poderá a gerência, em nome da sociedade, nomear mandatários para a prática de determinados actos ou categorias de actos.

§2.º – Os gerentes poderão delegar, entre si, e no âmbito da lei, a competência para determinados negócios, ou espécie de negócios.

ARTIGO 6.º

A transmissão, total ou parcial de quotas, entre vivos, dependerá do consentimento da sociedade, excepto quando efectuada em benefício dos sócios.

ARTIGO 7.º

A sociedade poderá amortizar a quota de qualquer sócio nos seguintes casos:
a) Por acordo com o respectivo titular;
b) Quando a quota for objecto de penhora, arresto ou adjudicação judicial;
§ único: – O preço da amortização será o que resultar do último balanço aprovado.

ARTIGO 8.º

As assembleias gerais para as quais a lei não exija prazo mais longo ou outras formalidades serão convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios, com a antecedência mínima de dez dias.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.

Cartório Notarial de Algés, aos vinte e oito de Janeiro de mil novecentos e oitenta e sete.

O Ajudante,
(Ilegível)

D.L. 26/2/87

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
8.º JUÍZO

ANÚNCIO

No dia 11 do próximo mês de Março, pelas 14 horas, neste Tribunal, na Execução Sumária n.º 4164, pendente na 3.ª Secção contra DOM ALGODÃO – INDÚSTRIA DE CONFECÇÕES, LDA., com sede na Rua da Trindade, 36-A, em Lisboa, há-de ser posta em praça pela primeira vez, para se arrematar ao maior lanço oferecido acima do valor indicado no processo, um fotocopiador de marca U-BIX-90, em bom estado de conservação.

Lisboa, 11 de Fevereiro de 1987.

O JUIZ DE DIREITO
Jorge do Santos

A ESCRIVÃ ADJUNTA
Luísa Vaz Pinto

DL 26/2/87 – 1.º PUB.

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DE 1.ª INSTÂNCIA DE LISBOA
1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO

1.ª Praça

Faz-se público, que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 10 de Março de 1987, pelas 15 horas, neste Tribunal – Rua Braancamp, n.º 5-4.º em Lisboa, vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados a: ORBIS – Edições Ilustradas, Ld.ª, com sede na Rua Bartolomeu Dias, 172-1.º Esq., em Lisboa, no processo executivo n.º 1285/83.

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 – Um terreno para construção, com a área de 4050 m², sito na Regueira dos Arcos, em Porto Salvo, Estrada de Paço de Arcos, Concelho de Oeiras, inscrita na respectiva matriz cadastral rústica sob o art. 148.º da secção 36, a que foi atribuído o valor de 8 100 000$00 (oito milhões e cem mil escudos)

Verba n.º 2 – Um terreno para construção com a área de 2330 m², sito na Requeira dos Arcos, em Porto Salvo, Estrada de Paço de Arcos, concelho de Oeiras, inscrito na respectiva matriz cadastral rústica sob o art. 147 da secção 46, a que foi atribuído o valor presumível de 4 640 000$00 (quatro milhões seis centos e quarenta mil escudos).

Verba n.º 3 – Um terreno para construção com a área de 3040 m², sito na Regueira dos Arcos, em Porto Salvo, Estrada de Paço de Arcos, Concelho de Oeiras, inscrito na matriz cadastral rústica respectiva sob parte do art. secção 46, a que foi atribuído o valor presumível de 6 080 000$00 (seis milhões e oitenta mil escudos).

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 24 de Fevereiro de 1987

O Juiz de Direito,
(João Cordeiro Dias)

O Liq. Trib.,
(F. Lopes)

"D.L." 26/2/87 – 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
8.º JUÍZO

ANÚNCIO

No dia 11 do próximo mês de Março, pelas 14 horas, neste Tribunal, na Execução Sumária n.º 4164, pendente na 3.ª Secção contra DOM ALGODÃO – INDÚSTRIA DE CONFECÇÕES, LDA., com sede na Rua da Trindade, 36-A, em Lisboa, há-de ser posta em praça pela primeira vez, para se arrematar ao maior lanço oferecido acima do valor indicado no processo, um fotocopiador de marca U-BIX-90, em bom estado de conservação.

Lisboa, 11 de Fevereiro de 1987.

O JUIZ DE DIREITO
Jorge do Santos

A ESCRIVÃ ADJUNTA
Luísa Vaz Pinto

DL 26/2/87 – 1.º PUB.

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DE 1.ª INSTÂNCIA DE LISBOA – 1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO

1.ª Praça

Faz-se público, que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 11 de Março de 1987, pelas 10 horas, neste Tribunal – Rua Braamcamp, n.º 5-4.º em Lisboa, vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados a: SERVILATEJO – Serviço de Lanhas do Rio Tejo, com sede na Rua da Atalaia, 67-3.º E em Lisboa, no processo executivo n.º 299/85

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 – Uma secretária de reuniões, em madeira, de 2mx0,70m, em bom estado no valor presumível de 15 000$00 (quinze mil escudos).

Verba n.º 2 – Duas secretárias metálicas com tampo em madeira, de 1.7mx0,7m, com 4 gavetas de cada lado, em bom estado, no valor presumível de 30 000$00 (trinta mil escudos).

Verba n.º 3 – Dois cadeirões e sete cadeiras metálicas forradas a napa preta, em bom estado, no valor de 30 000$00 (trinta mil escudos).

Verba n.º 4 – Uma máquina de escrever da marca Olímpia, sem n.º visível, no valor de 5 000$00 (cinco mil escudos).

Verba n.º 5 – Uma máquina de calcular da marca First-F 1200-TP, n.º KO-30819 em razoável estado, no valor de 10 000$00 (dez mil escudos).

Verba n.º 6 – Uma mesa para máquina de escrever, metálica, com tampo em madeira, em bom estado no valor de 5 000$00 (cinco mil escudos).

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 23 de Fevereiro de 1987

O Juiz de Direito
João Cordeiro Dias

O Liq. Trib.
F. Lopes

«DL» 26/2/87 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
11.º JUÍZO

ANÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da segunda e última publicação do anúncio, citando o Réu, para, no prazo de vinte dias, findo que seja o dos éditos, contestar a acção que lhe move o A., com a advertência de que a falta de contestação não importa a confissão dos factos articulados pelo Autor e constantes da petição inicial cujo duplicado se encontra, nesta Secretaria, à disposição do citando.

Acção Ordinária n.º 4 196 — 3.ª Secção

AUTOR: O M.º P.º

RÉU: LUÍS FILIPE NOBRE OLIVEIRA E SILVA, que residiu na Av.ª Miguel Bombarda n.º 132-5.º LISBOA.

Lisboa, 1987.02.09

O Juiz de Direito
(assinatura ilegível)

O Escrivão Adjunto
(assinatura ilegível)

«DL» 26/2/1987 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
14.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamar o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto dos tais bens no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da data da segunda e última publicação do anúncio.

Execução Sumária n.º 7673 2.ª secção.

Exequente – ompanhia de Seguros Império, EP.

Executado – DIAS, FERNANDES & FERRAZ, LD.ª, com sede no Lugar do Areeiro, Albergaria-A-Velha.

Lisboa, 19.Fev.987

O Juiz de Direito,
a) Abílio Maria Peres

O Escrivão Adjunto,
a) José do Carmo Transmontano Trindade

D.L. 26/2/87 – 1.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DE LISBOA 12.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO

São citados os credores que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da 2.ª e última publicação do anúncio.

Execução de sentença, n.º 3268/A, 3.ª Secção, 12.º Juízo.

Exequentes — COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO EP.

Executado — JOSÉ MANUEL DE JESUS PEREIRA, residente na Rua da Alegria s/n LAMARINHAS, GUARDA.

Lisboa, 5 de Fevereiro de 1987

O Juiz de Direito
(Ilegível)

O Escrivão de Direito
(Ilegível)

(«DL» 26/2/87 — 1.ª Pub.)

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
2.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar de 2.ª e última publicação do anúncio respectivo.

Execução de Sentença n.º 1652/A, 1.º Secção.

Exequente: C.º Seguros Império, EP.

Executado: Augusto de Sousa Pereira, Largo do Senhor Roubado, Odivelas.

Lisboa, 4 de Fevereiro de 1987.

O JUIZ DE DIREITO
José Tavares da Paiva

Pel'O ESCRIVÃO DE DIREITO
José Monteiro Heleno

DL 26/2/87 – 1.º PUB.

O momento eleitoral do Benfica

"A VIDA DO CLUBE NÃO SE PODE PAUTAR EM METROS CÚBICOS DE ALVENARIA"

● *(Autor: João dos Santos candidato a presidente da direcção)*

A grande contestação aos métodos de gestão que ultimamente tem caracterizado a colectividade benfiquista, começa tornar-se vivamente denunciada pelos elementos que formam as duas listas de candidaturas já anunciadas — que não formalizadas — e que, como há alguns dias se tornou público, são lideradas por Cavaleiro Madeira e por João Santos. Do eng. Cavaleiro Madeira veio a primeira denúncia ao considerar que o Benfica tem vindo a ser dirigido **pela improvisação e pela acomodação perante os meios e as situações** e não mais pode ser dirigido com **atitudes individualistas e personalizadas numa sua pessoa.** Estas afirmações são uma clara alusão ao conceito que por aí decorre de que Fernando Martins assume a exclusividade das decisões que deveriam pertencer ao foro colegial.

Ontem, ao cair do dia, coube a João Santos apresentar todo o elenco que o acompanhará às próximas eleições e o Forum Picoas tornou-se exíguo para receber as centenas de pessoas que ali se deslocaram como sinal de que Fernando Martins e Cavaleiro Madeira têm ali séria concorrência. O Auditório 2 ficou repleto em escassos minutos, e, cá fora, mais de cem pessoas inquietas por não terem a possibilidade de conhecer os consócios que se apresentam na chamada «alternativa da mudança» e naturalmente a desejarem novo «encontro» para conhecerem os homens e o programa por eles proposto. Pela sala, muitas figuras de relevância na vida da grande colectividade entre os quais destacamos Fezas Vital (antigo presidente do clube), Croft de Moura, Nuno Barros, Fiúza Barbeitos, Tomás Taveira, Armando Costa Ribeiro, Manuel da Luz Afonso, José Monteiro Poças, Vítor Sérgio, o artista Paulo de Carvalho (disseram-nos que também Fernando Tordo por lá estaria), António Figueiredo, Rui Nogueira, Artur Semedo.

Ó ambiente que antecedeu a «abertura dos trabalhos» apontava para se assistir a um acto de grande fervor clubista, como viria a confirmar-se no decurso das intervenções — todas feitas segundo a norma do preciso e conciso, com os oradores a usarem a habilidade do poder de síntese — do dr. juiz Adriano Afonso (figura que os benfiquistas se habituaram a respeitar mercê da sensatez das suas atitudes), dr. Marcel de Almeida (um homem que conseguiu cativar, de forma inquestionável, os seus consócios), João dos Santos (uma personalidade vincadamente forte a fazer recordar o saudoso e sempre recordado dr. Borges Coutinho), Gilberto Cardoso (um caso raro de dedicação), dr. Miguel Magalhães (que se nos afigura ser elemento fulcral duma lista caldeada na experiência e na renovação).

Não somos oposição a pessoas

Depois de Gilberto Cardoso ter procedido à apresentação de todos os elementos que integram os três orgãos sociais, recebidos comn calorosos aplausos da plateia com destaque para Adriano Afonso, Gaspar Ramos, Micael Gulbenkian, Eduardo Lima Basto (filho do prof. Lima Basto), Marcel de Almeida e João dos Santos (este aplaudido de pé e de forma muito entusiástica), seguiu-se o desembargador Adriano Afonso em breves considerações de âmbito genérico, ainda que tenha escolhido para tema mais alargado da sua intervenção as relações que deseja manter com os jornalistas.

O candidato ao mais alto cargo da hierarquia benfiquista salientou que esta lista não surge como **«oposição a pessoas»** mas apenas inspirada na convicção de que importa o aparecimento de uma **«alternativa reformista e personificada em pessoas de vincada elevação por forma a que se favoreça a constante dignificação da colectividade»,** a terminar diria que **«o clube paira acima dos dirigentes pelo que importa a existência plena de cortesia recíproca».**

Marcel de Almeida explica

O dr. Vicente Marcel de Almeida é (e de pleno direito) um caso notável de popularidade por parte dos benfiquistas, e, se alguns não terão percebido a sua recente renúncia em se apresentar a sufrágio como líder do executivo, ele ontem explicou, e todos compreenderam, porque agora surge como «cabeça» do Conselho Fiscal. **«A minha indisponibilidade para o cargo de presidente da direcção deveu-se exclusivamente a questões de ordem profissional, mas ao ser solicitado para ocupar outro cargo menos exigente em termos de ocupação de tempo, aqui estou disposto a colaborar e perante a insistência dos meus apoiantes nada mais poderia fazer do que dar a total anuência. Aqui estou».**

E cremos que o dr. Marcel de Almeida não é benfiquista de quatro, mas de muitos mais costados, pelo que qualquer que seja a lista vencedora a sua colaboração é questão de honra.

Equilíbrio e sensatez

João dos Santos recusa falar sentado porque **«não estou habituado a posições cómodas na vida».** Esta a sua primeira intervenção como candidato a presidente do Benfica e que foi recebida com sinal positivo. Outras afirmações se seguiram e aqui se registam:

«Curiosamente, neste forum e neste mesmo lugar, tive há um ano oportunidade de propor — aproveitando a realização de um congresso de medicinas alternativas — a organização de uma associação que visasse o bem-estar e a saúde dos portugueses. Hoje ela é já uma realidade! Acreditamos que alguém menos informado possa julgar que voltamos de novo aqui para nos ocuparmos dos «doentes do Benfica»! E não admira que assim pensem porque, de facto, há muito que todos nos sentimos «doentes» de ALMA e NÃO de CORPO, pela forma como tem evoluído nos últimos anos a vida do nosso querido e glorioso Sport Lisboa e Benfica! Por isso aqui estamos.»

Ao centro o dr. juiz Adriano Afonso ladeado por João Santos e Marcel de Almeida

Recordando Sing-Sing

Ao analisar a grandiosidade do Estádio do SLB, mas sem deixar de criticar a falta de segurança que oferece (será que dirigentes da UEFA também atentaram nesse facto e teria sido por isso que a final da Taça das Taças não terá ali o seu palco?), João Santos exprimiu se assim: **Temos, de facto, hoje, um grande estádio mas o seu contínuo desenvolvimento não vai parar. Essa é também a nossa aposta presente e para o futuro, mas tudo terá que ser feito após uma reflexão sensata e a realização de estudos de custos e de rentabilidade dentro de um adequado plano ambiental.**

À minha sensibilidade e, certamente também, à de muitos dos nossos consócios, choca-me olhar do alto do nosso estádio e colher a impressão, no meio daqueles muros altos, com portas de saída ridiculamente estreitas, que estou na prisão de Sing-Sing! Este é também um assunto sobre o qual nos teremos de debruçar, através da comissão de estudos e planeamento, que não deixará de cuidar desse estudo ambiental, ao estabelecer as coordenadas em que deve assentar a execução dos vários projectos que devem desenvolver-se no nosso parque desportivo.

Alvenaria e betão

Sempre escutado com a compreensível curiosidade, João Santos diria mais adiante:

Todos temos de concordar que a vida tem o seu ciclo, cada homem tem a sua missão na Terra e que, em dado momento, ela se esgota. Por isso há que mudar. Mudar para melhor, sem nada se destruir!

A vida no nosso clube não se pode pautar em metros cúbicos de alvenaria e quilos de betão! Chegou, portanto, o momento, benfiquistas, de cerrarmos fileiras e de, à volta da nossa bandeira e da direcção que vos propomos, tudo fazermos para alcançar a renovação por todos desejada.

Programa do dia 11

Terminada a fase das «discursos» seguir-se-ão breve debate sendo colocadas algumas questões como a necessidade da instalação dum marcador electrónico, sendo afirmado já que a actual Direcção já manifestara o propósito da sua instalação **mas se ao tomarmos posse ele lá não estiver, nós lá o colocaremos,** disse João dos Santos. O dr. Adriano Afonso voltaria a referir o espírito colectivista deste elenco contrariando o princípio de **entregar o clube a um homem para ele resolver isolado e ditatorialmente.** O dr. Miguel Magalhães chamado a pronunciar-se acerca da orientação que vem sendo dada no jornal privativo do clube evidenciou total concordância com o desagrado generalizado dos associados por «O Benfica» ser um órgão ao serviço da direcção quando a sua finalidade, é servir a colectividade. Apontou soluções de renovação e adiantou conceitos fincados no pleno conhecimento dos preceitos que julga mais convenientes a introduzir. Mais questões virão na próxima «sessão de esclarecimento» marcada para 11 de Março.

Não prometam o Maradona ou o Platini

Outro associado quis que os candidatos o informassem **concretamente** o que pensam modificar na estrutura do futebol mas recomendou: **não nos digam que vão contratar o Maradona ou o Michel Platini mas digam-nos alguma coisa do que pensam fazer.** Respondeu João Santos. Nada de promessas. **Não queremos desestabilizar a equipa porque queremos que ela vença o campeonato nacional. A hora é de unidade.** Na sala aplausos e Gilberto Cardoso propõe um voto de confiança à equipa de futebol e aos técnicos. De pé, a proposta era aplaudida e terminava a sessão.

Alves Henriques

O elenco

ASSEMBLEIA-GERAL:

PRESIDENTE: dr. juiz Adriano Afonso — **VICE-PRESIDENTE:** dr. Micael Gulbenkian; **PRIMEIRO-SECRETÁRIO:** Eduardo Hansen Lima Basto, **SEGUNDO-SECRETÁRIO:** dr. António Flores de Andrade; **SUPLENTE:** José Alberto Magro Diogo;

DIRECÇÃO:

PRESIDENTE: João Maria dos Santos Júnior; **VICE-PRESIDENTE:** dr. Miguel Magalhães; **SECRETÁRIO-GERAL:** dr. Victor Macieira, **DIRECTOR DAS ACTIVIDADES ADMINISTRATIVAS E FINANCEIRAS:** dr. Carlos Manuel Machado, **DIRECTOR DAS INSTALAÇÕES E EQUIPAMENTOS SOCIAIS:** eng.º Victor Vasques, **DIRECTOR DAS ACTIVIDADES AMADORAS:** José Manuel Capristano dos Santos, **DIRECTOR DO FUTEBOL PROFISSIONAL:** José Gaspar Ramos — **DIRECTOR DO FUTEBOL NÃO PROFISSIONAL:** António Lopes Monteiro; **DIRECTOR DAS RELAÇÕES PÚBLICAS E PUBLICIDADE:** Mário Belfo de Oliveira; **SUPLENTES:** José Ramos Tomás; Francisco Sequeira Andrade; Fernando Moura Dinis; Eng.º Francisco Ribeirão Baião; Dr. Raul Lopes Patkoczy da Fonseca e António Henrique Casquinha;

CONSELHO FISCAL

PRESIDENTE: Dr. Vicente Marcel de Almeida; — **VICE-PRESIDENTE:** Dr. António Monteiro de Lemos; **SECRETÁRIO:** José Gomes Machado, — **RELATOR PARA ASSUNTOS ADMINISTRATIVOS E FINANCEIROS:** dr. Luís Morais Cardoso; **RELATOR PARA ASSUNTOS JURISDICIONAIS E DISCIPLINARES:** Dr. Hugo D'Azevedo da Cunha; — **SUPLENTES:** Cor. Rui Taveira; Albertino Madeira Henriques; Gualter Neves Godinho e João Mena Antunes.

PONTA ESQUERDA

Japão em Portugal

O mestre Kiyoshi Kobayashi inaugurou, na Rua Domingos Sequeira, 74-C (Lisboa) o Instituto Kobayashi, certamente que uma autêntica **fábrica de saúde** *ao dispor de quem queira tratar dos seus males físicos. Presentes figuras desportivas (Jordão, Carlos Lopes, João Rocha, Melo Egídio, Amado de Freitas), Itaru Takahara (representante do Município de Nagasaki) e o embaixador do Japão em Portugal, para além de Manuel Batuca e Armando Biscoito (que estão incluídos no empreendimento de Kobayashi) e de Eduardo Martins da Silveira (vice-presidente da Federação Portuguesa de Judo). Depois de serem proferidas palavras bonitas efectuaram-se demonstrações de judo e kendo.*

Guruceta: a morte na estrada

O árbitro internacional espanhol Emilio Guruceta morreu num acidente de automóvel quando se dirigia a Pamplona, onde deveria dirigir o jogo Osasuna-Real Madrid em futebol para a Taça do Rei.

No acidente faleceu também o árbitro Eduardo Vidal, designado para juiz-de-linha do mesmo encontro, e ficou gravemente ferida uma terceira pessoa, cuja identidade não foi revelada.

"Olímpicos": Portugal, 1 - Holanda, 1

SELECCIONADOR DARÁ AZAR À NOSSA JÁ FRACA GENTE?

Portugal, apesar de tentar relativa dinâmica de ataque, não conseguiu melhor que um empate (1-1) frente à Holanda no encontro do grupo «B» europeu de qualificação para o torneio olímpico de futebol, disputado no Estádio do Bessa.

Os «olímpicos» portugueses estiveram a perder por 1-0, depois de um golo de Van Velzen (aos 13 minutos), mas Cerqueira obteve o empate (1-1) volvidos três minutos.

A expulsão de Velzen (aos 18) por agressão a soco a Costeado deixou os holandeses em inferioridade numérica: mas, nem mesmo assim os pupilos de Seabra, António Oliveira e Juca, conseguiram chegar à vitória!

A turma holandesa criou a primeira situação de perigo aos 12 minutos, quando Roosien atirou ao lado, depois de um falhanço do guardião Lúcio. Velzen abriu o activo numa das jogadas seguintes, ao culminar da melhor forma um cruzamento de Lengkeek para o interior da área, tendo os jogadores portugueses alegado fora-de-jogo daquele último holandês, o que não tinha qualquer razão de ser.

A igualdade surgiu três minutos depois, quando Cerqueira rematou certeiro, na sequência de um centro de Miguel, após uma defesa incompleta do guarda-redes Menzo, a um «livre» de Quinito.

Portugal nunca conseguiu anular o perigoso contra-ataque holandês, com Winter e Van Dijk a causarem pânico nas hostes defensivas dos lusitanos. Todavia, (aos 26) Suvrijn evitou, sob o risco da baliza, o possível segundo golo de Portugal, no seguimento de golpes de cabeça de Jorge Silva e Cerqueira, no meio de vários defesas.

No período complementar, os «olímpicos» verde-rubros tiveram três oportunidades de golo através de Jorge Silva (aos 79 e 85 minutos) e Coelho (89), mas em todas elas a precipitação e a falta de pontaria acabaram por impedir que o marcador voltasse a funcionar.

Na turma nacional não houve grandes exibições individuais, muito embora Juanico e Miguel tenham sido os elementos mais activos. Winter, De Wolf e Van Dijk foram os melhores por banda dos visitantes, que jogaram 72 minutos em desvantagem numérica, mas sempre com mais sentido prático, melhor táctica e maior determinação. Enfim: mais um fracasso dos «seabrinhas», desta vez de 3.ª apanha.

Sob arbitragem de Alan Snoody (Irlanda do Norte), as equipas alinharam:

PORTUGAL: Lúcio; Costeado, Cerqueira (Carvalho, 33) Miguel e Valério; Juanico, Oceano, Quinito (Roçadas 60) e Adão; Coelho e Jorge Silva.

HOLANDA: Menzo; Blind, Verkuyl, Plomp de Woolf; Van Dijk, Suvrijn, Winter (Voerevach 66) e Van Velzen; Lengkeek e Roosien.

Cartão amarelo para Costeado (40) e vermelho para Van Velzen (18).

A classificação do grupo ficou assim ordenada:

	J	V	E	D	G	P
Itália	1	1	0	0	1-0	2
RDA	1	1	0	0	1-0	2
Holanda	2	0	1	1	1-2	1
Portugal	2	0	1	1	1-2	1
Islândia	—	—	—	—	—	—

Próximos jogos de Portugal; 28 de Abril — Portugal - RDA; 7 de Outubro: Portugal - Islândia; 24 de Fevereiro de 1988 — Portugal - Itália; 30 de Março de 1988 — Holanda - Portugal; 12 de Abril de 1988 — RDA - Portugl; 24 de Maio de 1988 — Islândia - Portugal.

MAIS UM

Não trava a ponte aérea virada para este lado do mar.

Mais um brasileiro (desta vez o veterano Serginho, 32 anos, que fez parte da equipa que Telé Santana apresentou no «mundial» em Espanha, 1982) vem dirigido ao Marítimo. Recorda-se: era aquele dianteiro que, **embora alinhando entre primorosos jogadores (Sócrates, Zico, Cerezzo, Júnior, Paulo Falcão) mais parecia defesa contrário que ponta-de-lança. Será que a veterania o tornou** melhor futebolista?

Estrela da Amadora — Malmoe esta noite na Reboleira

Realiza-se hoje pelas 21 horas, na Reboleira, o encontro entre o Estrela da Amadora e a equipa sueca do Malmoe.

Entretanto, informa-nos a direcção do Estrela de que os associados que desejem assistir ao jogo com o Estoril-Praia a realizar pelas 15 horas de domingo e a contar para o «nacional» da II Divisão terão de se munir de uma quota suplementar de 150$00.

Madjer já está nas Antas

O argelino Madjer, que durante alguns dias esteve integrado na selecção do seu país, regressou já às Antas.

Os portugueses «olímpicos»: mediania absoluta

Animação reduzida perante casa às moscas

O golo lusitano: apenas a permitir o empate

Federação de Futebol: a mãe mais que pródiga

Cada nova etapa do futebol português em plano federativo e com as cinco quinas ao peito é mais uma desilusão, outra machadada na verdadeira realidade do nosso jogo-rei. Ontem, quarta vez consecutiva que (a nível oficial) as formações planeadas pelo dr. Rui Seabra não conseguem vencer os seus parceiros de luta.

Fica-se embasbacado perante a impávida serenidade contemplativ de quem mais manda neste assunto dos desportos em Portugal: paulatinamente, o tempo vai correndo e, colocados 21 dos melhores futebolistas da nossa terra num incrível «fosso para víboras», excomungados pela religiosa visão de cristandade de quem preside às andanças federativas, constata-se que (afinal) somos o mais pródigo dos países.

Estamos a um simples passo do declive absoluto. Já se viu que o náufrago anda entre as ondas, mas não sabe nadar: e, para cúmulo, não quer que, de bom porto, lhe acenem com uma luz. Que espera quem mais ordena para (rapidamente, já) apear do poleiro os incapazes de usarem outro escudo que não seja a tirânica vontade própria e, em seu lugar, abrirem a porta do reino do futebol aos melhores intérpretes possíveis?

Falta pouco para a guilhotina, para a forca, para a cadeira eléctrica. Pelo menos, acabe-se com o suplício do pagode: avance para a degola quem para ela contribuiu. Melhor: quem continua (airosamente) a gozar com o futebol da minha terra.

Neves de Sousa

Belenenses: nove indisponíveis

Algum fatalismo paira sobre o futebol azul com o técnico Henri Depireux a evidenciar algumas dificuldades para o encontro de depois de amanhã frente ao Sporting, em Alvalade. Para além de ter quatro «indiscutíveis» a contas com lesões, no encontro de reservas realizado ontem, perante o Benfica em jogo a contar para o torneio de reservas, nada mais do que quatro a serem remetidos para o Departamento Clínico: Artur (fracturou o perónio), Venâncio (contractura na coxa direita), Gonçalves (distensão do ligamento colateral) e Justino (distensão nos abdominais). Estes quatro mais José António, Alberto, Carlos Ribeiro, Silvério e Jorge Abreu são os indisponíveis.

PROGNOSTICOS DOS ORGAOS DE INFORMAÇAO

PARA O CONCURSO N.º 09/87 DE 1 DE MARÇO DE 1987

Penalti: 212 111 111 X111; Jornal da Beira: X12 111 11X 2111; Cardeal Saraiva: 212 X11 11X X11X: Correio do Vouga: 212 111 111 2111; A Defesa: 212 X1X 11X XX11; Defesa de Espinho: 2X2 111 12X 212X; O Diário: X1X 11X 112 2111; Diário de Lisboa: X1X 111 112 1X1X; Diário de Viseu: X12 X11 11X X1X1; Folha do Domingo: 212 111 11X 2X11; Ecos de Cacia: 212 X11 1X1 X111; Jornal de Felgueiras: X12 111 11X 1X11; Jornal do Fundão: X12 X11 1XX 2X11; Gazeta das Caldas: X12 111 11X X111; Rádio Totobola: X12 X11 11X 2111; Linhas de Elvas: 112 X11 11X 1111; Litoral: 212 1X1 X12 211X; Jornal da Lixa: X12 111 11X 1X1X; Maria da Fonte: 212 111 111 X111; O Mensageiro: 212 1X1 111 2111; No Etúdio e no Estádio: X1X X11 11X XX11; Notícias de Felgueiras: X1X 111 X11 X111; Notícias de Guimarães: X12 X11 112 XX1X; Notícias de Viseu: 212 X1X 11X X1X1; Notícias de Viana: 11X 11X 11X 2XX1; Reconquista: 212 211 112 2211; Rádio Altitude: X12 111 11X 2111; Clube da Manhã/RDP Comercial: X12 1X2 X1X 2X2X; Manhã, Manhã/RDP Comercial: 21X 111 11X 2X1X; Secção Desportiva/RDP Comercial: 212 X11 112 X111; Tempo de Desporto/RDP Comercial: X12 1X1 11X XX11; Diário do Desporto/RR: X12 111 11X 2XX1; Bola Branca/RR: 212 X11 11X X111; Desporto/RR: 112 X11 112 X111; Rádio Sports: 21X 11X X11 2111; Jornal de Santo Tirso: 112 111 11XX X1X2; Jornal de Sintra: 212 11X 11X 2X11; Jornal do Sul: 21X 222 11X 11X1; Voz do Ave: X12 1X1 11X 2X11; Voz das Beiras: 212 XX1 111 X121; A Voz do Domingo: 212 111 112 X111; Fim-de-Semana Desportivo/Rádio Guarda: 1XX 111 11X XXX1; Desporto Regional/Rádio Altitude: 11X 111 11X 1111; Panorama Desportivo/Rádio Guarda: X12 11X 112 X1X1; Pôr-do-Sol/Rádio Guarda: 21X 1XX 112 X2X1; Pista de Dança/Rádio Altitude: X12 X11 111 XX11; Sons da Madrugada/Rádio Altitude: X12 11X 11X X21X; Tarde Desportiva/RDP Antena Um: X12 111 11X X111; Livre e Directo/RDP Antena Um: 212 X11 11X 2X11; Jornal de Amarante: X12 111 11X 2X11; Correio de Coimbra: 212 111 112 2X11; Diário de Coimbra: X21 111 X1X X111; Eu Sei Tudo: 21X 11X 11X 21XX; Notícias de Gouveia: X12 1X1 112 2X11; A Ordem: X1X 1X1 11X XX11; Voz de Lamego: 212 111 X12 2X11; Gente Gira: X1X 112 XX1 1X11; Comércio de Leixões: 212 111 11X X1X1; De Tudo Um Pouco: X12 111 11X 2X1X; Jornal de Gaia: 21X X11 112 1X11; Jornal da Graça: X1X X11 X1X XX11; Jornal de Notícias: X12 X11 11X XX11; O Primeiro de Janeiro: X12 1X1 11X XX1X; Quadrante Norte: X12 X11 11X 211X; Repórter do Dia: 212 111 11X 2111; Resenha Desportiva: 112 X11 X11 X22X; Alvo Desportivo: 111 111 111 1111; Rádio Alvo: X1X 11X 111 X111; Alvo: 211 11X 111 X111; Alvo Suplemento: 11X 111 111 X111; A Voz dos Ridículos: 112 111 112 1111.

assim vai o totobola

	RESUMO 1	RESUMO X	RESUMO 2	BOLAS (*) 1	BOLAS (*) X	BOLAS (*) 2
1. Boavista-Benfica	10	32	29	2	5	5
2. Porto-Académica	69	2	0	11	1	1
3. Elvas-Guimarães	2	18	51	1	3	8
4. Farense-Chaves	48	21	2	8	3	1
5. Marítimo-Rio Ave	60	10	1	9	2	1
6. Varzim-Salgueiros	56	12	3	9	2	1
7. Braga-Portimonense	62	9	0	10	2	1
8. Sporting-Belenenses	67	3	1	10	1	1
9. Bragança-Gil Vicente	15	41	15	3	6	3
10. Felgueiras-Espinho	10	34	27	2	6	4
11. Beira-Mar-Covilhã	38	29	4	6	5	1
12. Marinhense-A. Viseu	56	11	4	9	2	1
13. E. Lagos-Montijo	56	14	1	9	2	1

(*) — Nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ: X12 111 11X X111

EM PORTUGAL

	T. 6 h	Min.	Prec. Às 13 h.
Bragança	3	3	0,0 Muito nub.
V. Castelo	13	11	0,0 Encoberto
Vila Real	5	5	0,0 Limpo
Porto	12	10	0,0 Muito nub.
P. Dourad.	–	–	– –
Coimbra	10	9	0,0 Pouco nub.
C. Carvoeiro ...	13	13	0,0 Limpo
C. Branco	–	–	– –
Portalegre	8	8	0,0 Limpo
Lisboa	13	12	0,0 Neblina
Evora	9	8	0,0 Nevoeiro
Beja	9	7	0,0 Nevoeiro
Faro	9	8	0,0 Limpo
Sagres	9	8	0,0 Limpo
P. Delgada ...	16	14	0,0 Neblina
Funchal	16	15	0,0 Muito nub.

Te. ·p. max. prevista para hoje: Lisboa 17, Porto 17, Faro 18, Ponta Delgada 17, Funchal 21.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

	T. 7 h	Min.	Às 13 h.
Madrid .	0	-1	Pouco nub.
Londres	0	-1	Bruma
Paris	4	3	Neblina
Bruxelas	1	-1	Muito nub.
Amesterd. .	-2	–	Bruma
Genebra	3	3	Chuva
Roma	6	3	Neblina
Oslo	-7	-7	Muito nub.
Copenhaga	-3	–	Muito nub.
Estocolmo ...	-17	-20	Pouco nub.
Berlim ...	-5	-2	Neblina
Viena	-6	-6	Pouco nub.
Varsovia . .	-11	-11	Limpo
Atenas	4	4	Muito nub.
Moscovo	-17	-19	Neve

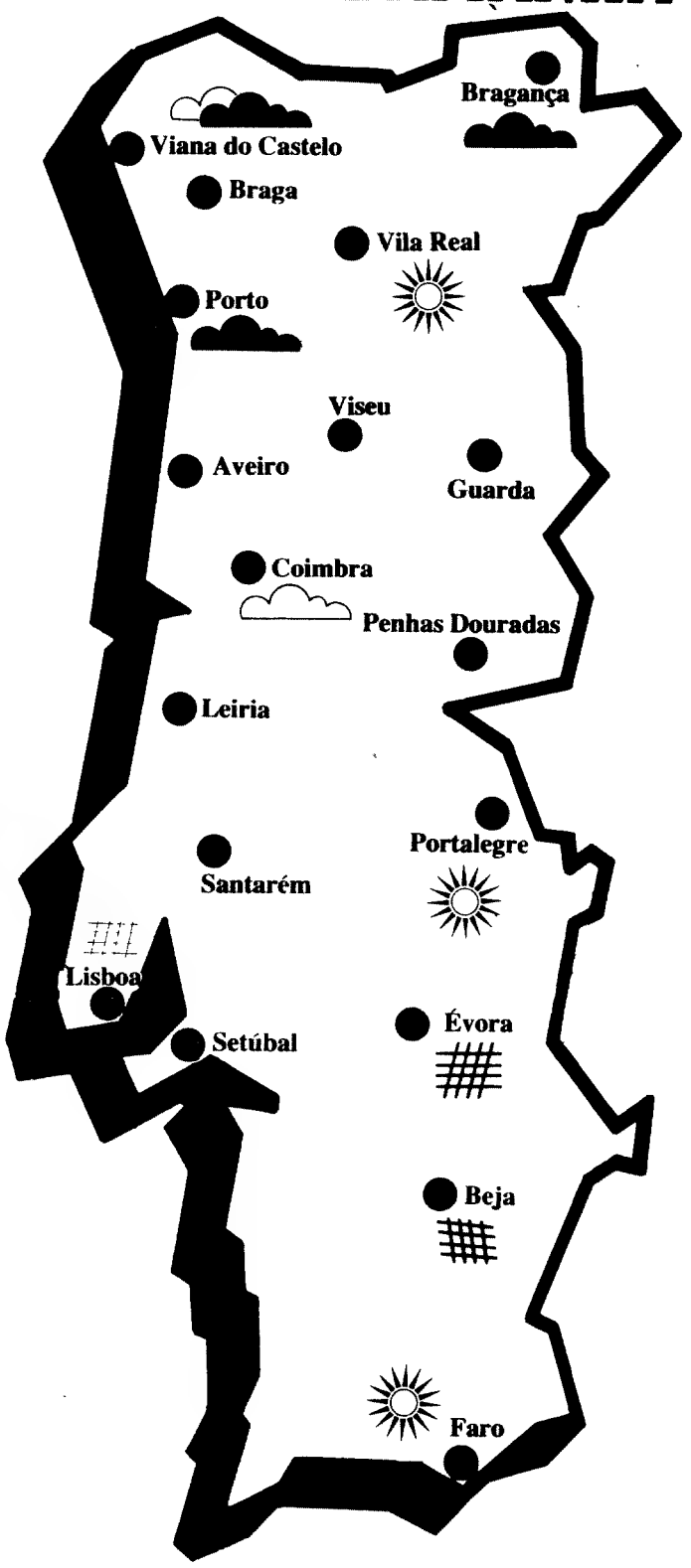
Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NO MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h.
Caracas	20	28	Nublado
Joanesburgo .	18	29	Limpo
Los Angeles ..	6	13	Limpo
Montreal	-4	-1	Nublado
Nova Delt	0	7	Limpo
Nova Iorque .	0	7	Limpo
R. de Janeiro .	20	36	Limpo
S. Francisco ..	5	14	Limpo
São Paulo	20	31	Nublado
Tóquio	6	14	Limpo

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

PORTUGAL AMANHÃ



A EUROPA ÀS 6 HORAS

TEMPO

HOJE

No continente:

Céu geralmente muito nublado nas regiões do Norte e Centro e pouco nublado nas regiões do Sul. Vento fraco e neblina ou nevoeiros matinais. Possibilidade de períodos chuva fraca nas regiões do litoral Norte para o fim do dia.

Estado do mar:

Costa Ocidental: **Mar encrespado. Ondulação oeste de dois a três metros.**

Costa Sul: **Mar encrespado. Ondulação sudoeste de um metro.**

Nos Açores:

Céu muito nublado. Vento muito fresco a forte de sudoeste com rajadas muito fortes. Períodos de chuva.

Estado do mar: **Mar alteroso. Ondulação sudoeste de seis a oito metros.**

Na Madeira:

Céu geralmente pouco nublado. Vento em geral fraco de sueste.

Estado do mar: **Mar de pequena vaga. Ondulação de oeste com três metros.**

AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado nas regiões do Norte e pouco nublado.

DEPOIS

Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco. Nevoeiros pela madrugada e manhã.

MARÉS

Hoje

Praia-Mar		Baixa-Mar	
1.42	4,0 m	7.40	0,9 m
14.15	3,9 m	19.53	1,0 m

Amanhã

2.30	4,3 m	8.25	0,7 m
14.59	4,1 m	20.36	0,8 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

• *Informação da agência Lusa*

Carnaval na Póvoa de Varzim

Cortejos e bailes de salão

Na Póvoa de Varzim, prepara-se activamente mais um «Grandioso Carnaval». É com esta intenção, segundo julgamos saber, que a comissão presidida pelo arq. Lourei... tem trabalhado, no sentido ... pôr de pé, além de um ...rtejo organizado em cir... aberto, os bailes de s...

...pósito: em tempos re... a Póvoa de Varzim ... carnaval sobretu- d... bailes de salão, q... ...am famosos na re- g... ...e. Em tempos mais pr... surgiram esponta- ne... muitos grupos de m... ...os nas ruas e cafés, qu... ...uir improvisavam co...

... daí, a Câmara Muni... ...cidiu nomear uma co... de carnaval, cuja pri... ...arefa consistiu em org... um verdadeiro cortej... ...lo começou em 19...

... comissão, em fa... ...esde 85, propôs-se ... ...eavivar a tradição ... ...u adulterada), dos ... salão. Para o Car... ...ano, que se apro- ... ...posta é muito forte, ... o prestígio da ter- ... ...gentes da região, ... esquecer a pro- ... ...rística - a «onda ... », principalmente. ...neçar, a comissão ... ...leger uma «rainh... ...a escolha recaído, p... ...idade, na cantora b... Simara, radicada n... país há alguns an...

...» que sairá a rigor, en...ando uma magnífica «fantasia», que demorou um mês a ser confeccionada. Foi idealizada pela mestra do «Maria Vitória», Isabel Magro, e pelo chapeleiro artístico Óscar, tendo sido baseada nas armas da cidade. É em veludo azul, totalmente bordada à mão por quatro bordadeiras, a ouro e prata.

Brasileira Simara é «rainha« na Póvoa de Varzim

Mas vamos agora ao programa, que como se pode constatar é deveras aliciante. Em resumo, é o seguinte:

Sábado, dia 28, um baile-espectáculo no Café Diana-Bar, com as atracções Simara (a «rainha», logicamente), e Mário Gil, além das vedetas brasileiras de telenovela Giorgia Gomide ((D. Bina da Vereda Tropical), e Osmar Prado (Pepo no Pai Heroi, Henrique em Viver a Vida e Osvaldinho em Tudo em Cima); domingo dia 1 de Março, realiza-se o «grandioso cortejo», com mais de mil figurantes, onze carros alegóricos, quatro escolas de samba - cada uma com mais de cem elementos e grupos de fantasias - mais quadros humorísticos, críticos ou satíricos, estes com a colaboração de profissionais do humor.Todo o cortejo se desenvolve em circuito fechado, numa extensão de 900 metros, dando três voltas durante duas horas; segunda-feira, dia 2, a Sopete realiza no Monumental Casino um grandioso baile, com a presença dos artistas convidados, em colaboração estreita com a comissão do Carnaval, onde entre outras atracções a «rainha» Simara apresentará o seu novo show; finalmente, na terça-feira dia 3, repetição do cortejo. E já agora, que não chova...

CARNAVAL INFANTIL

5 DIAS • 10 ESPECTÁCULOS

espaço 11

FEIRA POPULAR-LISBOA

ENTRADA PELO TOPO SUL DA FEIRA

JUNTO AO PARQUE DE ESTACIONAMENTO SOB O VIADUTO FERROVIÁRIO ENTRE-AV. REPÚBLICA E 5 DE OUTUBRO

SEXTA-FEIRA 27 SÁBADO 28 DOMINGO 1 SEGUNDA 2 TERÇA-FEIRA 3.

ÀS 15 e 17 HORAS

A PEÇA INFANTIL

ERA UMA VEZ...UM DRAGÃO

DE ANTÓNIO MANUEL COUTO VIANA E INTERPRETADA POR:

FERNANDA MONTEMOR • MÁRIO PEREIRA

ANTÓNIO BANHA • VICTOR HUGO COLABORAÇÃO MUSICAL JOÃO PIMENTEL

E O VENTRÍLOQUO ORLANDO COM O SEU AMIGO BONECO TÓTÓ

•

PALHAÇOS - MARY E TEDDY

CONCURSO DE MÁSCARAS INFANTIS

COM ATRIBUIÇÃO DE ALICIANTES PRÉMIOS ÀS MELHORES FANTASIAS

INSCRIÇÕES JUNTO AO LOCAL «RESTAURANTE PÁTIO DA SERRA» OU PELO TEL: 77742 7

ESPECTÁCULOS A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL

APOIO DO «DIÁRIO DE LISBOA»

COMUNA TEATRO DE PESQUISA

PRAÇA DE ESPANHA • T. 726 08 18

TERÇA A SABADO AS 21,30 H

TEXTO DE ROGER VITRAC

2.º mês

«VICTOR» ou as crianças no poder

DOMINGO 17 H

*VEJA TEATRO A PREÇOS REDUZIDOS

*TERÇA *QUARTA *E QUINTA

PREÇO UNICO: * 200.00

APOIO - F. GULBENKIAN • A. FRANCAISE

SUB SEC

BRAZ E BRAZ • SECLA – FAIANÇA • R. COMERCIAL

«FARSA VOCÊ MESMO!» CAFÉ TEATRO NO CARNAVAL COMUNA

LISGRÁFICA — IMPRESSÃO E ARTES GRÁFICAS, SARL

Sede: Casal de Santa Leopoldina — Queluz de Baixo
Contribuinte n.º 500166687
Capital social — 157 500 000$00
Conservatória do Registo Comercial de Oeiras n.º 2184

ASSEMBLEIA GERAL ANUAL

CONVOCATÓRIA

São convocados os Senhores Accionistas para se reunirem em assembleia geral anual, na Sede Social, no próximo dia 26 de Março, pelas 11 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º Deliberarem sobre o Relatório de Gestão e as Contas do Exercício de 1986;
2.º Deliberarem sobre a proposta de aplicação de resultados;
3.º Procederem à apreciação geral da Administração e Fiscalização da Sociedade;
4.º Deliberarem sobre a caução dos administradores ao abrigo do disposto no Art.º 396.º do Código das Sociedades Comerciais;
5.º Deliberarem sobre o aumento do capital social para 315 000 000$00;
6.º Tratar de qualquer assunto de interesse para a Sociedade.

Lisboa, 25 de Fevereiro de 1987

O Presidente da Assembleia Geral
João António de Morais Leitão

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Centro de Distribuição de Santarém, a que se refere o processo n.º 1/1177, arquivo 7037, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Azambuja, de uma linha aérea a 30 KV, com 101 metros, do poste n.º 13 da linha para o PT AZB 42C da EPAL ao PY AZB 59C de Manuel Mendes de A. Coimbra, sito no lugar de Espadanal.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 9 de Fevereiro de 1987

Pel'O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS

João Carlos Oudinot Larcher Nunes

ZECA AFONSO: A VOZ CONTINUA!

Mário Castrim

Fernando Duarte: atenção às suas palavras

A opinião pública ficou sobressaltada com a vaga de suicídios que atacou nas prisões. Foram sete em pouco tempo. Até ver. Porque se a televisão portuguesa continuar no seu afã suicidólogo, é de prever que a onda engrosse, mesmo fora dos muros prisionais.

Quem vai ao leme da informação, na RTP, devia saber que uma das recomendações mais prementes nas televisões de **todo o mundo** é a da máxima prudência no tratamento noticioso dos suicídios.

Possivelmente, a RTP terá ultrapassado esses limites, em particular no tom que deu ao material: manchetes, parangonas, trombeta. Fortes pinceladas mórbidas. Porquê? Por amor aos presos? Hum... Enfim, n'é, enquanto as pessoas falam disto, não falam nem pensam noutra coisa.

Não digo que os presos em Portugal tenham acesso fácil à televisão. Em certos aspectos, infelizmente, porque ela poderia ser um bom instrumento na recuperação de tantos homens e mulheres. Talvez diminuísse o sentimento de solidão que os oprime, sei lá! Tive pena que este assunto não fosse contemplado no **Face a Face** com o dr. Fernando Duarte, director geral dos Serviços Prisionais, peço desculpa se a expressão não está correcta.

Relativamente a esta emissão, lamente-se que Sousa Tavares enveredasse, não já pelo confronto, mas pela confusão, pelo atabalhoamento, pela interrupção sem motivo. Como bem precisou Fernando Duarte, nem sempre o **sim** ou o **não** são respostas capazes, eficazes, para compreender determinadas situações. E a verdade é que nunca Fernando Duarte enveredou pelo discurso fácil, pela fuga às questões através de autoclismos verbais. Em vez de levar as pessoas a concluir, por influência de conclusões prefabricadas, antes quis levá-las a pensar. Digamos que, apesar da desorientação inicial de Sousa Tavares, o conseguiu.

A audiência percebeu que as prisões portuguesas estão a abarrotar, estão superlotadas. Mas aqui o diálogo terá de fazer-se, não já com Fernando Duarte, mas com aqueles que fomentam a miséria, o desemprego e as tensões sociais — isto apesar de alguém dizer que «a crise está ultrapassada...».

A audiência percebeu que cada preso custa ao Estado 220 escudos por dia! Entendeu, também, a ginástica da Administração «e principalmente do estômago do preso...» como, num relâmpago de humor negro, acrescentou Sousa Tavares.

A audiência percebeu que, havendo, no entanto, incompatibilidade entre a **educação** e a **privação de liberdade**, ela poderia ser diminuída através de um novo conceito de ordenação prisional. A prisão-escola-trabalho deve substituir a cela imunda e promíscua. Mas será a Fernando Duarte que se deve exigir essa mudança?

A audiência percebeu que os presos que se suicidaram, em particular, e os reclusos em geral (lembre-se aqui uma notável reportagem de Diana Andringa), provêm dos estratos mais pobres da população, são desempregados, analfabetos, sem bases familiares estáveis, carentes de toda a afectividade, vítimas da selva social...

E não tenhamos dúvidas: se tudo continuar a ser feito contra a sociedade portuguesa, as prisões vão continuar a encher-se, os suicídios vão ser mais que muitos — com perigo de maior deterioração das tensões nos estabelecimentos prisionais...

Por isso, meus senhores, muita atenção às palavras do dr. Fernando Duarte, pronunciadas em linhas — e em entrelinhas.

RTP: o crime do silêncio e das imagens

Morreu José Afonso e a Televisão falou dele. Pois. Seria demasiado escandaloso se o não fizesse. Até lhe dedicou um programa no fim do Telejornal. Por acaso, o apresentador até trazia gravata preta, coisa que o cantor «proibira», talvez não tivesse ainda lido as notícias, talvez não tivesse ouvido a Rádio. Acontece. E já agora, um pormenor relevante: com aquele programa, a RTP pretendia homenagear José Afonso «a quem a música portuguesa tanto deve». Fizeste bem, televisãozinha querida, fizeste bem em explicar-te, não fossem pensar de ti outras coisas...

Entretanto, há quem tenha outros motivos para lembrar e querer bem a este homem. E não só em Portugal. Até o Cerqueira, nas **24 Horas**, nos conta das homenagens que em Espanha lhe presta «gente atenta e consciente». De gente assim, caramba, é que nós precisávamos na televisão portuguesa — lá onde uma canção de Maria Guinot, dedicada, por acaso, a Zeca Afonso e concorrente ao festival da canção deste ano foi recusada e crismada de «vazadouro do lixo do pátio das cantigas...».

A Televisão tem esquecido Zeca Afonso exactamente porque ele recorda o 25 de Abril. «A morte saiu à rua» seria condenada na televisão de hoje, tal como o seria na televisão do antigamente. Porque quer numa, quer noutra, tarefas essenciais ainda persistem.

Entre essas, a ocultação da nossa riqueza espiritual e a falta de amor ao nosso povo. Artistas, e dos maiores, têm morrido, continuam morrendo, com o total silêncio das imagens. A outra televisão exilou Aquilino Machado, Alves Redol; esta exilou Carlos de Oliveira, Raul de Carvalho.

Heróis do nosso povo, que o nosso povo não esquecerá (milhares, que simbolizarei em Francisco Miguel...) ainda estão vivos, mas deles não nos restará, via televisão, a imagem preciosa.

O que salvou José Afonso do total esquecimento (lembrarei que João Paulo Guerra, para iludir a censura, falou em **Acez Osnofa**...) foi o 25 de Abril. Tivesse ele morrido antes de 1974, nenhuma imagem sua vingaria.

RTP prestou homenagem, mas não prestou menagem. Entendido.

Maria Guinot: uma qualidade em colectivo

Disse Maria Guinot, no princípio da emissão, na segunda-feira, de «Deixem passar a música»:

— Há três anos, eu teria já direito a este programa...

Disse mais. Disse que canta mais no estrangeiro do que em Portugal. Disse que se privilegiam os artistas estrangeiros, por vezes de qualidade bastante duvidosa. Disse ter esperança em que «Deixem passar a música» seja o início de uma nova atitude de respeito pelos artistas portugueses.

Sim, oxalá seja o início. Não mais. Por enquanto, a vassalagem da RTP à engrenagem internacional da música, é avassaladora.

Mas esqueçamos isso. Lembremos apenas esta belíssima emissão de «Deixem passar a música».

Rememorável a vários títulos. Pela variedade — a canção (digamos) romântica, a canção de protesto, o humor; pelos cuidados minuciosos de que se rodeou cada apresentação; pela nova maneira de estar na Televisão que Maria Guinot mostrou: maior segurança, mais descontraída, mais solta e também mais próxima do telespectador. A maneira, por exemplo, como interpretou a **Balada das meias palavras** é a maneira certa de cantar na TV. Aí, cantora e realizadora trabalharam em íntima ligação.

Qualidade de Maria Guinot foi a orquestração de José Mário Branco (e a sua canção muito à Kurt Weil) o poema de Sophia de Melo Breyner dito por Manuela de Freitas, a presença de António Vitorino de Almeida. Qualidade de Maria Guinot foi o programa ter parecido breve, provando que se pode ser sério, sem ser chato, ser leve, sem ser fútil.

Foi qualidade de Maria Guinot ter mostrado, com «As mães da Praça de Maio», que o testemunho de Zeca Afonso não morre enquanto houver mãos amorosas que o transitem.

Até foi sua qualidade a nomeação, pela voz e não pela frieza das legendas, de **todos** os intervenientes no programa.

Um artista é sempre um educador. Não terá sido isso mesmo o que Maria Guinot nos quis dizer?

Descendente de Tolstoi cria empresa na URSS

Um bisneto italiano de Leão Tolstoi, Luigi Albertini, foi convidado a criar uma empresa agro-pecuária junto a Yasnaia Poliana, o antigo domínio do escritor.

Em Dezembro último, a televisão central soviética apresentou Albertini, proprietário de um dos melhores complexos agro-pecuários da Europa, a «Torre de Pedra», equipada com os mais sofisticados meios electrónicos que lhe permitem obter anualmente dez mil litros de leite de cada uma das suas vacas, quase o dobro da média na URSS.

O industrial italiano assinou um acordo com a Agro-Pecuária soviética a fim de organizar, no kolkhoze situado junto ao antigo domínio do bisavô, uma empresa nos moldes da «Torre de Pedra» que terá, no entanto, que levar em conta as diferenças climáticas da região.

Luigi Albertini, que fala perfeitamente russo, passou a sua infância com a avó, Tatiana Lvovna, filha de Tolstoi, que morreu em 1952.

Depois de ter concluído os estudos universitários, em Itália, foi para o Canadá para aprofundar os conhecimentos de agricultura a fim de se ocupar da propriedade da família, fundada pelo avô, também de nome Luigi Albertini, jornalista e proprietário do «Corriere della Sera», que nos anos vinte empreendeu uma campanha contra Mussolini que ameaçou fechar o jornal.

Receando ficar em Milão, Albertini decidiu ir viver para Roma e, nos arredores da cidade, dedicar-se ao cultivo de terras pantanosas onde criou um estábulo, que veio a transformar-se num centro piloto de zootécnica.

A família Albertini conserva numerosos objectos ligados à memória de Tolstoi, assim como arquivos literários do escritor. A sua mãe, Tatiana Nikolaievna, doou aos museus mais de duas mil páginas de manuscritos e dezenas de objectos.

O Museu de Yasnaia Poliana deve também bastante a Tatiana Lvovna que ficou no domínio até 1923, onde se conservava o mobiliário e objectos de família, assim como os colossais arquivos de Tolstoi. Em 1923 instalou-se em Moscovo, onde trabalhou até 1925 como conservadora do museu dedicado ao escritor. (NOVOSTI).

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Centro de Distribuição de Santarém, a que se refere o processo n.º 1/1197, arquivo 7037, para o estabelecimento na freguesia de Salvador, concelho de Torres Novas, de uma linha aérea de 30 KV, com 51 metros, do poste n.º 1 da linha para o PT SRT 51C da ARGILOBRA ao PT n.º 336 do Alto do Bexiga.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 9 de Fevereiro de 1987

Pel'O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS

Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Centro de Distribuição de Santarém, a que se refere o processo n.º 1/1202, arquivo 7037, para o estabelecimento na freguesia de Ribeira Branca, concelho de Torres Novas, de uma linha aérea de 15 KV com 56 metros, do poste n.º 4 da linha para o PTC TNV n.º 3 da Zona da Fárica ao PT TNV n.º 116 de Ribeira Branca.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 9 de Fevereiro de 1987

Pel'O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS

Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Centro de Distribuição de Santarém, a que se refere o processo n.º 1/1201, arquivo 7037, para o estabelecimento na freguesia de Ribeira Branca, concelho de Torres Novas, de uma linha aérea de 15 KV, com 384 metros, do poste n.º 2 da linha para o PTC TNV n.º 11 de Casal de Pinheiro ao PT TNV n.º 168 de Ribeira Branca.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 9 de Fevereiro de 1987

Pel'O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS

Joaquim Gonçalves dos Santos

CINEMAS

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1
O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2
MONA LISA
(m. 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3
DOIS POLÍCIAS À SOLTA
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4
TOP GUN – ASES INDOMÁVEIS
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Alfa 5 T. 763319
A MISSÃO
(m. 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1
O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

Amoreiras 2
QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3
RAN — OS SENHORES DA GUERRA
(m. 12 anos)
15.00, 18.00, 21.00 e 24.00 h

Amoreiras 4
MONA LISA
(m. 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 5
A COR DO DINHEIRO
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 6
A MISSÃO
(m. 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Apolo 70
A COR DO DINHEIRO
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Ávila
— T. 539930
PEGGY SUE CASOU-SE
De Francis Ford Coppola
(m. 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis
— T. 547163
O BEM DOTADO
(Int. m. de 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098
O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Uma cena do filme ***"O Raio Verde"*** *realizado por Eric Rohmer (Ciclo Comédias e Provérbios). É um filme de qualidade galardoado com o Leão de Ouro (Grande Prémio) no último Festival de Cannes. A intérprete é Marie Rivière. Em exibição no Estúdio 444*

Capitólio
— T. 372358
VIOLAÇÕES SEXUAIS
(Int. m. 18 anos)
15.15, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194
APANHADOS NUM MUNDO DE BARRETES
(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebloco
— T. 556824
O GUARDA
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
FÚRIA DE VINGANÇA
(m. 16 anos)
24.00 h

Cinebolso
AS ESCRAVAS DO SEXO
(Porno)
(interdito 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45 e 19.00 h
TARADA SEXUAL
(Porno - int. 18 anos)
21.30 h

Cine Camões
T. 324194
FORÇA POR FORÇA
(int. 13 anos)
14.00, 16.45 e 21.30 h

Cine 222
— T. 579460
VIDAS EM JOGO
(n/ac. m. 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h
NOVA IORQUE – 2 HORAS DA MANHÃ
(n/acons. m. 18 anos)
24.00 h

Cine Portela
— T. 2524761

Estúdio Amália
ÁGUIA DE FERRO
(m. 16 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sinatra
POR FAVOR MATEM A MINHA MULHER
(m. 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999
ALIEN – O RECONTRO FINAL
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
A SELVA DE CIMENTO
(m. 18 anos)
23.45 h

Condes
— T. 322523
REGRESSO A ESCOLA
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Éden
— T. 320768
DOIS POLÍCIAS À SOLTA
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio
— T. 555134
NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(m. 16 anos)
14.30, 17, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS
— T. 887255
O SENTIDO DA VIDA
(m. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444
— T. 768078
O RAIO VERDE
(m. 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109

Sala 1
LOUCA POR SI, PROFESSOR
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Sala 2
E.T. – O EXTRA TERRESTRE
(m. 6 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Sala 3
POLTERGEIST II — O OUTRO LADO
(m. 16 anos)
14.45, 17, 19.15 e 21.45 h

Fórum Picoas
— T. 541037
Fantasporto
(Prolongamento)
19.00 e 22.00 h

Gemini
— T. 734009
O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood
— T. 802859

Sala 1
O REGRESSO À ESCOLA
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24 h

Sala 2
OS TARADOS DO ESPAÇO
(m. 6 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Império
— T. 555134
AMIGO MORTAL
(m. 16 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1
O REGRESSO À ESCOLA
(m. 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2
A MOSCA
(m. 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Londres
— T. 801313
A MOSCA
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743

Sala 1
O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Sala 2
QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Sala 3
A COR DO DINHEIRO
(m. 12 anos)
13.45, 16.15, 18.45 e 21.15 h

Nimas
— T. 574362
OS TARADOS DO ESPAÇO
(m. 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283
OS TRÊS INDOMÁVEIS PATIFES
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Olímpia
T. 325309
— 69 DELICIAS DE VANESSA
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathé
— 821933
GENTE GIRA N.º 1
(m. 6 anos)
14.00, 16.30 e 21.30h

Politeama
MALIBUR EXPRESS T. 326305
(m. 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1
SUBWAY SUBTERRÂNEO
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30 h
O VEREDICTO
(m. 16 anos)
23.30 h

Sala 2
A VOLTA DA MEIA-NOITE
(m. 12 anos)
14.15, 16.45,19 e 21.30 h
O UIVO DA FERA
(m. 16 anos)
24.00 h

Sala 3
TANGOS EXÍLIO DE GARDEL
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.00 e 21.30 h
VAMOS A ISTO QUE É FESTA
(m. 16 anos)
23.45 h

Sala 4
COR DO DINHEIRO
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30 hh
A JUSTIÇA DE GUERRA
(m. 16 anos)
23.45 h

Roma
T. 889192
SOMBRAS NA NOITE
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Roxy
T. 548560
A MÃO MORTA
(maiores 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1
O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

Sala 2
A MISSÃO
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Sala 3
MONA LISA
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19.15 e 21.45 h

7.ª Arte
— T. 730715
PEGGY SUE CASOU-SE
(m. 12 anos)
De: Francis Coppola
14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star
— T. 804210
NOVE SEMANAS E MEIA
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19, e 21.30 h

Terminal
— T. 371573
O BANDO DA MÃO
(m. 16 anos)
14.00, 16.30, 19 e 21.30 h

Tivoli
— T. 570595
A COR DO DINHEIRO
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Turim
T. 706666
LOUCURAS NA NEVE
(maiores 16 anos)
15, 17.30 e 21.45 h

Voxmania
— T. 880808
A TESTEMUNHA
(m. 12 anos)
15.30, 18.15 e 21.30 h

Xenon
T. 368480
CAMPO DO INFERNO
(m. 16 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Zodíaco
— T. 570151
Exibição permanente de filmes indianos
(m. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra
AMADORA — Cineteatro — «Só Entre Amigas», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)
AMADORA — Cinestúdio — «Poltergeist II – O Outro Lado», às 15.30, 18.30 e 21.30 h (m. 16 anos)
AMADORA — Babilónia — «Os implacáveis destruidores», às 14, 16.30, 19, 21.30 e 23.45 h (m. 12 anos)
CACÉM — Cinestúdio Flores — «Gelado de Limão», às 15 e 21.30 h (m. 12 anos). Às 24 h.
ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — «O Sol da Meia-Noite» às 21.30 (m. 12 anos)
SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS — Cine St.º António — «Thor — O Conquistador», às 17 e 21.30 h (m. 12 anos)
MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «Silverado», às 15.30, 18 e 21.30 h (m. 12 anos)

Linha de Cascais
ESTORIL — Casino Estoril — «Prisão de Mulheres», às 17.15 e 21.15 h (maiores 18 anos)
ALGÉS — Cinema 2000 — «Por Favor Matem a Minha Mulher», às 14.15, 16.30, 18.30 e 21.30 h (m. 12 anos).
OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «O Golpe de Génio», às 15.15 e 21.30 h (m. 12 anos)
Sala 2 — «Kalidor – A Lenda do Talismã», às 15.30 e 21.45 h (m. 12 anos)
CARCAVELOS — Atlântida Cine — «A Missão», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)
CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «A Mosca», às 15.15 e 21.30 h (m. 12 anos)
Sala 2 — «O Nome da Rosa» às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos)
CASCAIS — Oxford — «Kalidor – A Lenda do Talismã», às 16 e 21.30 h (m. 12 anos)

Outra Banda
ALMADA — Academia — «A Noite de S. Lourenço», às 15.30 e 21.30 h (n/ac. m. 12 anos)
ALMADA — Cinestúdio — «Com Asas nos Pés», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (m. 12 anos)
ALMADA — Incrível Almadense — «A Grande Disputa», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)
COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «Kalidor – A Lenda do Talismã», às 15.45 e 21.30 h (m. 12 anos)
Sala 2 — «Aliens – O Recontro Final», às 16.15 e 21.45 h (maiores 12 anos)
BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «Os Gigantes de Roma», às 15 e 21.15 (m. 12 anos)
LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «As Motos da Morte», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)
ODIVELAS — Cineodivel — «As Motos da Morte», às 15.30 e 21.30 (int. 18 anos).
CRUZ DE PAU — Cinema Lord — «Por Favor Matem a Minha Mulher», às 16 e 21 h (m. 12 anos)

ROTEIRO CULTURAL

EMMANUEL AX NA GULBENKIAN

No Grande Auditório da Fundação Gulbenkian, esta noite: a Orquestra Gulbenkian, dirigida pelo maestro Claudio Scimone, tendo como solista o pianista polaco Emmanuel Ax, dá o primeiro de dois concertos que integra obras de Beethoven (concerto nº 3 em dó menor, op. 37 para piano e orquestra) e de Schubert (sinfonia em dó maior, D 944). O segundo concerto será amanhã à mesma hora, 21,30.

E já que lhe propomos um destes belos momentos musicais, à escolha em função da sua disponibilidade, aqui o deixamos com algumas referências sobre o solista e o maestro - este, convidado principal da Orquestra Gulbenkian.

Assim: Emmanuel Ax começou os seus estudos apenas com seis anos de idade e quando a sua família se mudou para Nova Iorque, entrou para a Julliard School, tendo-se graduado também em Literatura Francesa pela Universidade de Columbia. Foi galardoado nos concursos Chopin em Varsovia, Viana da Mota em Lisboa e rainha Elizabeth em Bruxelas. Em 74 foi-lhe atribuído o primeiro lugar no concurso Arthur Rubinstein, em Israel, dando assim início à sua carreira internacional, que o levou a todos os paises europeus e americanos.

No que toca ao maestro Claudio Scimone, ele já é conhecido do nosso público, que lhe admira a maneira ágil e subtil com que dirige as orquestras nacionais e estrangeiras, tendo ainda dedicado especial atenção à divulgação da música barroca e romântica, interessando-se também pela obra dos compositores portugueses Bontempo, Marcos de Portugal e Lopes Graça. Já realizou concertos em mais de 50 paises, foi galardoado em diversos concursos internacionais, tendo conquistado o prémio da União da Imprensa belga, o prémio da Academia do Disco Lírico de Paris e os prémios da Crítica Discográfica e Grammy de Los Angeles.

Agora, a opção é sua: hoje ou amanhã, o grande auditório espera por si...

Fotografia de Pepe Diniz na Galeria de Exposições Temporárias da Gulbenkian

EXPOSIÇÕES

• GULBENKIAN (Exposições Temporárias): exposição de fotografias de Pepe Diniz, com cem trabalhos subordinados ao tema «Notas Novaiorquinas».

• AMÊNDOA AMARGA (Faro): exposição de Pintura de Fernando Pinheiro, sob o tema «Retratos de Mulheres».

• CASA DO POVO DE MONTARGIL: exposição de fotografia dos repórteres fotográficos do Diário de Notícias, patente até 7 de Março. Trabalhos de António Aguiar, Acácio Franco, Álvaro Tavares, Fernando Farinha, Eduardo Tomé, Lobo Pimentel Junior e Rui Homem

• Galeria Nozoni (Porto): Júlio Resende apresenta uma série de óleos e aguarelas sobre a Ribeira e, na «Sala Atlântica», a segunda mostra individual de Marrucho. Estas duas exposições estão patentes de terça a sexta das 10 às 12,30 e das 15,30 às 19,30, sábados e domingos das 15,30 às 19,30. A galeria encerra às segundas e feriados.

• ROCA-GALERIA DE ARTE (Marinha Grande): exposição dos jovens pintores Fernando Pedrosa Santos e Hirondino Pedro, até 7 de Março.

• GALERIA MUNICIPAL (Aveiro): exposição colectiva de três artistas aveirenses, Costa Valente, João Batel e Vasco Afonso, até 1 de Março.

• MONUMENTAL (Campo dos Mártires da Pátria, 101): Gonçalo Ruivo expõe Pintura até 22 de Março. Diariamente das 15 às 20, excepto segundas-feiras.

• GUILDE (S. Torcato, Guimarães): exposição de Pintura de Filipe Rocha da Silva, de terça a domingo das 15 às 19.

• ALLIANCE FRANÇAISE (R. Brancaamp, 13): Miniaturas de Devi Tuszynski até 28 de Fevereiro, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 14 às 19,30

• GALERIA HOLLY(L. da Trindade, 17): colectiva com novas obras de João Hogan, Mário Cesariny, Raul Perez, Barros, Cargaleiro, João Cutileiro, Joaquim Rodrigo e Gonçalo Duarte. De terça a sábado das 10,30 às 13 e das 15 às 19,30, segundas das 15 às 19,30, até 31 de Março.

• POLIGRUPO (R. Ivens, 14): colectiva com trabalhos de Isabel Augusta, Ivo, Mateus, Rui Matos e Teresa Silva. Até 28 de Fevereiro, de segunda a sexta das 9 às 20, sábados das 9 às 14.

• ESBAL (R. Barata Salgueiro, 36): colectiva até dia 27, com obras de Alice Geririnhas, joão Fonte Santa, José da Fonseca e Jomas Miguel. Todos os dias das 14 às 19.

• VALE TUDO MENOS TIRAR OLHOS (R. Rodrigo da Fonseca, 25): fotografias de Francisco Rúbio até 21 de Março, de terça a sábado das 15 às 20.

• MULTIFACE ARTE (Centro Comercial Gemini, R. Sousa Lopes): Francisco D´Almada expõe óleos, serigrafias e esculturas.

• ATRIUM DA IMPRENSA (R. da Horta Seca): Pintura de Joaquim Baltazar até 12 de Março. Patente de segunda a sexta, das 11 às 20.

• HOTEL ALFA: pintura de Teles Afonso, com o título «Saudade Tropical». Até 9 de Março, nos dias úteis das 10 às 13,30 e das 15,30 às 19,30, sábados das 16 às 19,30.

• GULBENKIAN (Centro de Arte Moderna): fotografias de Jorge Molder, de terça a domingo das 10 às 17.

• BERTRAND DO CHIADO (R. Anchieta): colectiva dos pintores Alda Nobre, Madalena Coelho e Pedro Tudela.

Rui de Mascarenhas é recordado esta noite no Louricos

• GALERIA MÓDULO (Av. António Augusto de Aguiar, 56-5º-Dt.): «Agathe Gaillard - O Perfil de Uma Galeria», exposição dedicada à galeria parisiense onde têm exposto artistas tão importantes como Alvarez Bravo, Bill Brandt, Deisneau, Lartigue e Northelfer, entre outros. Até 6 de Março, de segunda a sábado das 16 às 20.

• GALERIA S. FRANCISCO (R. Ivens, 40): exposição de Lourdes Leite até 28 de Fevereiro, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19, sábados das 10 às 13.

• GALERIA 601 (Centro Comercial S. João de Deus): exposição de Pedro Amâncio, patente de terça a domingo das 12 às 20.

• GALERIA EMI: «Eu seja Cão» - pintura de Ana Jotta. Até 22 de Março, de terça domingo das 15 às 19.

• GALERIA DE S. BENTO (R. do Machadinho, 1): escultura de Rui Matos até 2 de Março, de terça a sábado das 11 às 13 e das 15 às 20, domingos e segundas das 15 às 20.

• ARCADAS DO PARQUE (Estoril): a Junta de Turismo da Costa do Estoril tem patente «Cem Anos de Verguinha», uma mostra de faianças artísticas, de segunda a sábado das 9 às 19, domingos das 9 às 19.

• GALERIA QUADRUM (R. Alberto de Oliveira, 52 - aos Corucheus): Escultura de Amaral da Cunha até 21 de Março.

• BIBLIOTECA NACIONAL (Campo Grande): «A Inquisição em Portugal», uma exposição bíblio-iconográfica, até 30 de Abril.

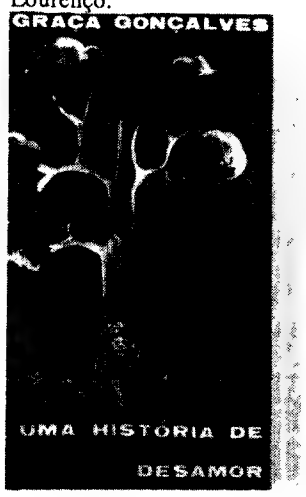
• ESPELHO D´AGUA (Belém): Salão da Moda até 5 de Março.

TEATROS

• COMUNA: «Victor ou as Crianças no Poder» de Roger Vitrac, encenação de João Mota. Aos sábados e domingos às 17,30, «O Tesouro» de Eça da Queirós.

• MARIA MATOS: «Escrita em Dia», nova versão de «Isto é Maria Vitória» de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha e Mário Zambujal.

• TEATRO ABERTO: «O Jardim das Cerejas» de Anton Tchekov, com encenação de João Lourenço.



«Uma História de Desamor», um livro de Graça Gonçalves

• TEATRO DO SÉCULO: «Drácula Junior», texto e encenação de Fernando Gomes.

• TEATRO IBÉRICO: «A Vida É Sonho» de Calderon de La Barca, encenação de Blanco Gil.

• VARIEDADES: «Aqui Há Fantasmas», original e encenação de Henrique Santana.

• VASCO SANTANA: «Sylvia Plath - Quem a Matou ?» de Barry Kyle, com encenação de Luzia Maria Martins.

• VILLARET: «O Sapateado» de Richard Harris, versão portuguesa de César de Oliveira e Barry Scray, encenacão de Varela Silva.

• MIRITA CASIMIRO (Estoril): «Galileu Galilei» de Brecht, com encenação de Carlos Avilez.

• TIL-T. INFANTIL (R. Leão de Oliveira, 1): «O Choupo Andarilho», com sessões aos sábados, domingos e feriados às 15,30.

LIVROS

• BERTRAND DO CHIADO: lançamento do livro de Graça Gonçalves «Uma História de Desamor ou como me apaixonei pelo Amor», às 18 horas.

MÚSICA

• GULBENKIAN (sala polivalente do CAM): às 18 horas, mais um espectáculo da companhia «Rosas Danst Rosas», no âmbito da iniciativa «Dança Contemporânea Europeia».

• TEATRO S. LUIS: a Companhia Nacional de Bailado apresenta às 21,30 os bailados «Magnificat» e «Apollo» (estreia em Portugal) e «A Mesa Verde».

• LOUCURAS: Momento especial dedicado à memória de Rui de Mascarenhas.

• GIL VICENTE (Coimbra): concerto às 21,30, organizado pelo Orfeão Académico de Coimbra.

CINEMAS

• CINEMATECA PORTUGUESA: Ciclo Irmãos Marx com «Uma Noite em Casablanca» (1946) de Archie L. Mayo, às 18,30. Às 21,30, «Cinema Português - Relação Fiel e Verdadeira» de Margarida Gil, com Catarina Alves Costa e António Sequeira Lopes.

• FORUM PICOAS: Extensão do Fantasporto com «O Dia da Ira» (URSS) de Sulambek Mensurov, às 19h e «Atrás do Vidro» (Espanha) de Agustin Villaronga, às 22 horas.

• INSTITUTO FRANCO-PORTUGUÊS: «Cinéma du Réel» com o filme «Le Chemin das Indiens Morts» de Michel Perrin e Jean Arlaud, às 18,30.

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — ALFAMA: Costa, R. das Escolas Gerais, 88-A (T. 863940); **ALTO DE SANTO AMARO: Teles**, R. João de Barros, 2, frente (T. 638176); **ALVALADE: Belo**, Av. de Roma, 53-A (T. 776314); **BENFICA - PORTAS DE BENFICA: Progresso**, E. A-Damaia, 64-C (T. 702226); **CAMÕES - SANTA CATARINA: Combro**, C. do Combro, 82 (T. 326059); **CAMPO DE OURIQUE: Porfírio**, R. Francisco Metrass, 59-B (T. 663349); **CAMPO PEQUENO - APOLO 70: Campo Pequeno**, Av. Júlio Dinis, 10, loja 18-19 (T. 771661); **CHILE - ALTO DE SÃO JOÃO: Vitalis**, R. Morais Soares, 69-C (T. 841779); **LICEU PEDRO NUNES: Janeiro**, Av. Álvares Cabral, 96-100 (T. 661453); **LUMIAR: Nicolau**, C. do Carriche, lote 4, loja, Esq. (T. 7588727); **OLIVAIS SUL: Antunes Rosas**, P. Cidade do Luso, lote 199 (T. 313610); **CARNAXIDE: H. Amaral**, Pt. António Boto, 11-A (T. 4104556); **DAMAIA - AMADORA: Lemos**, R. de Goa, 21-A (T. 331692); **ODIVELAS: Joleni**, R. Dr. Alexandre Braga, 3-B (T. 9810812); **PONTINHA: Pontinha**, E. de Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220).

REFORÇO — AMOREIRAS- CAMPOLIDE: Pinto, R. de Campolide, 11 (T. 682610); **AREEIRO - APEADEIRO: Ideal**, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (T. 892803); **CAMINHOS DE FERRO: Alves Carvalho**, R. Vale de Santo António, 7-9 (T. 840125); **CAMPO GRANDE: Nova Iorque**, Av. dos Estados Unidos da América, 140-B (T. 760658); **ENCOSTA DO RESTELO - ESCOLA PAULA VICENTE: Belém**, R. Tristão Vaz, 10-A (T. 612248); **INFANTE SANTO - PAMPULHA: Infante Santo**, R. do Olival, 290 (T. 661003); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **ROSSIO: Estácio**, Rossio, 60-63 (T. 327067); **SALDANHA: Saldanha**, Av. Praia da Vitória, 53-55 (T. 543938); **SANTA BÁRBARA: Romano Baptista**, R. Passos Manuel, 6-10 (T. 570593); **SETE RIOS: Canto**, E. das Laranjeiras, 202-B (T. 724841); **BRANDOA - AMADORA: Correia**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 137, loja B, poente (T. 990122); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Reis, R. Comandante António Feio, 19 (T. 2750504). Permanente; **COVA DA PIEDADE: J. Castro Rodrigues**, L. 5 de Outubro, 62 (T. 2750121). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Nova**, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Oliveira Sérgio**, R. dos Álamos, 2-A (T. 2296464). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Moderna**, R. D. Henriqueta Gomes de Araújo, 12 (T. 2073443). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Teixeira**, B. de Moçambique, 84-B (T. 2040944). Até às 19 horas; **CORROIOS: Abreu Cardoso**, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; **AMORA: Moura Carneiro**, P. General Humberto Delgado, 16-C (T. 2243720). Até às 22 horas; **SEIXAL: Godinho**, L. da Igreja, 51 (T. 2213580). Até às 22 horas; **MONTIJO: Diogo Marques**, R. Almirante Reis, 50 (T. 2310032). Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 2390029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António Santos Jorge, 15 (T. 2340100). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Louro**, R. Frei António Chagas (T. 24491). Permanente; **Bocageana**, R. do Romeu (T. 23425). Permanente; **Oliveira Rodrigues**, Vale das Cerejeiras, lote 11 (T. 31567). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Dias & Saraiva, Av. Afonso Pala, 17 (T. 2114487). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Melo Almeida**, R. D. Diogo Couto, lote 182 (T. 4191697). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **OEIRAS: Mourão Vaz**, Av. de Moçambique, 18-C (T. 2437196). Permanente; **NOVA OEIRAS: Leal**, Quinta da Palmeira, lote 24 (T. 2478737). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Grincho**, Av. da República, 97-A (T. 2471204). Permanente; **SÃO JOÃO DO ESTORIL: São João**, Quinta da Carreira, 29-A (T. 2681186). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313).

Linha de Sintra — AMADORA: Jardim, Av. Conde de Oeiras, 120, Reboleira (T. 4938424). Permanente; **Confiança**, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (T. 4938149). Até às 22 horas; **DAMAIA: Lemos**, R. de Goa, 21-A (T. 971127). Permanente; **QUELUZ: Vasconcelos**, Est. Particular Henrique Pousão (T. 4372649). Até às 22 horas; **CAMARATE: Batalha**, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2571069). Até às 19 horas; **CACÉM: Araújo e Sá**, E. de Paço de Arcos, lote 1-B (T. 9240781). Permanente; **ALGUEIRÃO: Vítor Manuel**, E. de Algueirão, 123 (T. 9217814). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade de Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194). Até às 22 horas; **SINTRA: Teresa Garcia**, L. D. Afonso, 3-A (T. 9232747). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

MOSCAVIDE: Pedro Gomes, B. 25 de Abril, lote 13 (T. 2519670). Permanente; **SACAVÉM: Cortes**, Av. Maria Luísa Braamcamp, 2-A (T. 2519420). Até às 22 horas; **LOURES: Sálvia**, Av. da República, 29 (T. 9831240).

TEATROS

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; domingo e feriados, às 16.00

«**ESCRITA EM DIA**«. Nova versão de «Isto É Maria Vitória», original de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha com a colaboração de Mário Zambujal. Intérpretes: Eugénio Salvador, Simone de Oliveira, Francisco Nicholson, Delfina Cruz, Carlos Cunha e Marina Mota.

Estoril — Teatro Mirita Casimiro

Av. Fausto Figueiredo, Cruzeiro — 267 03 20

Terças, quartas e quintas, às 15.15; sextas e sábados, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«GALILEU GALILEI» de Bertolt Brecht

Cornucópia — Sala 2

P. Espanha (Telef. 7260818)

De 3.ª a sáb. às 21.30.
«VICTOR» OU AS CRIANÇAS NO PODER de Roger Vitrac. Enc. de João Mota.

Setúbal — Teatro de Bolso

R. Dr. Aníbal Álvares da Silva, 9 — Tel. 2 91 30

6.ªs, sábados e domingos, às 21.30

«**ATÉ AMANHÃ**«, sobre textos de Jaime Salazar Sampaio, pelo Teatro de Animação de Setúbal. Intérpretes: Carlos César, Isabel Ganilho, Pompeu, Rui Paulo e Luís Anjos.

Porto — Teatro Campo Alegre

R. Campo Alegre, 627 — Tel. 38 21 31

De 3.ª a domingo, às 21.45; domingo, às 16.00

«**O MOTIM**«, de Miguel Franco; pelo Seiva Trupe. Encenação de Norberto Barroca. Intérpretes: António Reis, Estrela Novais, Alfredo Correia, Luís Cunha e Lourdes Rodrigues.

Porto — Teatro Sá da Bandeira

R. Sá da Bandeira, 108 — Tel. 22 550

Quintas, sextas e sábados, às 20.30 e 23.00; domingos, terças e quartas, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00

«**LISBOA, TEJO E TUDO**«, de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Intérpretes: Carlos Miguel, Camacho Costa, Helena Isabel, Henrique Viana, Mariema, Paulo César, etc.

TEATRO ABERTO

P. Espanha (Telef. 770969)

De 2.ª a 5.ª, às 21.30; domingo, às 16.00 e 21.30.

O JARDIM DAS CEREJAS, de Tchekov. Versão de João Lourenço, Vera San Payo de Lemos. Música de Eduardo Paes Mamede. Cen. de José Manuel Castanheira.

Algés — Teatro 1.º Acto

R. Eduardo Augusto Pedroso, 16-A — Tel. 211 50 33

De 5.ª a sábado, às 21.30; sábado e domingo, às 17.00

«**NÓ CEGO**«, pelo **Grupo Teatro Espaço**.

Vasco Santana

Av. da República, 16 — Tel. 76 86 09

3.ªs, 4.ªs e 5.ªs, às 19.00; 6.ªs e sábados, às 21.30; domingos, às 16.00

Teatro Estúdio d Lisboa

«**SYLVIA PLATH — QUEM MATOU?**«, de Barry Kyle. Tradução de Teresa Guerreiro. Direcção de Luzia Maria Martins. Montagem de Fernando Filipe. Interpretes: Clara Joana, Luísa Ortigoso, Manuel Mendonça e Maria Dulce.

Teatro «A Barraca»

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00

Diariamente, às 21.45; domingos, às 16.00

«**MÁRIO GIN TÓNICO**«, sobre textos de Mário Henrique Leiria. Pelo Teatro Experimental do Porto. Interpretação de Mário Viegas.

Teatro do Século

R. do Século, 41 — Tel. 32 47 04

De quinta a domingo, às 21.30

«**DRÁCULOS JÚNIOR**«, texto e encenação: Fernando Gomes. Intérpretes: Fernando Gomes, Fernando Luís, Maria Vieira, Maruga e Pedro Advirta.

Variedades

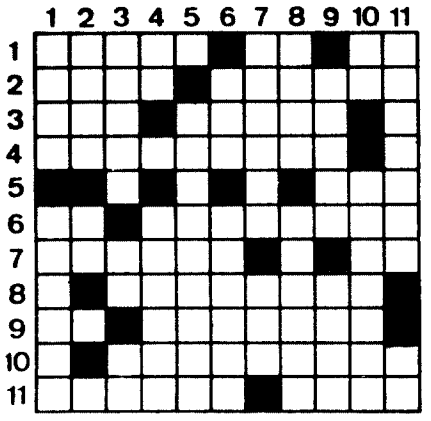
Parque Mayer — Tel. 32 60 37

Todas as noites, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00

«**AQUI HÁ FANTASMAS**«, original em português de Henrique Santana. Encenação de Henrique Santana. Intérpretes: Henrique Santana, Rita Ribeiro, Henrique Santos, Carlos Quintas, Armando Cortez, Maria Helena Matos, Luís Alberto e António Feio.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 16 969



HORIZONTAIS:

1 Mais cedo. Post scriptum. Prasiodímio (s.q).
2 Cidade da Índia nas margens do Falgu. Cidade do Japã.
3 Álcool de melaço Clases.
4 Guarnecessemos de asas.
5 Saia frequentemente à rua (inv).
6 Vossa alteza. Delicada.
7 Óbolo. Antes do meio-dia.
8 Rapariguitas (prov).
9 Medida japonesa igual a dois decilitros. Ratazanas.
10 Conferirem.
11 Ter raiva. Total.

VERTICAIS:

1 Cidade da Índia. Torcer.
2 Embarcações grandes. Carta de jogar.
3 Leme (ig). Mil e cem em romano. Rubídio (s.q).
4 Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Correrei com grade velocidade.
5 Atacava.
6 Pronome relativo. QUEBRAR.
7 Bofe (pop). Preposição e artigo (pl).
8 A Tailândia. Destroços.
9 Endurecido. Ilha do Pequeno Belt.
10 Platina (s.q). Empregassem.
11 Suplicaram. Miriare.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **16 968**

HORIZONTAIS:

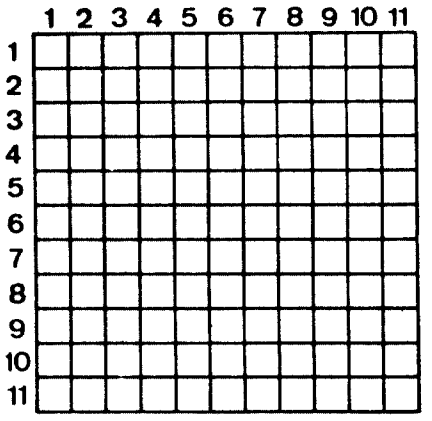
1 A. RICO. NÃO.
2 Taal. Oposto.
3 Bar. Ora.
4 Inaco. Bispo.
5 Carono. Rs.
6 Dão. Pê. Co.
7 Dal. IL. Pomo.
8 Em. Abanarem.
9 Viseiras. Ti.
10 AAA. Sãos. AT.
11 Solo. Ansa.

VERTICAIS:

1 Átria. DEVAS.
2 A. Damião.
3 Rabaçal. Sal.
4 Ilação. Ae.
5 Nor. Ibis.
6 Oó. Opiaras.
7 POBRE. NÃO.
8 Nório. Passa.
9 Asas. Cor.
10 To PROMETAS.
11 Ocos. Omita

PROVÉRBIO: A rico não devas, a pobre não prometas.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 798



HORIZONTAIS:

1 Cabo de Espanha à entrada do estreito de Gibraltar.
2 Interjeição de dor. Arara. Pequeno barco de recreio.
3 Origem. Esteiros.
4 Vigor. Rio da Suíça.
5 Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor). Escarnecam. Artéria.
6 Prefixo de negação. Acrescentar.
7 Mãe de Ismael. Artilharia antiaérea.
8 Conjunto de leitos numa só sala (pl).
9 Albergam por esmola. Abreviatura de Santíssimo.
10 Nome que se dá ao comboio expresso de Paris. Chegar a porto (o barco).
11 Rezar. Ilha do Pequeno Belt.

VERTICAIS:

1 Cidade de Itália. Casualmente.
2 Braço de mar. Golfo também chamado de Livónia. Pátria de Abraão.
3 Nota musical (inv). Que se mamou.
4 Construir. Chefe etíope.
5 Clima. Terceiro. Braço de mar.
6 Lagarta. Ilha do Mediterrâneo entre a Sicília e a África.
7 Na Índia, deus da Justiça e da Morte. Falha.
8 Camareira. Estimar.
9 Roçarias. Coalto (s.q).
10 Brisa. Sadia.
11 Planeta em que vivemos. Igualmente.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **14 797**

HORIZONTAIS:

1 AC. Batíamos.
2 Tarar. Alaga.
3 Oba. És. Im.
4 Ar. Aliava.
5 Rima. Atas.
6 Lançais.
7 Tiritamos.
8 Opacos. Cá.
9 Farás. Viras.
10 Apã. Ta! Vais.
11 Sósia. Mossa.

VERTICAIS:

1 Atoar. Sofás.
2 Cabril. Papo.
3 Ra. Mataras.
4 Ba. Nanica.
5 Are. Crosta.
6 Sanais.
7 Ia. It.
8 Aleia. Avivo.
9 Ma. Atam. Ras.
10 Ogiva. ocais.
11 Samas Sassa

Rádio

ANTENA UM

16.00: Pequeno jornal rocklândia; **18.00:** Noticiário «regressos» — Carlos Ventura; **19.00:** Informação e música; **20.00:** No estúdio e no estádio (Informação desportiva - 2.ª edição); **20.15:** Música portuguesa; **20.30:** A viver também se aprende; **21.00:** Musical; **21.30:** Imaginário; **23.30:** Títulos do jornal da meia-noite. Noticiários de hora a hora.

PROGRAMA 2

15.30: Música de Franz Vist; **16.30:** Álbum musical; **17.00:** Correspondências; **17.40:** Música orquestral — O poema do extase, op. 54, de Scriabin; **18.00:** Música instrumental — Duo em si bemol maior KV 424, de Mozart — Arrigno Pliccia (viola) — Pastoral op. 19, de César Franck; **18.40:** Música de Arthur Honegger — Quarteto n.º 2; **19.00:** Integrais — As sinfonias de Carl Nielsen **19.35:** Música portuguesa — Nocturno para violino epiano, de Joly Braga Santos — Poema de Dezembro, de Fernando Lopes Graça — Meio registo 2.º Tom acidental, de Diogo da Conceição; **20.00:** Concerto para piano e orquestra n.º 1, em ré maior, de Camille Saint-Saens; **20.40:** Solos de violino — Estudo VI, «L'última Rosa», de Wilhelm — Sonata op. 115, de Prokofiev; **21.00:** Histórias de música e outras; **21.30:** Música do período barroco — Sonata em si bemol maior, de Haendell — Concerto em mi maior BWV 1042, de J.S. Bach; **22.00:** 1.º acto da ópera «Boris Godunov», de Mussorgsky; **23.00:** Música de Chopin; **23.42:** Missa instrumental, de François Couperin; **00.00:** «Peleas et melisande», poema sintónico op. 5, de Arnold Schoenberg; **00.50:** Último andamento — Resumo; **01.00:** Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283,290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; **17.00:** Feira mágica; **20.00:** Peça que a gente passa; **22.00:** Portugal e a CEE; **22.15:** Religiosos; **22.30:** Tempo e resultados; **23.00:** 24.ª hora; **01.00:** É de noite... já se vê; **03.00:** Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; **16.00:** Som da frente; **17.00:** Rock em stock; **18.00:** Círculo em FM; **19.00:** Em órbita; **20.00:** Nova geração; **21.00:** O saber da música; **22.00:** As mil e uma noites; **00.00:** Morrison hotel; **02.00:** O rock pode esperar; **03.00:** Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA (canal 1)

Rede Nacional de OM/FM

15.00: Terceira vaga; **18.00:** Boca branca (3.ª ed.); **18.30:** Transmissão do terço; **19.00:** Fim de tarde; **20.00:** Programa da LAR; **20.30:** Cidade nova; **21.00:** luzes da ribalta; **23.00:** Bola branca (4.ª ed.); **23.30:** Suplemento especial; **23.55:** Meditando.

TELEVISÃO

RTP 1

17.30 - Mira Técnica
Com Música Portuguesa

18.02 - Sumário
18.05 - Brinca Brincando
«O Vadio e o Avôzinho» e «O Cão Vagabundo»

18.50 - Par ou Impar
19.30 - Telejornal
20.00 - Boletim Meteorológico
20.10 - Palavras Cruzadas
34º Episódio: - Dando seguimento ao plano traçado, Oswaldo explica detalhadamente a Helena tudo o que é preciso fazer para passar os diamantes. Alberto procura Simão para lhe dar conta das suas preocupações. Fazendo face às questões levantadas por Alberto, Simão diz-lhe que há que ter calma para conseguirem levar o plano por diante, ou seja, acabarem de vez com a Firma e conseguirem uma empresa que seja só deles. Quando João chega a casa, Margarida recebe-o com efusivas manifestações de ternura e diz-lhe que gostaria de ter um filho mais depressa (!) possível, o que deixa João algo sobressaltado e o leva a desaconselhar a ideia, atendendo às actuais condições de vida do casal. Mina vai à retrosaria ver o pai, mas fica preocupada por este não a reconhecer à primeira vista. Conforme o combinado, Joana apresenta-se à porta da escola de computadores. Quando Fátima e Francisco saem juntos, aquela arranja um pretexto para deixar o professor e a irmã a sós.

20.45 - ALF - Uma Coisa do Outro Mundo
1º Episódio: Willie Tanner, a sua mulher Kate e os seus dois filhos, Lynn e Brian, estão na garagem entretidos com um rádio de ondas curtas.

De reprente, o rádio capta um sinal estranho e uma nave especial cai pelo telhado, trazendo à terra uma estranha forma de vida (Alien Life Forme), o primeiro convidado extra-terrestre dos Tanners.

Willie e as crianças adoram o seu novo amigo, mas Kate não gosta dos seus modos travessos e inconvenientes e preocupa-se especialmente com os efeitos que ele pode ter nas crianças. E deseja que ele regresse ao seu mundo.

Contudo, como Alf não consegue entrar em contacto com o seu planeta, os Tanner decidem adoptá-lo, apesar dos receios de Kate.

Realizadores: Tom Patchett e Peter Bonerz

21.10 - Telemundo
21.40 - As Blue Bell
5º Episódio
23.35 - 24 Horas
23.05 - Remate

RTP 2

15.15 - Agora, Escolha!
16.30 - Notícias
16.35 - Trinta Minutos Com...
Jornalista Joaquim Fernandes
17.00 - Countdown
18.00 - Estádio
Inclui: Jogos Olímpicos Los Angeles - Tiro com Arco

No 1.º canal, ás 20.10, há «Palavras Cruzadas»

19.00 - Nino Show
20.00 - Notícias
20.05 - 5ª Dimensão
97º Episódio: - Quase toda a população da terra fora morta por uma guerra atómica. Apenas uma pequena comunidade conseguira sobreviver, seguindo as recomendações do «velho da cave». Sob a sua direcção, fizeram plantações próprias, evitaram alimentos contaminados e protegeram-se da radioactividade.

Eis senão quando, aparecem quatro soldados feridos que afirmam ser um grupo organizado e exigem obediência, desprezando os sábios conselhos do «homem da cave». Os membros da comunidade seguem-lhe o exemplo, bebem um licor contaminado e, encorajados pelo álcool exigem que lhes seja permitido ver o «velho da cave». Surge então uma visão assustadora do futuro.

Realizador: Alan Crosland, JR.

No 2.º canal, às 20.05, a alternativa chama-se «5.ª Dimensão»

20.30 - Uma Família às Direitas
73º Episódio: - Archie receia que a sua família esteja a correr perigo, quando sabe que o canalizador que está a trabalhar em sua casa é um condenado.

Realizador: H.Wesley Kenney

21.00 - Jornal das Nove
21.30 - E de Ler
21.35 - A Quinta do Dois

AMANHÃ

RTP-1
17.30 - Mira Técnica
18.02 - Sumário
18.07 - Brinca Brincando
18.50 - Par ou Impar
19.30 - Telejornal
20.00 - Boletim Meteorológico
20.10 - Palavras Cruzadas
20.55 - Palácio dos Sonhos
21.50 - Tudo é Espectáculo
22.50 - Hitchcock Apresenta
23.20 - 24 Horas
23.50 - Remate

RTP-2
15.15 - Agora, Escolha!
16.30 - Notícias
16.35 - Trinta Minutos Com...
17.00 - Countdown
18.00 - Estádio
19.00 - Nino Show
20.00 - Notícias
20.05 - 5ª Dimensão
20.30 - Uma Família às Direitas
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - É de Ler
21.35 - Andebol: Campeonato do Mundo
23.00 - Meu Filho, Meu Filho
23.55 - Uma Boa Ideia

AOS CONDUTORES

"Junto das paragens de transportes públicos, abrande a marcha, porque a qualquer momento pode surgir uma criança a atravessar, quer pela frente quer pela retaguarda do autocarro."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP 1 — 20.55 - ALF - Uma Coisa do Outro Mundo

RTP 2 — 21.35 - A Quinta do Dois

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada - 1495 LISBOA
Telef. 419750

Uma Família às Direitas

PORTE PAGO

DL

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54 / 5 - 32 02 71 / 2 - Publicidade: 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro: 32 11 54 Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 383 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS: Rua do Norte, 115-1.º — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 - 32 22 04 - 32 07 84
Preço do «DL» na Madeira: 40$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director adjunto **Fernando Piteira Santos**

ÚLTIMA HORA

Portugal, juntamente com a Espanha e a Itália, é um dos destinos privilegiados de auto-rádios roubados na República Federal da Alemanha, segundo declarações do director da companhia de seguros «Allianz». O negócio é de tal forma lucrativo que os auto-rádios chegam em grandes quantidades àqueles três paises. Para impedir este movimento, a Federação das companhias de seguros está a exigir que a indústria fabrique aparelhos com documentos infalsificáveis. No ano passado foi roubado na RFA um total de 330 mil rádios com prejuizos superiores a 31 milhões de contos.

Nos Açores

Porto de Santa Maria destruído pelo temporal

O temporal que se fez sentir nos Açores destruiu, esta noite, metade do cais do porto da ilha de Santa Maria, uma obra que mereceu críticas dos pescadores e do presidente da Câmara de Vila do Porto, que discordaram da sua situação.

Dos 320 metros do porto cerca de 160 desmoronaram por efeito das chuvas e da forte batida do mar. As obras, que ainda não se encontram concluídas, importaram já num milhão de contos e iniciaram-se em 1983.

O local escolhido não mereceu o acordo dos pescadores e de outras pessoas entendidas, nomeadamente do presidente da autarquia, José Humberto, que esta manhã informaria o «DL» considerar o Governo Regional responsável pelo ocorrido, pois havia sido alertado para as consequências, facilmente previsíveis.

No entender do presidente camarário, o porto devia ser construído no lugar da Prainha ou no caso de se optar pelo local escolhido devia ser reforçada a segurança.

A acusação ao Governo Regional centra-se assim na localização ou reforço da construção e, em especial, por os governantes haverem sido alertados a tempo de poderem alterar o projecto sem o terem feito.

Fica assim a ilha de Santa Maria, a mais oriental do arquipélago açoriano, com acesso marítimo ainda mais condicionado.

Judiciária queima droga

Cerca de 800 quilos de droga foram destruídos pela Polícia Judiciária de Lisboa na quinta e sexta-feira últimas por incineração no forno do Ministério da Justiça.

Tratava-se de 739 quilos de haxixe, cinco quilos de liamba, um quilo e 121 gramas de heroína, 12 quilos e 700 gramas de cocaína, cinco ampolas de Pedidina e 30 comprimidos de Rohypnol.

Estes estupefacientes estavam apensos a 53 processos ainda em fase de instrução e foram queimados em cumprimento de legislação que ordena a sua rápida destruição, ficando junto ao processo pequenas amostras como corpo de delito.

"A Voz da América" suspende emissões para Portugal

«A Voz da América», a emissora de rádio da agência de Informação dos Estados Unidos, está a planear suspender as suas emissões para Portugal — segundo apurou a Lusa em Washington.

Esta medida está relacionada com os profundos cortes orçamentais que afectam os organismos federais no ano em curso.

A suspensão das emissões em onda curta para Portugal tem também a ver com a quase nula audição e com o baixo nível de qualidade do programa.

A estabilidade da situação política em Portugal entrou também em consideração, já que estas emissões se iniciaram após o 25 de Abril de 1974, quando a evolução dos acontecimentos em Lisboa causava apreensão às autoridades de Washington.

«A Voz da América», que acaba de comemorar o seu 45.º aniversário, transmite em 42 línguas, e o serviço português para a Europa é o único destinado a um país da Europa Ocidental.

DECARAS

BOB GELDOF continua a estar em foco, desta vez não por ter organizado mais um espectáculo a favor das vítimas da fome em África, mas por ter escrito a sua autobiografia. «Is That It?» é o título do livro que foi bem acolhido pela crítica e pelo público, tendo-se tornado rapidamente num «best-seller». Na capa, Bob Geldof mandou imprimir esta mensagem: «O autor e os editores pretendem deixar ficar bem claro que tanto os pais de família como outros leitores poderão eventualmente considerar algumas partes deste livro ofensivas».

JERRY HALL, modelo norte-americano e companheira de Mick Jagger, foi absolvida de uma acusação de posse de droga nos Barbados, mas disse que o julgamento lhe custou 28 mil contos de prejuízos. «Sempre quero ver quem me vai pagar este prejuízo», disse a modelo enquanto abria champanhe para comemorar a absolvição. Jerry Hall tinha sido acusada de possuir oito quilos de marijuana, mas sempre protestou a sua inocência.

RUI DE MASCARENHAS vai hoje a enterrar. O corpo do artista foi transportado em carro funebre da casa mortuária do hospital de Vila Nova de Gaia para Lisboa, onde será depositado na Basílica da Estrela, seguindo depois para o cemitério dos Prazeres. Rui de Mascarenhas, 57 anos, foi encontrado morto na manhã de domingo, na sua residência de Vila Nova de Gaia. A hipótese de suicídio foi desde logo excluída e o exame médico-legal efectuado posteriormente revelou que o cantor fora vítima de embolia cerebral durante o sono. O funeral efectua-se quatro dias após a morte porque as autoridades aguardavam o eventual aparecimento de familiares.

FRANCIS FORD COPPOLA, realizador norte-americano, foi convidado para presidir ao júri de longa metragem do Décimo Quinto Festival Bienal Internacional de Cinema de Moscovo, anunciou a agência Novosti. Além de Coppola, foram convidados para membros do júri o realizador e escritor inglês Peter Ustinov (filmes para crianças) e o realizador soviético Ales Adamovitch (curta metragem).

GUENTER WALLRAFF, foi intimado por um tribunal a retirar de próximas edições do seu livro «Ganz Unter» (Abaixo de Cão) duas passagens sobre alegadas irregularidades na empresa siderúrgica Thyssen. «Ganz Unter» relata as experiências vividas por Wallraff «na pele» de um trabalhador turco em situação de ilegalidade na Alemanha Federal. Fundamentando a decisão, o tribunal considerou que o jornalista não provou as alegações contidas em duas passagens referentes à segurança e às práticas de contratação da Thyssen numa das suas fábricas em Duisburg. Ao tomar conhecimento do veredito, Wallraff observou que o texto visado acupa menos de uma página do livro e que a próxima edição terá mais de 30 páginas de novo material. Desde o seu lançamento em 1985 foram vendidos mais de dois milhões de exemplares de «Ganz Unter», um «best seller» na Alemanha Federal e traduzido já em 20 idiomas.

WERNER HERZOG, realizador alemão federal, iniciou já a rodagem do seu novo filme, «Cobra Verde», sobre um bandido brasileiro do século passado, interpretado por Klaus Kinski. O filme, a ser rodado na Colômbia e no Ghana, inspira-se na novela «O Vice-Rei de Quidá», de Bruce Chatwin, publicada pela primeira vez em 1980. O herói da história é Francisco Manoel da Silva, aliás «Cobra Verde», enviado a África para reactivar o comércio de escravos, no que é ajudado pelo «perigoso e fantástico» Bossa Ahadee, rei do Daomé.

Por causa do "Lugar do Morto"

Particular põe RTP em Tribunal

Um particular apresentou queixa na Polícia Judiciária contra a Rádio Televisão Portuguesa por ter exibido, em 7 de Janeiro último, no primeiro canal, o filme português de António Pedro Vasconcelos, «O Lugar do Morto».

Segundo revelou a RTP, a queixa de um cidadão não identificado, acusa a RTP de ter passado um filme com cenas reprováveis e «desagregadoras da família», de uma película que passou nos cinemas classificada «para maiores de 12 anos», pela Comissão de Classificação de Espectáculos.

O director-adjunto de programas revelou que a queixa está em fase de instrução, pelo que a RTP ainda não foi citada judicialmente, e, manifestando o ponto de vista da Rádio Televisão Portuguesa, a exibição «não infrigiu qualquer Lei», nomeadamente os preceitos da Lei 75/79 que menciona o que são programas interditos em televisão (programas contra o regime democrático, pornográficos e obscenos).

«O que acontece é que se uma cena mais forte é representada por actores portugueses, (Ana Zanati e Pedro Oliveira) a audiência tem uma reacção completamente diferente do que se o fosse por actores americanos, por exemplo», adiantou Seixas Santos.

Filmes estrangeiros, como o italiano «Pato com Laranja»-uma sátira ao casamento que suscitou protestos públicos- não provocaram até agora reacções deste género, prosseguiu o director-adjunto.

«As alegações do queixoso, são, em nossa opinião, totalmente improcedentes, mas cabe ao Juíz decidir se a queixa vai para a frente ou não», concluíu Seixas Santos.

LER ESCREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72. TELEX 12363.

Um Amor Feliz: a dificuldade inoperante ou o virtuosismo de David Mourão-Ferreira

Urbano Tavares Rodrigues

TUDO flui, em *Um Amor Feliz,* no prazer da leitura, como um licor ameno, denso apenas o bastante para irmos pesando (pensando) a roseira da vida, no esplendor das rosas derradeiras. E, contudo, estamos perante um romance tão habilmente entretecido que nada há nele de diegeticamente ocioso, nem os bilhetes soezes que surgem no limpa-pára-brisas do carro do narrador e cujo mistério se há-de aclarar a seu tempo, nem as estórias irrisórias da adolescência que em curtas analepses (as carícias da menina Isolda, por exemplo) iluminam melhor a subjectividade do «herói». De pequeno «cabro» que foi ele se tornará no amante maduro de «Y», escultor no mármore e na carne, soberanamente sarcástico perante a glória e perante o poder, mas que (em boa hora) tão-pouco se poupa à auto-ironia. É justamente esse misto de herói e anti-herói que faz do protagonista, retirando-lhe a película narcísica que sempre ameaça recobrir o devorador de mulheres, a personagem humanamente tão rica de contornos, de luz e de sombra, que viaja estética, carnal e cruelmente através das criaturas e das coisas e de si mesmo (os amores infelizes, tantas Anas Doras, Elviras, Isabéis, Octavianas, Úrsulas... e a Xô, e as estátuas degradadas, estilizadas, o fruto da experiência tornado em forma outra) até descobrir essa tão bela, tão enigmática Y, que é mais um símbolo do que ser, quase pura corporização da beleza. A cena em que o narrador conduz ao hospital a sua pesada-subtil esposa, que teve um acidente cardíaco, o diálogo ansioso entre eles, a terna e sorridente desdramatização final, são, aliás, de um modelo único, pela tonalidade, na nossa literatura que se alimenta (e é afinal toda ela ou quase toda) do amor e desamor, do ciúme, do remorso, da interrogação, explícita ou implícita, sobre o que andamos cá a fazer todos nós, pobres de nós, abraçados uns aos outros.

Os amores e a filosofia do amor deste narrador que se espelha, em curiosa antipatia, depois em empatia, num reconhecível autor que será talvez (ele mesmo põe a hipótese) o Autor de todas estas ficções, insere-se, com manifesta repulsa (e nessa sobranceira agonia narrador e autor se identificam) no quadro escurecido da Lisboa dos anos 80, com a miséria nas ruas e nos lares dos desempregados e a chamada classe política à solta em suas tropelias, vaidades e mediocridades. Trata-se, é certo, apenas de um fundo: não se estabelecem relações de causa e efeito, não se analisa propriamente a realidade económica e social de um País onde a fome se tornou coisa comum e as novas fortunas pululam; há apenas neste romance como que um grande vómito em face não da política, que é inerente à actividade humana, mas da politiquice que lhe suja até o nome. Uma atitude moral.

Uma das razões do encantamento que nos provoca a leitura de *Um Amor Feliz* reside na astúcia com que David Mourão-Ferreira mobiliza as instâncias narrativas, estabelecendo uma viva e estimulante relação intradiegética narrador-narratório. De resto, a mulher a quem o enunciador se dirige e com a qual cria laços de ambígua camaradagem cerebral e sensual é, por sua vez, autora de poemas, alguns deles muito belos e, na sua vertente heteronímica, bem dignos do outro David, o de cá de fora, exterior ao universo diegético.

Uma das dimensões deste romance que exalta a suprema formosura do corpo e da união dos corpos é, no entanto, o grotesco (ou não fosse David Mourão-Ferreira parente tão próximo de M. Teixeira-Gomes) e essa dimensão, que ao longo do texto se observa, está muito patente na figura de Laurentina e da sua cabeleira postiça em meio do incêndio que há-de devorar o quadro do Niassa. E eis a personagem secundária mais fascinante de *Um Amor Feliz:* a do Niassa, Quixote e Lovelace pindérico e grandioso das lides lisboetas, entre o Parque Mayer e as suas aventuras de paleta desmaiada, entre as «peneirentas» e as «porreirinhas», passeando pela cidade o seu talento abafado e um cancro muito real.

Como não poderia deixar de acontecer num escritor com a multiplicidade de interesses e de saberes de David Mourão-Ferreira, o intertexto é aqui riquíssimo e vai da pintura de Giotto à escrita do Stendhal da *Chartreuse de Parme,* ao Pessoa, ao Felini, ao Bergman ou à Gal Costa, ao Speedy Gonzalez, um tecido muito variado e, por vezes original, de referências culturais.

O título, esclarece-o até certo ponto o narrador quando fala dos amores felizes que o são porque não permitiu o curso do tempo que se tornassem infelizes. Porém, alguma coisa mais o título nos diz. Será aquela aposta na felicidade que pelos sentidos se realiza e se espiritualiza e que, em última análise, se resolve e se resume em beleza, na vontade e na persistência de viver, contra todos os percalços, náuseas e horrores, o fulgor de uma existência estética.

Livro certamente dos mais importantes e mais belos do ano de 1986, este até hoje único romance de David Mourão-Ferreira ocupa desde já na literatura portuguesa um lugar muito especial, onde o talento polémico, o virtuosismo formal (de estrutura e de estilo), o dom da caricatura, a exaltação do instinto e o culto da arte se equilibram e se harmonizam num ponto de fusão eminentemente moderno do velho e sábio ofício de narrar.

Versos de Zeca

Carlos Paredes, Adriano Correia de Oliveira, José Afonso e José Fonseca e Costa numa imagem dos anos 60

O mais belo testemunho sobre José Afonso publicado depois da sua morte é sem dúvida o de Carlos Paredes: diz ele que agora Zeca deixou de estar **moribundo** para passar a estar **vivo.**

O Ler/Escrever associa-se ao espírito desta declaração e publica hoje uma antologia do poeta, precedida de textos escritos há poucos anos por quatro homens marcantes na cultura portuguesa: Óscar Lopes, que apresenta a poesia, João de Freitas Branco, que fala sobre a música, Bernardo Santareno e Urbano Tavares Rodrigues, que resumem a importância da mensagem.

De resto, aqui fica um punhado de versos que Zeca cantou e que, associados embora directamente à melodia para que foram escritos, valem por si.

O poeta em casa, 1983

O poeta

A canção lírica e satírica de raízes populares, pela qual há quase oito séculos principiou o registo da poesia portuguesa, veio encontrar um surpreendente renovo no último decénio, ou pouco mais, de resistência ao fascismo e a uma guerra injusta, e depois neste quase decénio mais recente em que tem decorrido um processo sinuoso e ainda indecidido de luta por uma democracia real à medida das actuais possibilidades técnicas e humanas. José Afonso é um daqueles novos segréis que mais criativamente reatam uma tão velha tradição nacional.

Reconhecemo-lo, imediatamente, nos ritos paralelísticos, numa enorme liberdade de fantasia enternecida, solidária ou sarcástica, proporcionada pelo perfeito entrosamento entre a letras e a música; e em motivos folclóricos rurais ou marítimos. Mas o que há de mais fascinante na face poética deste segrel nosso contemporâneo é a gama extraordinariamente rica do seu temperamento. Além do certeiro tino com que sabe escolher poesias alheias muito vocacionadas para o canto, José Afonso, como poeta, consegue admiráveis coisas como estas: recuperar a maior candura infantil ou rural *(Balada do Sino);* dar a rédea mais solta e criadora à lírica pessoal *(Chamaram-me Cigano);* atingir a invectiva mais flagrante e estimatizadora *(Os Eunucos);* exprimir o mais persuasivo e generoso companheirismo *(Traz outro amigo também);* colher os mais belos efeitos em incursões à beira do sem-sentido (colectânea *Venham mais cinco);* assumir formas de ataque frontal e quase sem metáfora à traição antidemocrática farisaicamente legalista (colectânea *Com as minhas tamanquinhas);* aliar a simpatia humana mais pura à denúncia da exploração salarial nas «praças de gente», do colonialismo e da violência *(Lá no Xepangara, Cantar Alentejano, Por trás daquela janela).*

Não foi por simples acaso que o santo-e-senha musical com que se abriram as esperanç de Abril veio a ser a *Grândola Vila Morena.* É que, na sua serena e directa simplicidade, esta canção constitui a melhor contraprova da criatividade que noutros poemas-canções de José Afonso se assinala por inflexões imprevisíveis de humor, de intriga ou sequência frásica, de imagem, ou pelo imaginativo jogo de correlação letra/curva melódica/harmonia musical. Nesta canção, hoje emblemática e historicamente imortal, comparecem as grandes aspirações pelas quais tão corajosamente lutaram (os que lutaram) nos anos de sessenta, e por que se continua a lutar nos de oitenta: uma fraternidade real sem mistificações televisivas e outras, o direito à igualdade de ensejo para todos os portugueses ou portuguesas, a fidelidade ao princípio de que «o povo é quem mais ordena». E nem sequer ali falta a marca da área natal onde, apesar de tanta velhacaria e violência, resiste ainda uma reforma agrária já há seis séculos desejada pela peonagem rural patriótica de Nun'Álvares: uma azinheira erguida a símbolo dos anelos tão antigos e imorredoiros de liberdade real, numa vila morena como a terra que um dia acabará de ser resgatada para sempre.

Óscar Lopes

O músico

JOSÉ AFONSO tem um significado muito importante no panorama da cultura musical portuguesa. Isto, para além do valor de cada uma das suas criações, em função da comunicabilidade para com um auditório vasto e diferenciado. Um significado que tem a ver com a habitual, há muito estabelecida e felizmente em vias de ser superada, oposição entre música dita «clássica», ou «séria», e música «ligeira».

Tirante um que outro caso especial, nomeadamente a do «jazz», entendeu-se que todo e qualquer trecho de música não só portuguesa, mas europeia, tinha que ser arrumável numa das duas classes: ou na «séria» ou na «ligeira». Em bem sabemos quão deplorável era, em regra, o conteúdo da segunda, com excepções, aliás interessantes e meritórias, entre as quais avulta o exemplo de um Frederico de Freitas.

É evidente que a arte poético-musical de José Afonso não pertence, nem sequer minimamente, à esfera do «ligeiro». Como tão-pouco pertence essoutro caso notável de música portuguesa que é o de Carlos Paredes. O mais de salientar é que, em José Afonso, o sentido e as implicações das palavras dos poemas cantados, contribuindo embora para aquela incompatibilidade com o «ligeiro», não são factor exclusivo. O papel da música torna-se relevante, num fenómeno ao mesmo tempo unitário e dividido por dois planos.

No plano criativo, impõe-se acima de tudo o carácter português de raiz popular, isento de qualquer efeito de estilização de artifício que procurasse o afago do pior gosto musical, ou pseudomusical. É um portuguesismo autêntico que também resulta imensamente da perfeita arte de tratar a nossa língua, em termos de verdadeira música. Finalmente, no plano interpretativo, sem esquecer a inconfundível qualidade da voz, o medular sentido rítmico e a intencionalidade expressiva da articulação, gostaria de focar a pecularíedade de José Afonso que talvez tenha sido, até hoje, a menos referida. A sua emissão de voz, habilmente conjugada com a tessitura estabelecida nos diferentes trechos, constitui, se não estou em erro, um dos mais actuantes ingredientes da irresistibilidade da sua mensagem de artista.

Se os encartados arrumadores de música persistirem, mesmo assim, em recusar à obra de José Afonso um lugar na categoria da música «clássica», que se apressem a rever a sua definição desta, antes que, por completo, os deixemos de tomar a sério.

João de Freitas Branco

A mensagem

A arte de José Afonso é um jorro de água clara, puríssima, portuguesa sem mácula. Realmente é a «pureza» a nota maior desta arte: Pureza de voz, pureza no poema, pureza na música... Trova antiga purificada, folclore limpo de excrescências, balada de combate em que a justiça vai de bandeira. E o ouvinte fica tonificado, «limpo», cheio de graça, com mais vigor para a luta. no chiqueiro velho e saudosista, insignificativo e feio da música ligeira do nosso país, José Afonso surgiu como um renovador: de riso claro e leal, com punho duro de diamante, terno e gentil sem amaneiramentos. Limpou crostas, desatou amarras, descobriu ramos verdes e ocultos, abriu janelas na parede bolorenta do fatalismo lusíada. E como esta arte pura e viril habitava já, nebulosamente, nos anseios da juventude que tanto pechisbeque musical mórbido e paupérrimo trazia nauseada, José Afonso conseguiu rapidamente uma enorme audiência: Ele é hoje o mais autêntico trovador do povo português, nesta hora que todos vivemos. Ninguém melhor que ele transmite os seus desesperos e raivas, as suas aspirações de amor, de paz, de justiça, de verdade. Por isto, todos o amam. E o amor do povo, dos jovens, de todos aqueles que ainda não estão definitivamente contaminados, esclerosados, é, tenho a certeza, a recompensa e a glória de José Afonso. Nem tudo está podre no reino da Dinamarca.

Bernardo Santareno

Versos de Zeca

A noite das lágrimas e da raiva. A madrugada das carícias e do sorriso. O dia claro da festa colectiva. Tudo isso se encontra na poesia cantada de José Afonso, cantada por José Afonso. A luminosa gargalhada do povo, o seu suor de sangue, nas horas de esforço ingrato e de absurda expiação. O lirismo primaveril e feminino das bailias que não morream. E o orvalho da esperança. E os ecos de um grande coro de fraternidade sonhada e assumida. José Afonso, trovador, é o mais puro veio de água que torna o presente em futuro, que à tradição arranca a chama do amanhã. No tumulto da contestação, na marcha de mãos dadas, com flores entre os lábios, é ele a figura de proa, o arauto, o aedo, o humilde, o múltiplo, o doce, o soberbo cantador da revolta e da bonança. Singelo José Afonso do Algarve doirado, dos barcos de vela panda, do Alentejo infinito sem redenção, dos pinhais da melancolia, dos amores sem medida, do sabor de ser irmão... José Afonso é a primeira voz da massa que avança em lume de vaga, é a mais alta crista e a mais terna faúlha de luar na praia cólera da poesia, da balada nova.

Urbano Tavares Rodrigues

Depoimentos extraídos de «José Afonso», edição de **Orfeu**, pequena brochura que acompanhava um triplo álbum e que incluía, para além dos que aqui reproduzimos, testemunhos de Manuel Louzã Henriques e de Fernando Assis Pacheco.

Mais duas imagens bem distantes uma da outra: Zeca Afonso no princípio dos anos 70 e no último concerto, no Coliseu

Que amor não me engana

Que amor não me engana
Com a sua brandura
Se da antiga chama
Mal vive a amargura

Duma mancha negra
Duma pedra fria
Que amor não se entrega
Na noite vazia?

E as vozes embarcam
Num silêncio aflito
Quanto mais se apartam
Mais se ouve o seu grito

Muito à flor das águas
Noite marinheira
Vem devagarinho
Para a minha beira

Em novas coutadas
Junto de uma hera
Nascem flores vermelhas
Pela Primavera

Assim tu souberas
Irmã cotovia
Dizer-me se esperas
Pelo nascer do dia

«Em terras de Trás-Os-Montes»

Em terras de Trás-os-Montes
Entre Coelhoso e Parada
Uma história verdadeira
Foi ali mesmo contada

Algemado por dois pides
Na manhã de vinte e três
Lá vai Manuel Augusto
Sem mesmo saber porquê

Com ele vai Marcolino
Bufo dos Dominadores
Ide às minas da Ribeira
Vereis quem são os Senhores

Nesse lugar de trabalho
Nos confins da exploração
Diz o Marcolino aos pides
Apertem-me esse cabrão

Não contente com a prova
Do zelo que assim mostrava
Àquele rapaz honrado
Esta fala então lhe dava:

Sabemos da tua vida
Amanhã por esta hora
Irás para o forte de Elvas
Diz adeus à vida boa

Também o José António
Foi na mesma interrogado
Assassino Marcolino
Foste o primeiro culpado

Entre Parada e Coelhoso
Ainda reina a opressão
Não deixem fugir o melro
Não quebrem vossa união

Alípio de Freitas

Baía de Guanabara
Santa Cruz na fortaleza
Está preso Alípio de Freitas
Homem de grande firmeza

Em Maio de mil setenta
Numa casa clandestina
Com companheira e a filha
Caiu nas garras da CIA

Diz Alípio à nossa gente:
«Quero que saibam aí
Que no Brasil já morreram
Na tortura mais de mil

Ao lado dos explorados
No combate à opressão
Não me importa que me matem
Outros amigos virão»

Lá no sertão nordestino
Terra de tanta pobreza
Com Francisco Julião
Forma as ligas camponesas

Na prisão de Tiradentes
Depois da greve da fome
Em mais de cinco masmorras
Não há tortura que o dome

Fascistas da mesma igualha
(Ao tempo Carlos Lacerda)
Sabei que o povo não falha
Seja aqui ou outra terra

Em Santa Cruz há um monstro
(Só não vê quem não tem vista)
Deu sete voltas à terra
Chamaram-lhe imperialista

Baía da Guanabara
Santa Cruz na fortaleza
Está preso Alípio de Freitas
Homem de grande firmeza

Adeus ó Serra da Lapa

Adeus ó serra da Lapa
Adeus que te vou deixar
Ó minha terra ó minha enxada
Não faço gosto em voltar

Companheiros de aventura
Vinde comigo viajar
A noite é negra a vida é dura
Não faço gosto em voltar

Dou-te o meu lenço bordado
Quando de ti me apartar
Eu quero ir ao outro lado
Não faço gosto em voltar

O meu dinheiro contado
É para quem me levar
O meu caminho está traçado
Não faço gosto em voltar

Moirar a terra insegura?
Fugir da serra e do mar?
Meus companheiros de aventura
Tudo farei para salvar

Venham mais cinco

Venham mais cinco
Duma acentada
Que eu pago já
Do branco ou tinto
Se o velho estica
Eu fico por cá

Se tem má pinta
Dá-lhe um apito
E põe-no a andar
De espada à cinta
Já crê que é rei
D'aquém e d'Além-Mar

Não me obriguem
A vir para a rua
gritar
Que é já tempo
D'embalar a trouxa
e zarpar

A gente ajuda
Havemos de ser mais
Eu bem sei
Mas há quem queira
Deitar abaixo
O que eu levantei

A bucha é dura
Mais dura é a razão
Que a sustém
Só nesta rusga
Não há lugar
Pròs filhos da mãe

Não me obriguem
A vir para a rua
gritar
Que é já tempo
D'embalar a trouxa
e zarpar

Bem me diziam
Bem me avisavam
Como era a lei
Na minha terra
Quem trepa
No coqueiro
É o rei

«O sentido copioso»

O sentido copioso
dextro sobre a minha testa
resolve não ir à festa
para não ficar gotoso

Inopinado quinteto
assente em maus diagramas
leva mais de três semanas
para compor um soneto

Digitalmente confuso
não ganho pròs meus cuidados
nos dias mais marafados
gasto os miolos com o uso

Dantes usava grilhetas
como punhos de camisa
para comer uma pisa
largava cinco pesetas

Esta questão de soldada
ou do pré, como se chama
com menos proveito e fama
pagava bem a rodada

E aí o miolo falha
como falha a valentia
se hei-de vencer a batalha
não me sobra a fantasia

Sentido digital (Anti-Pacheco)

Em certo sentido digital
Burocrático e clássico e sagaz
Todos se entendem sem gritar por mais
Dizia o tolo ao sábio em certo sentido estultício

Mas nós
Que não somos demais na fábula
(E na almôndega)
Burocráticos e serenos rapazes
Dicionaremos, sim senhor e temos dito

«Creio num camion repleto de bananas»

Creio num camion repleto de bananas
Creio no abat-jour de musselina
Creio na feira de gado mensal em Alcanena
pedida em casamento nas alpenduradas
Creio nos oxiúros dorminhocos
ainda hoje à espera de serem atendidos
Creio nas missangas ó mores
com que César atravessou o Rubicão
na Primavera

Que fazer do meu elan mefistofélico
tipo porches último modelo
a caminho do fruto do vosso ventre ó Clemente

Esta tendência para a sucção da metafísica
como custa caro ó melgas

Vai mais um passo companheiros
Eu vi um órfão sedento de justiça

A propósito de Italo Calvino

Um subtil equilíbrio entre Voltaire e Leibniz

Umberto Eco

QUANDO *Baron perché* foi publicado, nós, os que éramos dez anos mais novos, compreendemos que ele era o escritor da nossa geração. Mais tarde, quando o conheci pessoalmente, o seu sorriso evasivo e trocista, o seu modo de falar com os olhos baixos para dissimular o brilho irónico podiam ter-me enganado. Mas ao ler o *Diário de um Escrutinador* percebi que o autor, tão próximo do espírito dos enciclopedistas, revelava neste livro breve um dostextos de maior e mais alta religiosidade que eu lera algum dia.

Era a história de um homem de esquerda responsável pelo escrutínio de uma mesa de votos situada no Cottolengo, o imenso hospital-asilo no qual a Igreja piedosa recolhe os abandonados, os monstros, os estropiados e os incuráveis que as outras instituições de caridade recusam. O herói da história começa por sentir a irritação do laico que vê a exploração, com intuitos eleitorais, esses pobres diabos incapazes de compreender ou de decidir guiados para a esperança — é claro que para proveito do partido católico — pelos mesmos religiosos que todos os dias limpam a sua baba e os seus excrementos.

No entanto, ao longo do dia, ele reflecte sobre o mal, sobre o sofrimento, sobre a caridade, e pergunta-se com alguma perplexidade se esses estranhos eleitores não estão, exactamente, a pagar a sua dívida para com os únicos seres que se preocuparam com eles. Texto cuja veia metafísica surgirá nas obras seguintes, de inspiração mais surrealista, por exemplo em *Cosmicomico*.

Italo Calvino morreu em Setembro passado em Siena, com 62 anos

Mas não é do Calvino escritor que quero falar: toda a gente vai agora falar dele. Quero falar do homem que se interessava pelos músicos da vanguarda: Berio, Maderna, Boulez; do homem que com Elio Vittorini elaborava os números da revista *Menabo* procurando instaurar um diálogo entre o neo-realismo da esquerda tradicional e as correntes novas da literatura experimental; do Calvino atento, respeitoso e curioso para com aqueles com quem não estava de acordo.

Ou ainda do Calvino parisiense que seguia com a atenção apaixonada de um estudante as investigações estruturalistas sobre a gramática do conto e que, ao fim de alguns anos, se afirmou como o pioneiro de uma «outra» técnica narrativa interrogando-se sobre ela mesma *(Si par une nuit d'hiver, um voyageur)*. Desse Calvino que, com Perec e o grupo de amigos do Oulipo, participava nos jogos sobre a linguagem sabendo que um jogo também pode ser uma missão.

Nas suas relações com os outros, ele manifestava sempre um certo mal estar e a vontade de regressar a casa o mais depressa possível. Mas, sob essa aparência, não deixava nunca de estar atento aos outros. Na sua qualidade de conselheiro das Edições Einaudi, provou ser um descobridor generoso de talentos novos e soube trabalhar os textos dos outros com a mesma paixão com que trabalhava os seus.

Não posso evitar, aqui, as recordações pessoais. Em 1959, pouco depois de nos termos conhecido, disse-me que tinha acabado de ler numa revista musical um artigo sobre «A obra aberta». Pediu-me para escrever um livro sobre este tema que o interessava. Escrevi o livro mas, por razões de circunstância, o livro apareceu noutro editor. Sem os estímulos de Calvino, não teria metido ombros a este trabalho.

Conto isto para demonstrar como, debaixo de uma máscara de distanciamento e ausência, Calvino sabia estar com os outros, encorajá-los, ajudá-los a criar. Para além do grande romancista, devemos hoje evocar e chorar o animador da vida cultural, personalidade insubstituível da nossa história das últimas décadas.

O seu imaginário gravitava, num equilíbrio subtil, entre Voltaire e Leibniz. Quando soube da sua morte, lembrei-me de uma das páginas em que parecia falar-nos da passagem para universos diferentes. Refiro-me ao *Tempo zero*, uma das suas narrativas mais filosóficas, reflexão sobre Zénon d'Élee e a sua flecha eternamente imóvel:

«O que me pergunto é se, já que de qualquer maneira teremos que regressar a este ponto, não seria esta, para mim, a ocasião de parar, de parar no espaço e no tempo. (...) Para que serve, de facto, continuar se mais tarde ou mais cedo teremos que nos encontrar nesta situação?

Enquanto me concedo um descanso de algumas dezenas de milhares de milhões de anos e deixo o universo restante continuar a sua marcha espacial e temporal até ao fim, enquanto espero a viagem de regresso. (...) Ou ainda que deixe o tempo voltar atrás por sua conta e que depois ele se aproxime ainda, enquanto eu permaneço eternamente à espera vendo se será oportuno decidir-me a dar um novo passo, para dar uma olhadela ao que me acontecerá aqui num segundo, ou se não será melhor parar aqui para sempre».

Um formalista espantosamente divertido

Danièle Sallenave

Nenhum dos sinais da modernidade literária falta na obra de Italo Calvino que está ligada, com evidência, ao grande continente definido pela frase de Valéry de acordo com a qual a literatura não é mais do que a expansão dos poderes da linguagem. Com efeito, toda a sua obra aplica e revela os mecanismos em que se fundamenta, as arquitecturas da língua e da narrativa. E é neste movimento de afirmação e de auto-reflexão que ele ostenta com mais clareza a sua ligação a um «formalismo» moderno. No entanto, é impossível ler qualquer dos livros de Italo Calvino sem sermos agarrados pelo espantoso humor que os anima: a máquina de ler a cavalo, o destino dos países que publicam tudo e onde não se lê nada; a angústia do escritor que *«escreveria muito melhor se não estivesse lá»;* o leite da lua recolhido pelos Terrenos numa concha, etc. Esta presença constante do risco tem evidentemente a função de servir de recompensa pelos execessos de virtuosidade duma sofisticação árida. O humor, tanto como o formalismo, faz parte da constituição da obra. Mas como?

Um curioso texto, publicado no n.º 5 de *Lettre Internacional*, ajuda-nos a compreendê-lo. Nele, Italo Calvino declarava (não sem humor) que era completamente incapaz de participar no grande debate filosófico do século, que se define pela oposição seguinte: ou bem a linguagem é tudo, ou bem o mundo é indizível e a linguagem é nada. Perante este desafio, o autor recua e desiste. Não obedecerá nem a um nem a outro, no melhor obedecerá a ambos. Mas, como veremos, sucessivamento e em termos de facto surpreendentes.

A primeira das duas teorias (a linguagem é tudo), o autor aquiesce, pelo menos aparentemente: ele será o romancista que conhecemos, herdeiro até ao pormenor das formas que o século XVIII inventou, nas quais a narrativa não cessa de se contemplar no espelho de si própria. Mas, ao mesmo tempo, Italo Calvino não deixará de se revoltar contra a linguagem, com as armas de linguagem. Daí o resultado de *Si par une nuit, nuit d'hiver un voyageur,* que não é o romance do romance, nem sequer o romance da impossibilidade do romance, mas, cúmulo de humor e de absurdo, o romance da *impossibilidade de não escrever romance.*

À segunda (que crê que o mundo é silêncio e a linguagem vã), responde igualmente à sua maneira. Que é o eu? Apertada entre a linguagem e o mundo, prisioneiro duma situação incómoda, dolorosa, descobre subitamente que o eu é aquilo de que o mundo precisa para existir, para assumir a consciência de si mesmo. Desse modo, é tão fácil de armadilhar o mundo fingindo obedecer-lhe... O eu, diz Palomar, *não é mais do que a janela pela qual o mundo olha o mundo. Para olhar para si próprio, o mundo precisa dos olhos e dos óculos do Sr. Palomar».* E se Palomar fosse míope ou daltónico?

Vejamos o que Italo Calvino escreveu no texto citado: *«Estou a escrever um livro sobre os cinco sentidos. O problema é que não tenho o sentido do cheiro muito desenvolvido; o meu ouvido não é especialmente subtil nem o meu gosto muito fino; o meu sentido do tacto é bastante primitivo.* Mas será o mundo realmente afectado por aquilo que os avatares lhe impõem? Para isso, existe uma única resposta, e é o humor que a dá.

Os jogos e as máscaras de um romancista metafísico

ITALO CALVINO foi uma das personalidades mais marcantes e mais singulares da literatura italiana actual. Romancista, crítico, jornalista quando calhava, desempenhou do mesmo modo um papel importante no domínio da edição e da vida intelectual em Itália. No entanto, o seu público estendia-se muito para lá das fronteiras da península, em especial em França, onde viveu durante muitos anos.

Ainda muito jovem, impõe-se logo a seguir ao fim da guerra, com **Atalho dos Ninhos de Aranha,** narrativas inspiradas na Resistência na qual participara activamente. Esses contos rompiam o tom tradicional do neo-realismo então em voga: é que Calvino, sem dissimular em nada a gravidade da situação e a crueldade dos combates, introduzia-lhes uma dimensão de fantasia e uma liberdade de invenção de facto surpreendentes.

Já então surgiam os dois eixos essenciais da sua obra: a atenção minuciosa à realidade das coisas e da sociedade e uma imaginação audaciosa que não recuava perante as situações mais imprevisíveis. Desse modo se erguem os **Récits** quadros irónicos das dificuldades ou dos problemas da Itália que, antes dos anos fastos do milagre económico, renascia menos mal do desastre da guerra; e por vezes as suas novelas transformavam-se em textos ampliados nos quais o tom polémico se contamina de angústia **(La Spéculation Immobilière, Le nuage de Smog).** Mas, simultaneamente, a trilogia dos antepassados **(O Visconde Cortado ao Meio, «Le Baron Perché», o Cavaleiro Inexistente)** recuperam a tradição dos contos filosóficos do século XVIII em que o humor impassível é a máscara de uma reflexão moral menos gratuita do que parece à primeira vista.

O recurso ao fantástico é aqui muito mais evidente e Calvino, com uma liberdade que até aí tinha sem dúvida refreado, abandona-se a um tipo denarração muito brilhante mas cuja ironia não dissimula nunca, de facto, nem a angústia nem a emoção.

Um humor cósmico

No final dos anos 50, Calvino rompeu com o PCI — a seguir aos acontecimentos na Hungria — e a crise que atravessou nesse momento traduziu-se no facto dele se ter dedicado exclusivamente a organizar uma enorme antologia de contos populares italianos, ao mesmo tempo que animava, com Vittorini, a revista **Menabo** que era então uma das tribunas mais vigorosas do debate literário em Itália. Ele próprio publicou aí alguns ensaios inesquecíveis, essenciais para a sua própria poética, situando-se a meio caminho entre uma vanguarda que lhe parecia demasiado distanciada da realidade histórica e uma objectividade excessivamente destituída de juízos críticos.

Por volta de 1965, depois de alguns anos de relativo silêncio, Calvino publica a seguir duas compilações nas quais a tonalidade fantástica é muito mais evidente. **Cosmicomics** e **Temps zéro** situam-se quase sempre num universo no qual o mundo que nós conhecemos não adquiriu ainda a sua forma definitiva: células e nebulosas dialogam gravemente como se de facto fossem nossos semelhantes sem que o espaço e o tempo possam constituir marcas estáveis. Nesta ficção científica de um género insólito, a alegoria voava e por intermédio de um humor cósmico eram os problemas do homem actual que víamos em filigrana, enquanto o gosto de uma combinatória rigorosa começava a surgir.

Fascinado pelas tentativas de explicações científicas da natureza, Calvino continuava desse modo a colocar o problema das relações dos seres entre si e com um universo aparentemente coerente mas cuja lógica lhes escapava.

Nesse tempo, Calvino vivia em Paris onde permaneceu durante bastante tempo e onde amadureceu uma reflexão sobre literatura que foi profundamente marcada, ao mesmo tempo, por Raymond Queneau (que ele traduziria depois para italiano) e pelo Oulipo, como por Barthes e Derrida, e igualmente por Borges, o que não será surpresa para ninguém. A recolha dos seus artigos (**La Machine Littérature**) publicada em 1983, em França, permite acompanhar os marcos desta pesquisa teórica, em especial a propósito da cibernética e da escrita de que, aliás, **Castelo dos Destinos Cruzados** pode ser considerado a concretização prática. Foi uma tentativa bastante inovadora de aplicação à narrativa de uma combinatória rigorosa por intermédio de um jogo de «tarots» cujas damas apresentavam os elementos de uma série de histórias. E a personagem do dador de cartas é uma metáfora do escritor tal como o concebe Calvino ao propor e ao interpretar figuras com uma subjectividade a que não renunciou de maneira nenhuma, diga-se o que se disser.

Não se pense no entanto que este livro, assim como **Les Villes Invisibles** que data do início dos anos 70 não são mais do que puros exercícios intelectuais. O que exprime, pelo contrário, a força de Calvino é exactamente o facto de, mesmo em esquemas tão elaborados e rigorosos que essas duas obras subentendem, a emoção, a inquietação, a angústia permanecem muito fortes.

Si par une nuit d'hiver un voyageur (1979), que obteve um grande êxito, tem como ponto de partida uma experiência idêntica por intermédio de uma hábil montagem de dez aberturas de romances encaixadas umas nas outras, põe em causa ao mesmo tempo o leitor e o próprio acto de ler. Quanto à última obra publicada, **Palomar,** traduzida na última Primavera e que foi recebida com reacções algo contraditórias pela crítica italiana, parece abrir novos caminhos, embora se apresente sob a forma tradicional de uma pequena recolha de contos breves. Se o nome da personagem central evoca o de um telescópio famoso, é talvez para atrair a atenção sobre o próprio motivo do olhar, da visão, talvez da contemplação e por vezes do «voyeurisme» aos quais, cada um por sua vez, remetem os vários episódios e os próprios títulos. Talvez Calvino quisesse sugerir, assim, que não acabamos nunca, como dizia Blake, de **ver todo o universo num grão de areia** sob a reserva de afirmar esta visão, de fazer dela uma palavra transmissível para além das perplexidades de que Palomar é, aliás, teatro. A fantasia esbate-se, oculta-se e a ironia deixou talvez de se adequar, já que o autor procura o regresso às próprias fontes da palavra.

Justificar-se-ia no entanto ver neste livro, como se escreveu, um ponto final para lá do qual nada mais seria possível dizer? Parece-me, pelo contrário, que para Calvino ele era, opostamente, a afirmação e a reivindicação deste ponto de fixação: a escrita.

Irónico, subtil, maravilhosamente inteligente, Calvino era um espírito frio e se se quis apresentar sob a máscara de um malabarista, foi sem dúvida porque os jogos para os quais nos convidava eram não um divertimento mas uma elegante metáfora dos problemas com que todos nós nos debatemos.

Mario Fusco

«A Vaga de Calor», Prémio da Crítica

O Prémio da Crítica da Associação Internacional dos Críticos Literários (Centro Português), foi este ano atribuído ao romance «A Vaga de Calor», de Urbano Tavares Rodrigues.

O júri, que atribuiu o galardão por unanimidade, era constituído por Guilherme de Castilho, Álvaro Salema e David Mourão Ferreira.

O Prémio (no valor de 300 contos) será entregue, em data ainda a marcar, no decurso de uma sessão solene na Associação Portuguesa de Escritores.

Como é óbvio, nessa sessão, o romance de UTR será alvo de uma apresentação crítica e de uma explicitação, de como se insere na obra literária do romancista. E isso porque, sendo «A Vaga de Calor» diferente da anterior produção do escritor, a verdade é que pontos há de contacto com alguns dos melhores títulos com que Urbano, ao longo dos anos, enriqueceu a ficção portuguesa contemporânea.

Arthur C. Clarke

Regressa à Colecção *Nébula*
com a sua obra mais recente

CANÇÕES DA TERRA DISTANTE

Milénio terceiro: um mundo novo e maravilhoso, Thalassa, torna-se o lar de uma das pequenas colónias fundadas séculos atrás pelas naves-mães.
Nesse mesmo milénio dá-se o Fim da Terra.
Em Thalassa o idílio foi quebrado pelo aparecimento de uma nave com um milhão de refugiados em hibernação.
Arthur C. Clarke, *na sua obra, publicada recentemente nos Estados Unidos e agora em Portugal, apresenta um trabalho não de fantasia mas de ficção científica no sentido estrito do termo, na mesma linha de* 2001 — Odisseia no Espaço *e* 2010 — Segunda Odisseia.

EUROPA-AMÉRICA...
...a memoria no futuro

Na terça-feira

Sete Ponto Sete

Meditação sobre a «Clepsidra» de Camilo Pessanha

(via Esther de Lemos)

O LHO a serra lá ao longe, na linha do horizonte — neste efémero horizonte de circunstância —, contemplo, nos seus múltiplos verdes, o arvoredo e a folhagem que entre mim e a serra se estendem, e dou comigo a reflectir: Que pensar de Pessanha e da sua poesia? Que pensar da interpretação / interpretações que, da mesma, têm sido feitas? Que pensar de uma análise, aparentemente tão exaustiva, com a de Esther de Lemos («A 'Clepsidra' de Camilo Pessanha — Notas e Reflexões»)? (1)

Pessanha... E dentro de mim ecoa aquela desalentada, patética interrogação que, desde os bancos do liceu (longínquos, já, no tempo e no espaço...), conheci ao Poeta, através dos livros e antologias que povoavam as estantes da casa:

«Quem poluiu, quem rasgou os
meus lençóis de linho,
Onde esperei morrer, — meus tão
castos lençóis?»

Interrogação a que, na memória e na sensibilidade, sempre se me associou a injunção com que remata o soneto:

«Alma da minha mãe... Não
andes mais à neve,
De noite a mendigar às portas dos
casais.»

Pessanha... Um poeta, apesar de tudo, imerso na vida — ou distante dela e ignorando-a? Apostado em vencer algo — ou desistindo, «ab initio», de todo e qualquer combate?...

Acontece que, para críticos como João Gaspar Simões, ainda apegados, bem romanticamente, à necessidade de um referente objectivo, Pessanha não está neste mundo, nada de concreto diz sobre a vida, não formula, não esboça sequer, quaisquer ideais... (2)

Será, porém, assim que devemos considerar Pessanha e a sua poesia? Ou será de tentar localizar o poeta e a obra adentro de uma época, buscando surpreender os fios que, unindo aqueles a esta, os explicam?

Vejamos...

Décadas atrás, a burguesia havia-se apossado do poder político. Uma burguesia persistente e combativa, que os intelectuais (aliás, na sua maioria, dela oriundos) abertamente apoiavam. Tinham-se sonhado sonhos promissores: o progresso, o domínio da equidade, a justiça social, mais do que simples propósitos, haviam sido apontados como metas atingíveis...

À ilusão, porém, sucedera a desilusão. A ordem antiga não se desmoronara tão irreversivelmente como se ousara pensar. Ou, se se desmoronara, deixara atrás de si intrincadas e resistentes sequelas. Ao frade, como assinala Garrett nas suas «Viagens», substituira-se o barão. Aos escassos milhares de nobres e instituições clericais terratenentes, havia sucedido um número praticamente equivalente de notáveis famílias burguesas, o que permitia concluir que a propriedade tinha tão-somente mudado de mãos...

Reagir contra semelhante naufragar dos grandes sonhos? Foi o que tentaram alguns, melhor mesmo: algumas gerações. Nos anos cinquenta. Nos anos sessenta. Antes e depois da «Questão do Bom Senso e Bom Gosto»...

Que se fez, porém, de válido, de sólido, de meritório? — Esta a pergunta que, pertinente, se põe no tempo de Pessanha, na viragem do século, no dealbar sem esperança de Novecentos.

Nos (mais ou menos obscuros) jornais em que vão surgindo, os poemas de Pessanha são, assim, nos últimos anos do século XIX, uma nota de compreensível desânimo. De um desânimo contudo, consubstanciado em arte.

É esse desânimo transformado em arte, melhor, é a arte de transformar o desânimo em poesia, que Esther de Lemos longa, quase exaustivamente analisa nas suas «Notas e Reflexões» sobre a «Clepsidra».

A uma primeira leitura deste curioso estudo de estilística, afigurou-se-nos que, num que outro ponto, a respectiva autora teria levado demasiado longe a sua análise, a sua pormenorizada dissecação, acabando por distinguir planos, aspectos, «nuances» enfim, onde, porventura, em boa verdade não seria lícito distinguir tanto ou tão profundamente.

Reflectindo, porém, um pouco mais sobre o assunto, acabámos, bem pelo contrário, por concluir que bem fez Esther de Lemos em ter levado quase

até ao extremo a sua penetrante análise — uma análise que tanto deve à inteligência como à sensibilidade —, pois a verdade é que a obra de arte não é apenas aquilo que o criador criou, ou julga ter criado, mas também quanto quem a frui nela descobre, encontra, valoriza. E o certo é que a poética de Pessanha, aparentemente, despegada de parâmetros de espaço ou factuais, se presta, como poucas, a sucessivas, e sucessivamente superantes, interpretações / reinvenções — criação libérrima (como, para si, Régio pretendia a poesia) que é a «Clepsidra».

A obra criada vive assim uma outra vida — como que renascendo, qual Fénix, das cinzas das interpretações anteriores — a partir do olhar (olhar de olhos e cérebro) de quem a contempla.

Ora haveremos de convir em que o olhar com que Esther de Lemos contempla a «Clepsidra» é um olhar uberemente recriador. Não fosse a autora das «Notas e Reflexões» senhora de tão ricos sentidos — sentidos também da alma, que não apenas do corpo —, e não teríamos nunca levado a cabo tão profunda e «assistida» incursão no universo do Poeta... (3)

Visando introduzir um método neste seu curioso trabalho — trabalho cuja técnica vem a reconhecer posteriormente poder encontrar-se ultrapassada (4) —, Esther de Lemos percorre, com segurança, múltiplos caminhos: inventaria os sons vocálicos e consonânticos mais frequentemente usados por Pessanha — inventário que chega a ser minucioso em reação a muitos dos poemas; ajuíza da adequação desses sons à transmissão «impressionista» do que o poeta tinha para nos dizer; analisa as comparações, os tropos, os tipos de metáforas; estuda a estrutura sintáctica das frases; foca os efeitos que Pessanha pretende alcançar com as suas frequentes elipses e hipálages; debruça-se sobre a métrica dos versos (notando as suas eventuais falsas terminações, as suas rimas internas...), a distribuição dos acentos, o ritmo dos poemas; sublinha as sinestesias; põe a claro a alternância de heróicos com sáficos, d uns e outros com anapestos; surpreende, enfim, a prodigiosa sensibilidade musical do poeta — e acaba por concluir, com sobejo fundamento, que é com particular mestria que Pessanha se serve de todos os seus recursos para nos comunicar a forma como viâ o Mundo — um «ver o Mundo» que relevava tanto dos olhos do corpo, como dos da alma e do espírito. Um «ver o Mundo» que a cada passo se descobre afectado pela sobreposição da «visão de dentro» à «visão de fora» (a dos sentidos) (5).

Nada, praticamente, escapa ao dilucidar analítico de Esther de Lemos: das características do olhar com que o poeta envolve a realidade, ao papel que o tempo, a memória e o movimento desempenham na sua poesia; do significado da cor e da luz ao alcance significativo da água e do som; das personificações e animizações que ocorrem na sua poesia às imagens e visões inacabadas que tão profundamente a caracterizam...

Que nos fica de todo este incansável viajar de Esther de Lemos pelo mundo de Pessanha? Porventura a ideia justa, a ideia correcta: a de um poeta que, tendo vivido no declínio do século e (ao que frequentemente então se supunha) da civilização, se recolhe na convicção íntima e profunda de que todo o combate é inútil.

Perante a ideia da Morte — que o persegue —, nada terá relevância. Nem a riqueza material nem a ciência. Nem a juventude nem o sonho. Nada:

«Onde vamos, alheio o pensamento,
De mãos dadas? (...)
(...) sobre nós cai nupcial a neve,
Surda, em triunfo, pétalas, de leve
Juncando o chão, na acrópole de gelos...»

Tudo foi em vão. Fugidia, a vida é sempre ilusão, «castelos doidos», sonhos desfeitos... E, no entanto, dir-se-ia que o poeta alcança alguma satisfação ao contemplar, de dentro do seu «eu», esse «butro» que não hesitaria em se afoitar à vida, aceitando o seu desafio:

«Esbelta surge! Vem das águas, nua,
(...)
Morre-me a boca por beijar a tua.

Sem vil pudor! Do que há que ter
vergonha?
Eis-me formoso, moço e casto, forte
(...)»

Embora enganadora, embora efémera, dir-se-ia que, a espaços, de longe a longe, a vida apeteceria ao poeta da «Clepsidra» — dessa «Clepsidra» por onde, fugidia, passa, anunciando, em cada crepúsculo, a Morte.

Pessimismo, negativismo, decadentismo que se tem a ver com o contexto histórico-cultural em que o poeta vive (como lembram Óscar Lopes (6), e outros), radica, muito principalmente, como sustenta Esther de Lemos no último capítulo das suas «Notas e Reflexões», na idiossincrasia, na sensibilidade, na maneira de olhar o Mundo do próprio Pessanha. Não se lhe poderia, enfim, pedir que olhasse o Mundo com outros olhos que não fossem os seus, que o sentisse com um outro coração que não fosse o dele, Pessanha, poeta simbolista, impressionista nas suas sinestesias e vagos contornos, poeta impregnado de todo o decadentismo «fin de siècle»...

Vibrátil, musical, mas também nocturna e lúgubre, a linfa da sua «Clepsidra», escorrendo gota a gota, chegara à exaustão.

Que restava ao poeta se não este patético e derradeiro grito que as sombras, que ora vejo cobrir a serra e o vale, me trazem ao espírito?

«O cores virtuais que jazeis subterrâneas
(...)
No limbo onde esperais a luz que vos baptize,
(...)
Adormecei. Não respireis. Não respireis.»

Manuel Alexandre Alvim

Notas

(1) 2.ª edição, Editorial Verbo, Lisboa, 1981.

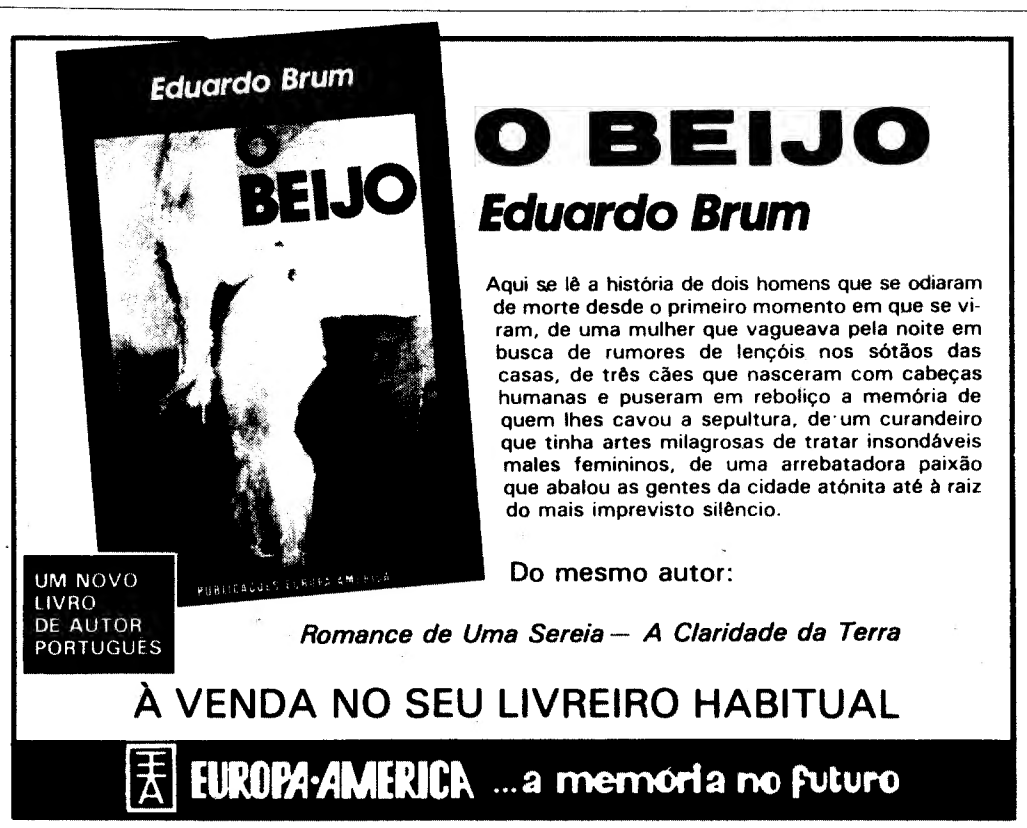
(2) Também Tereza Coelho Lopes, in «Clepsidra de Camilo Pessanha», 2.ª edição, Editorial Comunicação, Lisboa, 1983, se insurge contra a apreciação que J. G. Simões faz da poesia de Pessanha (Vd. pp. 34-35).

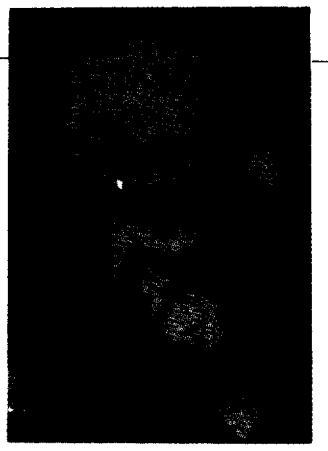
(3) O referido estudo de Tereza Coelho Lopes não constitui uma tão longa «viagem guiada» à poética de Pessanha; em compensação, sugere ao leitor uma série de pistas que se nos afiguram do maior interesse.

(4) Efectivamente, já a obra de Esther de Lemos sobre a «Clepsidra» saíra a lume (1.ª edição, 1956), quando novos e «revolucionários» trabalhos sobre a metodologia das ciências literárias começavam a ver a luz da publicidade (de autores ingleses, holandeses, franceses, norte-americanos, soviéticos...).

(5) Numa antecipação ao interseccionismo pessoano.

(6) In «Literatura Portuguesa II (Época Contemporânea)», Estúdios Cor, Lisboa, 1973.





Na **Bertrand** *acabam de sair «Cartas sem moral nenhuma» e «Agosto Azul», mais dois volumes das obras completas de Manuel Teixeira Gomes, cuja publicação a editora iniciou com «Inventário de Junho». São páginas de uma vivacidade e de uma beleza que urgia revisitar, e das quais, com gosto, aqui deixamos um pequeno exemplo.*

«Agosto Azul», de Teixeira Gomes

VAMOS visitar a esquadra inglesa do Mediterrâneo, que ancorou ontem na baía de Lagos.

Chegou ao cais muito antes de nascer o Sol, quando o crepúsculo se anuncia por súbitas opacidades que tisnam o céu absorvendo momentaneamente o brilho das estrelas.

A água cuspinha nas pedras do embarcadoiro, sob a tenda de trevas que o encobre, e a meio do rio, ao sabor da sua corrente de tinta negra, serpeia uma oleosa, fugitiva esteira de luzentes reflexos.

Mas depressa bafeja a subtil aragem matutina...

Pelo azul nocturno do remotíssimo céu alargam-se claridades de vidro que um forro de pano escuro espelhasse...

O silêncio amodorra-se molemente perturbado pela respiração rítmica do mar, que mal soa distante, espaçada e funda...

Os barqueiros juntam-se calados e aprestam o bote sem trocar palavra; os baques secos dos pés descalços no oco dos paneiros retumbam singularmente cavos.

Já todos estão a postos e um deles exclama: — «Pronto!» — com o tom de voz longínqua e apagada.

Embarco.

Os quatro remos chapinham, em monótona cadência, na água ferida de fosforescências breves...

Seguimos contra a maré, cerce à linha curva do dique, gemem penosamente os remos nos toletes, mas os barqueiros remam rijo e em poucos minutos tocamos no *Convento* onde o meu companheiro de passeio aguarda. É um catalão agigantado cujo peso lastra convenientemente o bote.

Vogamos de novo.

Á Ponta da Areia já reluzem mais trémulas as estrelas pelo céu que esfria, a leste a linha do horizonte alveja e endurece, entre sombras fofas, como o tubo polido de farta pluma cincenta...

Logo as sombras ruborescem apertadas em rede prateada.

Aproamos à barra.

Os catraeiros remam silenciosos ou falam baixinho para não trilhar a paz serenissima da manhã...

Já haurimos a frescura da amplidão salgada...

O mar marulha brandamente nas restingas da barra que nós transpomos sem ondulação sensível.

Vamos rente com a praia que não vemos, mas percebemos-lhe os recortes traçados na obscuridade pelas curvas sonoras da onda que se alastra preguiçosamente na areia inerte.

Por cima dos alcantis da costa progride a alvorada, cinge-se o céu de faixas de oiro cor de limão golpeadas a carmim e o mar dilata-se infinitamente quando rebenta a luz do Sol, jorrando fogo como se por detrás do céu tudo fosse metal fundido...

Dão-me no peito nu os primeiros raios do Sol, que eu esperava erguido à proa do bote, e atiro-me à água onde mergulho de olhos abertos, em voluptuoso torvelinho de prata lacrescente. Tenho a ilusão de uma possível metamorfose, com arrancos de golfinho, pelo lençol da água esverdinhada onde todo o meu corpo se embebe de fresquidão...

Mas o Sol aquece: os barqueiros já limpam as testas que escorrem em bagas de suor.

Visto-me.

O casario de Lagos, ao fundo da baía, vai perdendo a sua líquida brancura de cal derramada e os navios de guerra, até ali meras sombras, surgem da água maciços, disformes, desarvorados, como leixões providos de artilharia.

Mais de perto, quando se evidencia, irrefragável, a sua estrutura flutuante e os vemos cheios de rígidos vultos negros, sugerem a ideia de um êxodo de gigantes convertidos em franciscanos, que aguardam imóveis, engolfados nos capuzes de ferro, o sinal do desembarque.

Mas a bordo dos couraçados não andam monges: é a aglomeração dos ventiladores colossais em volta das chaminés que nos excita a fantasia.

Aproximamo-nos.

É a hora do banho para a marinhagem que se apinha nos castelos da proa ou já se balouça em cachos de baralhadas formas nuas nas cordas suspensas dos paus de surriola.

Jogam-se à água, muitos com saltos de acrobatas, e uma chusma deles cercanos o bote lançando-lhe as mãos à borda como se o quisessem tomar de assalto.

É uma cena rara.

A um marujo ruivo, cm o torneado arcabouço de pião, que assomara ao bote e ficou debruçado, a meio corpo, damos-lhe vinho pela borracha. Bebe sôfrego e sem jeito, com dois fios de púrpura a fugirem-lhe das comissuras dos lábios até encherem as conchas em que se lhe ajeita a carne no vão das clavículas.

Outros querem também beber.

Para despachar, o meu companheiro abre garrafas de cerveja e vai-os servindo a dois e dois, metendo-lhes os gargalos pelas bocas escancaradas.

Eu digo aos catraeiros que tirem fruta das canastras bem providas que levamos e lha dêem a comer.

O quadro toma tintas de exultante paganismo: aqueles corpos nus emergindo da água; as serpentes nodosas de tantos braços brancos agitando-se sobre as bordas do bote e à altura daqueles rostos húmidos, de expressão risonha e gulosa, as nossas mãos cheias de frutas, com os figos brandos, os pendentes racimos de uvas, as peras louras e as rubras talhadas de melancia a desfazerem-se em sumo de encontro às faces imberbes...

Alguns abocam, arrepanhando brutalmente os frutos, com o jeito cómico de cães esfaimados; aquele chupa demoradamente uma laranja furada; na testa doutro esborracha-se um figo inchario...

Mas todos agradecem com olhos de encanto o maná perfumado desta nossa terra de promissão...

Tanto se carrega o bote de gente que lhe começa a entrar água dentro; nós nem damos por tal, tão absortos e azafamados na divertida tarefa. Soa a bordo dos couraçados o toque de recolher a tempo de nos poupar ao forçado banho... Afasta-se a marujama em cardume, voltando de quando em quando as cabeças para clamar uníssona as derradeiras saudações...

É hora de almoço mas temos de renunciar ao abrigo relativamente fresco do nosso toldo branco para ir a terra refazer as provisões pouco menos de exaustas...

O calor aperta despropositadamente e quase nos fazem compaixão os soldados ingleses que encontramos pela cidade e cujas caras de baetão vermelho mal se diferenciam da cor das suas jaquetas.

Demoramo-nos até ao meio-dia e como nos avisem de que a bordo não recebem visitas antes das duas horas procuramos matar o tempo em terra.

Lembro-me de uma sesta dormida à sombra dos rochedos, na areia seca da praia, e saímos da cidade em busca de local apropriado.

A costa fragosa cava-se em série de calhetas cilíndricas que não comunicam entre si e formam bacias naturais aproveitadas pelos banhistas.

Àquela hora de folga tudo está repleto. Bandos ruidosos de operários, em cujos corpos macilentos a vida encerrada das fábricas pôs o inconfundível selo, ocupam as primeiras angras; noutras, a seguir, os rapazes do campo, sólidos e lestos mas medrosos, lavam-se à babugem das ondas e vêem secar os corpos rolando-se na areia assoalhada para voltar de novo à água; alguns mais arrojados e destros nadam pelo mar fora soltando gritos agudos. Finalmente topamos numa enseada distante com dois escaleres da Armada que dois marinheiros nus enchem de areia. São marujos malteses, de pele baça e modelados como hércules: os mesmos corpos de possantíssimos escravos que as gravuras antigas punham a remar nas galés do Grão Turco&&. Era placidamente heróico o espectáculo dos seus trigueiros corpos atléticos, que se bronzeavam à sombra lavados nas quentes reverberações da luz, a moverem-se, leves, pela praia fora, insensíveis ao peso enorme das canastras de faia que transportavam à cabeça, coguladas de areia seca.

Passou a hora da sesta e é tempo de tornar ao bote e à esquadra.

Os fornecedres de bordo oferecem-se para nos conduzir ao *Revenge* mas ali recebem-nos de má vontade e pela escada de bombordo. Pergunto se o navio-almirante admite visitas e para lá me dirijo mau grado a resposta negativa que obtenho a bordo do *Revenge*.

Atracamos ao patamar inferior da escada de estibordo e grito à sentinela que preciso falar ao oficial de serviço.

Sem demora o oficial aparece, rosado e glabro, no seu imaculado uniforme de linho branco, inclinando-se cerimoniaticamente, a inquirir o que desejo.

— Desejo visitar o barco, mas não subo pela escada de bombordo...

O oficial sorri e fixa-me com curiosidade. Vai consultar o seu superior. Volta. Podemos subir, mas somente eu e o meu companheiro. À gente dos outros botes que nos seguiram é negado o acesso.

Surtiu o seu efeito a pequenina cena de snobismo a que a alma britânica é tão sensível. O oficial, muito amável, dá-nos um marinheiro com olhos de «ingénua» para nos pilotar. A visita é monótona e aborrecida apesar do empenho que o guia mostra de nos entreter.

Os couraçados dão-me a uniforme impressão de uma vida exclusivamente mecânica, trabalhando por engrenagens de ferro, mas sem a alegria da fábrica cuja alma se apreende no movimento aéreo dos transmissores; a bordo dos couraçados escasseia o tempo e falta o ar à tripulação que até parece ali de mais, naquela clausura blindada. Tudo é brutal, hirto, cativo. Nem uma única inflexão de corda solta ao capricho do vento, nem a alegria duma vela que drapeje, nem a esperança duma tábua de salvação na tragédia dos naufrágios.

Sente-se que um segundo bastará ao mar para engolir toda aquela mole metálica. A casca de noz do simples batel infunde-me mais confiança.

O nosso entendido e diligente guia mostra-nos o manejo dos canhões monstruosos, das peças de tiro rápido e dos torpedos feitos à feição de esqualos e pergunta-nos, baixando pudicamente os olhos, se as raparigas portuguesas são bonitas.

O primeiro sinal de vida palpitante a bordo do imane couraçado percebêmo-lo nesta pergunta espremida a custo e à qual a timidez com que é feita dá um sentido ardente...

E não resta dúvida; afora o perpétuo grito da cruz escarlate na bandeira desfraldada, tudo, naquele recinto, se ressente da impenetrabilidade do aço: miragens da existência livre e escumas da onda inquieta morrem desfeitas nas chapas inflexíveis que lhe revestem o costado...

De uma das pontes observamos os marinheiros que descansam no castelo da proa: ali mesmo a animação é nula. Conversam a meia voz. Reconhecemos alguns dos que regaláramos de manhã com fruta e vinho; agora olham-nos quase a medo.

Um deles, ajoelhado, acorda o companheiro que dorme, passando-lhe a mão pelo rosto e tocando-lhe nos lábios com uma maçã. Desperta o outro; ambos comem da maça e sorriem amorosamente. É o melancólico idílio das camaradagens marítimas: os dois coram como donzelas ao surpreender a curiosidade com que os espiamos...

Descemos ao bote e damos ordem para o regresso, recomendando aos catraeiros que remem devagar.

É tão activa a reverberação do sol na superfície da água que julgamos vogar entre sargaços de fogo.

O calor sufoca e dos corpos dos barqueiros escorre o suor em tal abundância que faz poças nos paneiros.

Nós abrasamos também, mesmo debaixo do toldo branco.

— Se houvesse aqui perto alguma praia com sombra, íamos para lá esperar o pôr do Sol... — digo eu já insofrido.

— Passados Os Três Irmãos de Alvor — são três leixões agudos que avistamos cerca — na Ponta de João de Ourém há umas praiazinhas, mas não valem nada...; só na baixa-mar é que ficam a descoberto...

— Voltamos lá já...

— A Ponta de João de Ourém é um montão de rochas a crescer pelo mar dentro e visível em toda a linha da costa desde a Ponta do Altar até à Ponta da Piedade.

Rochedos amontoados brutamente dando um perfil tumultuoso e áspero, com luzernas de céu e mar a resplandecer pelos vãos dos penedos sobrepostos.

Ao pé, esses penedos separam-se em labirinto de leixões semeados no mar, a esmo, levando por sinuosos canais sombreados aos pequenos refúgios da costa. As rochas levantam-se desigualmente: algumas afloram ou assomam os tenebrosos cabeços vincados por paralelas de gumes, à mais leve ondulação do mar; outros abrem-se em arcos franjados de algas verdes ou aguçam-se em pontas carcomidas; finalmente, dois ou três muito altos e cilíndricos erguem-se da água transparente com a solidez e o arrojo de torres fortificadas, enegrecidas e húmidas até onde lhes bate a água, mas os remates, brunidos pelo vento e amarelecidos ao sol, tão secos e lisos como se fossem de marfim.

O bote acolhe-se ao umbroso remanso de uma gruta baixa, donde nós alcançamos terra saltando, descalços, ao lume de água sobre cachopos escorregadios.

Achamos praia de areia seca mas quase toda no perímetro dum fojo imenso cujo incessante esboroamento tornaria a nossa demora, ali, arriscada.

Resolvemos passar o resto da tarde dentro de água. O meu gigantesco e obeso companheiro despe-se e fica sentado numa pedra, com água pela cintura, a chapinhar as polpas do tronco que se ordenam em roscas vermelhas, todas subordinadas ao aninho do umbigo, como a animada estátua de um Buda de raça loira.

Eu nado à aventura por entre os rochedos, na afagosa sensação da fluidez que embala, explorando furnas lôbregas, onde a carne mal se esquiva ao contacto das pedras que anavalham, e mergulhando de olhos abertos para atravessar buracos de rochas submersas, cujas bocas oscilam, recuando ou adiantando-se, ora ampliadas ora sumidas, pelas glaucas profundezas da água agitada.

O corpo estremece-me no silêncio das sombras onde a água estagna gelada e cristalina e daí foge, arrepiado, coando-se pela água amornecida das passagens assoalhadas, com os membros laxos de quem flutua, inerte, ao sabor de uma preguiçosa corrente de frouxéis de arminhos.

Ando nisto duas horas ou mais quando enxergo, em cima de uma larga pedra rasa e rente com o mar, um pescador de cana que se esforça inutilmente por tirar a linha da água. O corpo dobra-se-lhe em arco perfeito, tal é a violência com que forceja por soltar a linha, e cai, assim dobrado, de costas, quando subitamente o peixe que a prendia salta da água e lhe vem bater no peito. É um grandíssimo congro a descrever arabescos prateados por entre os membros do pescador que o tenta sujeitar com o peso do corpo. Mas o peixe viscoso coleia, enfurecido, resvalando pela carne nua e ambos ficam a escabujar sobre a rocha limosa.

Com o meu auxílio doma-se o monstro e é então que eu reconheço a custo, na elegância da sua nudez de adolescente, o pescador, um garoto, grande traquinas, a quem por pedido dos pais eu diligenciara debalde meter na escola de marinheiros.

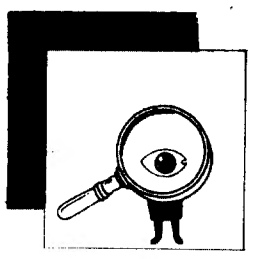
[redacted]

Esta quarta edição de «Agosto Azul» inclui um prefácio de U. Tavares Rodrigues e é anotada por Helena Tavares Rodrigues, Vítor Vladimiro Ferreira e pelo prefaciador.

Acabados de Chegar

■ **O Meu Amigo General, Graham Greene, Tricontinental Editora, Col. Memória da História.**

O general amigo de Graham Greene chama-se Omar Torrijos Herrera, presidente do Panamá entre 1968 e 1981, ano em que viria a morrer quando o avião em que se deslocava se despenhou em circunstâncias que ainda hoje permanecem obscuras. O escritor preparava-se para mais uma viagem ao Panamá quando foi informado da morte de Omar Torrijos Herrera. O romance que preparava, tendo como pano de fundo aquele país centro-americano, acabou por ceder lugar a uma crónica, «um relato pessoal, baseado nos diários que escrevera nos últimos cinco anos, como tributo a um homem que eu aprendera a estimar durante esse tempo». Mas o livro agora publicado em Portugal é ambém — como afirma o escritor — a história de Chuchu, guarda-costas do presidente, ex-professor de Filosofia Marxista na Universidade de Panamá, professor de Matemática e poeta; e a descoberta de «um pequeno país estranho e belo, partido ao meio pelo Canal e pela Zona Americana».

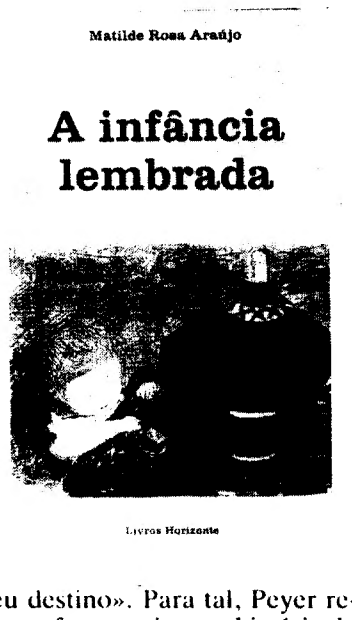


■ **Vida e Obra de Fernando Pessoa, História de uma Geração, João Gaspar Simões, 5.ª edição revista, Publicações Dom Quixote, Col. Estudos Portugueses.**

Em 1950 era editada a primeira edição desta obra. Mais de trinta anos depois, o autor considera que esta «Vida e Obra de Fernando Pessoa, História de Uma Geração» mantêm o seu lugar na «vasta, vastíssima, bibliografia passiva do homem e da obra» de Pessoa. Conforme recorda João Gaspar Simões, a primeira edição desta obra foi considerada pela família do poeta um «insulto» à sua memória. Em 1971, data da segunda edição, o autor referiu-se a este incidente. Em Março de 1986, altura em que escreveu o prefácio desta nova edição, reafirmava que a imagem de Pessoa por ele traçada no estudo em causa foi sendo reforçada de ano para ano. João Gaspar Simões, que recentemente faleceu, sabia que esta edição seria a última. Como ele próprio afirmou, «é de todo em todo provável, dada a muita idade do autor, que esta seja a última edição desta oba impressa em sua vida. Com ela se despede, pois, o Biógrafo de Fernando Pessoa dos seus leitores...».

■ **Introdução ao Romantismo, Henri Peyer, Publicações Europa-América. Col. Saber.**

Henri Peyer considera que esta obra «procura acima de tudo ser útil a quantos desejam compreender toda a extensão e a força desse movimento romântico que abalou a nossa sensibilidade, alargou imensamente a nossa imaginação, libertou o individualismo e tornou o homem moderno para sempre insatisfeito do seu destino». Para tal, Peyer recusou fazer mais uma história do romantismo literário, optando antes por o ligar ao seu meio social e político.

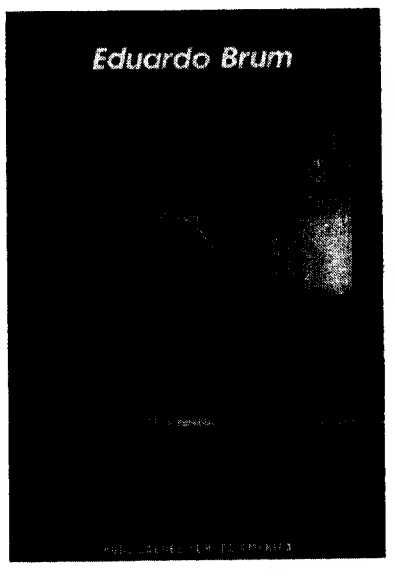


■ **O Regresso de Sherlock Holmes, Sir Arthur Conan Doyle, Publicações Europa-América, Col. Clube do Crime.**

Muito antes das telenovelas brasileiras ou de séries como «Dallas» e «Dinastia», Conan Doyle atravessou a mesma experiência que os produtores e realizadores destas ou seja, modificar o destino dos protagonistas consoante os desejos expressos pelo público. Na verdade, o escritor tinha já morto Sherlock Holmes e encerrado as suas aventuras, quando foi obrigado pelos seus leitores a desempenhar o papel de Deus... Ressuscitado da morte provocada pela queda num abismo para onde o professor Moriarty o empurrara, Holmes regressa à actividade e prepara a vingança.

■ **Aliens, O Recontro Final, 1.º volume, Alan Dean Fosters, Publicações Europa-América, Col. Ficção Científica.**

Livro baseado no argumento de James Cameron, realizador do filme com o mesmo título que recentemente esteve em exibição em várias salas lisboetas.



■ **O Beijo, Eduardo Brum, Publicações Europa-América, Col. Século XX**

Do mesmo autor que «Romance de Uma Sereia», «O Beijo» conta a «história de dois homens que se odiavam de morte desde o primeiro momento em que se viram, de uma mulher que vagueava pela noite (...), de três cães que nasceram com cabeças humanas» e de outras coisas mais.

■ **A Infância Lembrada, Matilde Rosa Araújo, Livros Horizonte**

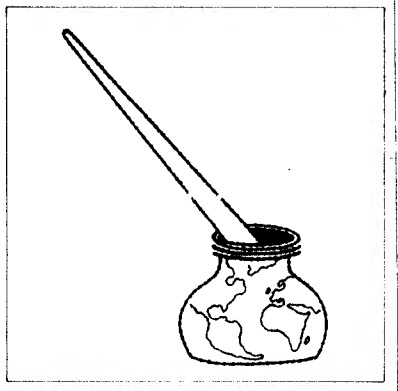
Neste livro, Matilde Rosa Araújo compila poemas, textos, contos de autores que «confessaram lampejos ou serenas memórias da sua infância». No final, uma certeza: «a seriedade, a importância dolorosa que tem para a vida do homem a infância-apreendida ou que se julgou esquecida». São, como diz Matilde Rosa Araújo, páginas onde se põe em «equação as coordenadas fundamentais da vida – em pranto ou em riso – mas nunca caricaturas imbecis do que toca fundamentalmente o coração do homem». Alguns dos escritores escolhidos por se lembrarem da infância: Sofia de Mello Breyner Andresen, Eugénio de Andrade, Mário Dionísio, Miguel Torga, Manuel Alegre, Isabel Barreno, Irene Lisboa.

■ **A Canção de Mucário, José Manuel Heleno, Livros Horizonte**

Em Felicitas, a vida foi interrompida quando se deu a partida para a cruzada. Todos os que foram nunca mais voltaram... Mas de Felicitas falava a Crónica das maravilhas, chamada depois Canção de Mucário...

■ **«Análise Social», revista do ICSUL**

A revistas do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (n.º 91, terceira série, vol. XXI) publica artigos de Miguel Esteves Cardoso («O conceito de autoridade democrática em Sociologia Política»), Mário Murteira («Portugal na segunda metade do século XX: do Estado absoluto à Nação democrática»), de Ana Nunes de Almeida («A fábrica e a família; para uma sociologia das famílias operárias»), de Maria Beatriz, Rocha-Trindade («Do rural ao urbano: as estratégias associativas de sobrevivência»), de Maria de Fátima Bonifácio («A Associação Comercial do Porto no contexto político-económico do segundo quartel do século XIX»), de Aida Valadas de Lima («Sobre a Agricultura a tempo parcial, em Portugal»), de Pedro Lains («A tese da dependência revisitada: exportações portuguesas — 1850-1913»). Manuel Braga da Cruz publica uma informação sobre: «Novas revistas de ciências sociais em Portugal». A revista «Análise Social», como habitualmente, insere uma extens relação de revistas com o enunciado dos respectivos sumários o que tem o maior interesse para os investigadores e estudiosos das ciências sociais.



O eu nos outros

Venham mais cinco

«O semelhante vê o semelhante» — escreveram, há muitos e muitos séculos, os Pré-Socráticos. Eles tentavam resolver o problema da percepção, como os nossos olhos são afectados pelos objectos do mundo e também o inexplicável fenómeno da emoção que esse mesmo mundo provoca em nós. Se ousarmos um nada, talvez possamos confessar aqui à puridade que em tais conjecturas já se desenha (ou se vai desenhando) uma aproximação ontológica.

Se meditarmos no juízo pré-socrático «o semelhante vê o semelhante», e ultrapassarmos um certo carácter empírico dessas primeiras tentativas gregas, facilmente nos daremos conta de que há uma aproximação entre o ente que pensa e algo que o sobreleva. Quanto mais simples formos nessa busca do «antes de tudo o mais», de um mero ponto simples, de uma incógnita cuja luz nos extasia, mais nos aproximamos (por paradoxal que pareça) dos outros. Os outros surgem-nos como a nossa transcendência, e, porque assim, mais nos aproximamos da máxima simplicidade de tudo.

Assim foi José Afonso, que ainda há não muito tempo, ou pela rádio ou pela Imprensa, manifestara o desejo de voltar a estudar os primórdios da Filosofia grega. Como me seria grato — teria dito — voltar de novo ao estudo dos pré-socráticos! Certamente que o juízo «o semelhante vê o semelhante» fazia parte da sua formação, da sua maneira de ser, do seu humilde saber estar no mundo. Eis, pois, que, como trovador, nos vai ofertando degraus de uma ascensão conducente à fraternidade humana. Que se ouça, para já, «Traz outro amigo também» e, ouvindo, que saibamos concluir que o terceiro excluído só existe na Lógica, na Matemática, nos números — e de maneira nenhuma no seio da existência humana. Há sempre um terceiro, por mais diferente que de nós seja, susceptível de ser por nós recebido...

E como os outros são muitos, como «o semelhante vê o semelhante», terra com terra, sol com sol, azinheira com azinheira, eis que um dia Zeca Afonso manifesta a sua íntima individualidade em «Grândola, Vila Morena». Já alguém esqueceu o metro desses versos, o ritmo dessa música, a paisagem a caminhar com os homens, sempre e sempre, até ao fim de todos os ruídos...? Certamente que não: o próprio sangue, à rebeldia de quaisquer preconceitos, entoa essa canção — o sangue que, segundo os pré-socráticos, era a mais perfeita mistura dos quatro elementos básicos: ar, fogo, terra e água.

«O semelhante vê o semelhante» — e porque as coisas são assim, porque há sempre alguém que pode sentar-se à nossa mesa, é que tu, que ora te foste (embora a tua porta não esteja fechada e sempre continue fora do trinco), soubeste escrever e cantar evoé! «Venham mais cinco!»

Pedro Alvim